



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

O Contributo do Repositório Digital do IPCB: As Opiniões e o Impacto da sua utilização na Investigação realizada na ESECB

Cecília da Conceição Reis Ramos

(Versão final após defesa)

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Ciências Documentais

(2º Ciclo de Estudos)

Orientadores

Professora Doutora Maria da Graça Guilherme de Almeida Sardinha

Professor Doutor Henrique Manuel Pires Teixeira Gil

Covilhã, junho de 2016

Dissertação em Ciências Documentais apresentada à Universidade da Beira Interior, elaborada por Cecília da Conceição Reis Ramos, sob a orientação da Professora Doutora Maria da Graça Guilherme De Almeida Sardinha e do Professor Doutor Henrique Manuel Pires Teixeira Gil, para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Documentais (2º Ciclo).

Dedicatória

A quem me deu a Vida

A quem me dei na Vida

A quem eu dei à Vida

Agradecimentos

Um desafio a que me propus, depois de ter sonhado e desejado, eis que a meta foi alcançada, com a ajuda, colaboração e ensinamentos dos que, de perto, comigo privaram.

Neste caminho desafiante, com piso irregular, agradeço aos meus orientadores: à Professora Doutora Graça Sardinha e ao Professor Doutor Henrique Gil, pela capacidade que tiveram em escutar as minhas angústias, em contornarem as minhas dificuldades e em conseguirem transmitir-me, sempre, confiança e motivação impulsionadoras que me incentivaram a continuar a minha caminhada, que culmina no trabalho de investigação aqui apresentado.

Muito obrigada.

Agradeço a todos os que contribuíram para a concretização deste estudo, nomeadamente, aos Coordenadores de Mestrado que, simpaticamente, se disponibilizaram para me concederem as entrevistas e aos Estudantes de Mestrado que, pacientemente, preencheram os inquéritos por questionário. Sem eles, o estudo não teria sido possível. Quero ainda agradecer ao Professor Doutor Paulo Silveira, pelo apoio que me facultou, relativamente ao tratamento estatístico dos dados.

Muito obrigada.

Consciente do tempo que não consegui dedicar aos que mais me são próximos, deixo o meu maior agradecimento, pela compreensão e aceitação das minhas ausências.

Muito obrigada.

Resumo

Conhecer o contributo do Repositório Digital do IPCB (Instituto Politécnico de Castelo Branco), as opiniões e o impacto da sua utilização na investigação realizada na ESECB (Escola Superior de Educação de Castelo Branco), foi o que deu ‘corpo’ a aprofundado estudo, com recurso à realização de entrevistas aos Coordenadores de Mestrados a decorrer na ESECB (Escola Superior de Educação de Castelo Branco), no ano letivo 2015/2016; à aplicação de um inquérito por questionário, previamente validado pelo «método de juízes», distribuído aos Estudantes que frequentam os referidos Mestrados em 2015/2016, na mesma instituição.

Os dados, referentes aos inquéritos, foram tratados estatisticamente com recurso ao programa SPSS, versão 23.0; quanto às entrevistas, foram realizadas as análises de conteúdo com o registo de ocorrências, apurando-se as inferências relativamente a cada categoria e respetivas subcategorias.

Dos dados recolhidos das entrevistas e dos questionários, é possível concluir-se que as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) são recursos indispensáveis no contexto académico, quer para fins pessoais, quer para fins profissionais, tendo o RCIPCB (Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco) sido entendido como um recurso proporcionador e facilitador de atividades I&D (Investigação e Desenvolvimento).

No âmbito desta investigação, foi possível validar-se o impacto positivo da investigação realizada na ESECB (Escola Superior de Educação de Castelo Branco), bem como a importância do contributo do RCIPCB (Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco) enquanto ‘janela/montra’ de incentivo à produção científica nacional e internacional, o qual mostrou ser um recurso de grande importância para os estudantes no sentido de lhes promover contextos para a implementação de projetos de I&D (Investigação e Desenvolvimento).

Palavras-chave: acesso aberto, conhecimento científico, informação, investigação & desenvolvimento, repositório digital.

Abstract

Recognise the contribution made by the IPCB Digital Repository (Polytechnic Institute of Castelo Branco), the opinions and impact of its use in research done at the ESECB (Castelo Branco School of Education) has given ‘body’ to an in depth study through interviews of Master’s Course Coordinators for courses on-going at ESECB during the 2015/2016 academic year; the use of a survey by questionnaire, previously validated through a < Judges method>, given out to students who are attending the Master’s courses referred to here in the 2015/2016 academic year at the same institution.

The data from the questionnaires were statistically analysed by using the SPSS program, version 23.0; as for the interviews a content analysis was made with an events registration, ascertaining the inferences as to each category and respective subcategories.

From the data collected from interviews and questionnaires, it is possible to conclude that ICT (Information and Communication Technologies) are indispensable resources in the academic context, whether for personal or for business purposes, and the RCIPCB (Scientific Repository of the Polytechnic Institute of Castelo Branco) has been understood as a providing and facilitating resource for R & D activity (Research and Development).

As part of this research it was possible to certify the positive impact of research conducted at ESECB and the importance of the contribution of the RCIPCB as the “Window / shop window” to encourage national and international scientific production, which has proved to be a tremendous resource for students in order to promote their contexts for the implementation of R & D projects.

Keywords: open access, scientific knowledge, information, research and development, digital repository

Índice

Dedicatória.....	v
Agradecimentos	vii
Resumo	ix
Abstract.....	xi
Lista de Figuras.....	xv
Lista das Tabelas.....	xvii
Lista dos Gráficos	xix
Lista de Acrónimos/Siglas	xxi
0. Introdução	1
0.1. Da Sociedade da Informação para a Sociedade em Rede.....	3
1. Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal - RCAAP	11
2. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco - RCIPCB.....	21
3. Metodologia da Investigação	35
3.1. Estudo de Caso	35
3.2. Contexto e Amostra da Investigação	36
3.3. Instrumentos da Investigação.....	36
3.3.1. Análise Documental	36
3.3.2. Entrevista	36
3.3.2.1. Análise de Conteúdo	38
3.3.3. Inquérito por Questionário.....	39
3.3.4. Triangulação de Dados.....	41
4. Análise e Tratamento de Dados.....	42
4.1. Análise de Conteúdo das Entrevistas Semiestruturadas realizadas aos Coordenadores de Mestrado a decorrer na ESE no ano letivo 2015/2016.....	42
4.1.1. Categoria I: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao grau de importância que atribuem às TIC.....	42
4.1.2. Categoria II: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente aos recursos digitais <i>online</i> que utilizam para efeitos de investigação.....	47
4.1.3. Categoria III: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao Repositório Científico/Digital do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB), enquanto Coordenadores.....	49
4.1.4. Categoria IV: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao Impacto do RCIPCB no seio do Curso de Mestrado que Coordenam e a importância do mesmo para os respetivos Mestrandos.....	51
4.2. Análise Crítica dos Inquéritos por Questionário	54
4.2.1. Secção A: Caracterização da Amostra.....	55
4.2.2. Secção B: Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).	59

4.2.3. Secção C: Impacto do Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB)	63
5. Considerações Finais	69
5.1. Conclusões	69
5.2. Limitações do Estudo/Investigação	71
5.3. Propostas.....	72
6. Bibliografia	73
7. Apêndices	80
7.1. Guião da Entrevista	81
7.2. Transcrição das Entrevistas	83
7.3. Tabelas de Análise de Conteúdo das Entrevistas	108
7.4. Inquérito por Questionário.....	127
8. Anexos.....	132
8.1. Despacho nº 115/13 Aprovação Depósito Documentos RCIPCB	132
8.2. Declaração de Autorização para Arquivo no RCIPCB	133

Lista de Figuras

Figura 1: Portal do Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal - RCAAP.	11
Figura 2: Página inicial do portal do RCAAP, onde se evidencia a opção de pesquisa por assunto, pesquisa e coleção.	14
Figura 3: Página inicial do portal do RCAAP, onde se evidencia a opção de pesquisa avançada.	15
Figura 4: Evolução do <i>Open Access</i> em Portugal, no período de 2003 a 2012.	16
Figura 5: Evolução do <i>Open Access</i> em Portugal, no período de 2003 a 2015.	17
Figura 6: <i>Website</i> do RCAAP.	19
Figura 7: Instituições participantes no Diretório do projeto RCAAP.	20
Figura 8: <i>Login</i> para acesso à Área Pessoal para efetuar autoarquivo no RCIPCB.	22
Figura 9: Registo para aceder à Área Pessoal para efetuar autoarquivo no RCIPCB.	22
Figura 10: Processo de Depósitos de Documentos no RCIPCB.	23
Figura 11: Número de documentos depositados no RCIPCB comparativos entre a primeira e a décima segunda publicação da Newsletter do IPCB.	25
Figura 12: <i>Downloads</i> e Consultas efetuadas no RCIPCB, no período compreendido entre 2009-2016.	26
Figura 13: Estatísticas correspondentes aos <i>downloads</i> e às consultas por país do RCIPCB, no período compreendido entre 2009-2016.	27
Figura 14: Diversas Formas de Acesso aos Documentos em Depósito no RCIPCB.	27
Figura 15: Totalidade de Documentos Depositados pela ESA, por Tipo de Documento.	28
Figura 16: Totalidade de Documentos Depositados pela ESALD, por Tipo de Documento.	29
Figura 17: Totalidade de Documentos Depositados pela ESART, por Tipo de Documento	30
Figura 18: Totalidade de Documentos Depositados pela ESE, por Tipo de Documento	30
Figura 19: Totalidade de Documentos Depositados pela ESGIN, por Tipo de Documento	31
Figura 20: Totalidade de Documentos Depositados pela EST, por Tipo de Documento	32

Lista das Tabelas

Tabela 1: Comparação entre os textos das declarações de Budapeste, Bethesda e Berlim que regem o Acesso Livre ao Conhecimento.	13
Tabela 2: Repositórios existentes em Portugal em junho de 2008.	17
Tabela 3: Número de registos de ocorrências relativos às subcategorias 1.1 e 1.2 da categoria I.	42
Tabela 4: Número de registos de ocorrências destacadas na categoria II.	47
Tabela 5: Número de registos de ocorrências manifestadas na categoria III.	50
Tabela 6: Número de registos de ocorrências manifestadas na categoria IV.	52
Tabela 7: Caracterização da Amostra por denominação de cada curso de mestrado.	55
Tabela 8: Caracterização da Amostra por Formação Inicial (licenciatura) que cada Mestrando possui.	58
Tabela 9: Caracterização da Amostra por Utilização de Equipamentos Digitais.	59
Tabela 10: Caracterização da Amostra por Utilização de Software/Aplicações para Fins Pessoais e Académicos (I&D).	61
Tabela 11: Caracterização da Amostra por Utilização de Motores de Pesquisa Generalistas.	62
Tabela 12: Caracterização da Amostra por Utilização de Plataformas/Motores de Pesquisa Académicos.	62
Tabela 13: Amostra de Estudo relativa ao Ano Curricular em que os Mestrandos tiveram conhecimento da existência do RCIPCB.	63
Tabela 14: Amostra de Estudo relativamente ao Método de como os Mestrandos tiveram conhecimento da existência do RCIPCB.	64
Tabela 15: Caracterização da Amostra de Estudo por importância atribuída à Utilização do RCIPCB aquando da realização da Investigação dos inquiridos.	65
Tabela 16: Caracterização da Amostra de Estudo relativamente ao Impacto do Depósito dos RE/TP no RCIPCB, pelos Estudantes de Mestrado.	66

Lista dos Gráficos

Gráfico 1: Utilização da Internet em valores percentuais pela variável sexo entre 2004-2014.	7
Gráfico 2: Índice da Digitalidade da Economia e da Sociedade no ano de 2015.	10
Gráfico 3: Levantamento do Depósito Documental Científico no RCIPCB por UO	33
Gráfico 4: Amostra por Idade do total dos Estudantes inquiridos.	57
Gráfico 5: Caracterização da Amostra por Horas Diárias de Utilização das TIC.....	60

Lista de Acrónimos/Siglas

AL - Acesso Livre

BAD - Bibliotecas, Arquivo e Documentação

BES - Bibliotecas de Ensino Superior

CRUP - Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas

ENILD - Estratégia Nacional para a Inclusão e Literacia Digitais

ESECB - Escola Superior de Educação de Castelo Branco

FCCN - Fundação da Computação Científica Nacional

I&D - Investigação & Desenvolvimento

ICSU - International Council for Science

IES - Instituição de Ensino Superior

IFLA - International Federation of Library Associations (Federação Institucional das Associações e Instituições Bibliotecárias)

IPCB - Instituto Politécnico de Castelo Branco

ISCTE - Instituto Superior de Ciências do Trabalho

RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

RCIPCB - Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco

RI - Repositórios Institucionais

SARC - Serviço de Alojamento de Repositórios Científicos

SARI - Serviço de Alojamento de Repositórios Institucionais

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

TIC - Tecnologias da Informação e da Comunicação

UMIC - Unidade de Missão Inovação e Conhecimento, atualmente, Agência para a Sociedade do Conhecimento

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

UO - Unidade Orgânica

0. Introdução

Ao longo dos tempos, as bibliotecas foram evoluindo no âmbito do conceito que as define arrastando com elas a diversidade dos suportes de informação. De facto, nem sempre os livros foram o único suporte, já que os primeiros arquivos eram placas de argila, papiro ou pergaminho. Não cabe neste estudo uma evolução exaustiva acerca das bibliotecas e da riqueza histórica que as acompanha, porém, uma certeza nos norteia: estas acompanham o evoluir das sociedades associadas, desde sempre, à aquisição de conhecimento. Dando um ‘salto’ enorme no tempo, centramo-nos nos finais do Século passado, quando em Portugal é criado o Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, tendo em conta a grande necessidade de colocar a população portuguesa a ler¹. Neste entretanto, grandes alterações económicas, sociais e tecnológicas fizeram com que a chamada cultura logocêntrica², assente nas bibliotecas tradicionais, fosse perdendo o seu culto, em favor das chamadas imagocêntricas³, consideradas de mais fácil leitura.

De facto, das grandes alterações culturais operadas no âmbito das bibliotecas, que colocam inclusivamente em causa o próprio livro, em suporte papel, chegamos a uma espécie de ‘Era Marconi’⁴ que trouxe com ela a vulgarização dos meios de comunicação tidos como configuradores da nova ‘Aldeia Global’, havendo especialistas que já apelidam, este tempo, de terceira Revolução Industrial.

Em suma, vivemos um pragmatismo imediatista que valoriza crescentemente as tecnologias, onde as bibliotecas digitais ocupam um lugar de relevo a par dos chamados repositórios digitais.

¹ Inúmeros passos são fundamentais para Portugal no sentido de se formarem leitores. O IFLA Manifesto sobre Bibliotecas Públicas da IFLA/UNESCO (1994: 13), definiu a missão das Bibliotecas Públicas como: “A biblioteca pública – porta de acesso local ao conhecimento”; PNL (Plano Nacional de Leitura) <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index1.php>; DGLAB (Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas) <http://dglab.gov.pt/>; Rede de Bibliotecas Escolares foi “um programa lançado em 1996, pelos Ministérios da Educação e da Cultura, com o objetivo de instalar e desenvolver bibliotecas em escolas públicas de todos os níveis de ensino, disponibilizando aos utilizadores os recursos necessários à leitura, ao acesso, uso e produção da informação em suporte analógico, eletrónico e digital.” <http://www.rbe.mec.pt/np4/programa.html>, acedido em 2015-10-04

² Cultura logocêntrica assenta na legitimação da palavra. <http://www.comparatistas.edu.pt/actividades/2007-2010/act-23-repensar-as-humanidades-rumos-e-desafios.html>, acedido em 2015-10-04

³ Cultura Imagocêntrica privilegia a imagem. <http://www.comparatistas.edu.pt/actividades/2007-2010/act-23-repensar-as-humanidades-rumos-e-desafios.html>, acedido em 2015-10-05

⁴ A Era Marconi é a emergência das comunicações tão instantâneas quanto a tecnologia permita. Marconi deve-se ao inventor Italiano Guglielmo Marconi, pelas suas descobertas na propagação de ondas eletromagnéticas e da telegrafia sem fios. <http://www.ordemengenheiros.pt/pt/centro-de-informacao/dossiers/historias-da-engenharia/marconi-em-portugal-ciencia-e-engenharia-na-genese-das-radiocomunicacoes/>, acedido em 2015-10-05

O tema selecionado para a investigação acerca de «O Contributo do Repositório Digital do IPCB: As Opiniões e o Impacto da sua utilização na Investigação realizada na ESECB» pretende abrir caminhos para averiguar se a oferta de bibliografia científica, em formato digital, está disponível e acessível ao investigador, que dela pretenda fazer uso para se apoiar e orientar na pesquisa de informação conducente ao processo de investigação que vise implementar. Em termos gerais, constitui como objetivo indagar junto dos intervenientes diretos nesse processo investigativo, se os Repositórios Digitais podem constituir uma mais-valia no âmbito da pesquisa e o seu impacto em atividades de I&D⁵.

Na opinião de Mota (2010: 4):

(...) já é um facto largamente conhecido e discutido que, nas últimas décadas, se tem assistido a profundas transformações decorrentes da evolução das tecnologias da informação e comunicação e do aparecimento da designada Sociedade da Informação e do Conhecimento. Aliada à informação e primado do conhecimento, vive-se atualmente um contínuo desenvolvimento tecnológico. Surgem novas formas de coligir, pesquisar e publicar informação, novos formatos documentais e novos meios de comunicação.

Desta forma, quanto mais informação estiver disponível, maiores serão as oportunidades de o utilizador poder aceder, pesquisar e selecionar informação mais relevante, dado que toda essa informação disponibilizada foi alvo de uma avaliação criteriosa realizada por pares e especialistas científicos, o que lhe confere um alto grau de fiabilidade e de rigor. Neste sentido, o Repositório Digital constitui um precioso auxílio na concretização da investigação dada a facilidade no seu acesso, uma vez que basta possuir uma ligação à internet.

Para o efeito, a investigação que se pretendeu implementar foi a de procurar verificar qual o impacto do RCIPCB (Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco) nas investigações realizadas pelos mestrados dos respetivos cursos de mestrado em funcionamento na ESECB (Escola Superior de Educação de Castelo Branco), no ano letivo de 2015/16. Neste âmbito, pretendeu-se dar resposta à seguinte questão de investigação:

«O Contributo do Repositório Digital do IPCB: Quais as Opiniões e o Impacto da sua utilização na Investigação?»

Neste sentido, foram definidos os seguintes objetivos:

- Realizar o levantamento do depósito documental científico do RCIPCB (Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco).
- Caracterizar o RCIPCB (Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco) de acordo com a tipologia de documentos apresentada mais adiante.

⁵ I&D - Investigação & Desenvolvimento em Conhecimento Científico
<https://www.fct.pt/apoios/unidades/faq.phtml.pt>, acessado em 2015-10-08

- Recolher a opinião dos Coordenadores de Mestrado da ESECB (Escola Superior de Educação de Castelo Branco), relativamente ao impacto do RCIPCB (Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco) ao nível profissional, institucional e dos mestrandos que frequentam os respetivos cursos de mestrado.
- Recolher a opinião dos mestrandos relativamente ao impacto do RCIPCB (Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco), ao nível das investigações realizadas.
- Avaliar o impacto do RCIPCB (Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco) refletidas nas atividades de I&D.

A investigação apresenta um carácter qualitativo e exploratório, fundamentado no âmbito da metodologia selecionada para o estudo, no sentido de se terem podido recolher dados que permitissem uma análise crítica e reflexiva relacionada com as opiniões dos Coordenadores de Cursos de Mestrado e dos respetivos mestrandos, relativamente ao potencial contributo do RCIPCB⁶ nas suas investigações.

0.1. Da Sociedade da Informação para a Sociedade em Rede

Como em qualquer transição que se observa na sociedade, em todas as mudanças depararmos com situações diferentes umas das outras. De facto, a grande revolução provocada pela internet veio permitir, a qualquer cidadão, o acesso a grandes quantidades de informação, como refere Drucker, (1993: 53): “A tecnologia será importante, mas principalmente porque irá nos forçar a fazer coisas novas, e não porque irá permitir que façamos melhor as coisas velhas”.

Assistimos, assim, à implementação da filosofia presente na chamada *Sociedade da Informação* que veio operar grandes transformações na sociedade, em geral. De facto, a sociedade, agora, organiza-se e evolui de forma diferente, sendo que todo o sujeito que não possua competências digitais arrisca-se a viver à margem desta. Nesta perspetiva, dois conceitos emergem no momento atual: *infoalfabetização*⁷ e *infocompetência*⁸.

⁶ Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco cuja missão é “disponibilizar e permitir o livre acesso à produção científica do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB)”. https://repositorio.ipcb.pt/?locale=pt_PT, acessado em 2015-10-17

⁷ Infoalfabetização, significa “domínio das novas tecnologias da informação, como a internet, acesso à informação digital”. <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/infoalfabetiza%C3%A7%C3%A3o>, acessado em 2015-10-19

⁸ Infocompetência é qualidade de quem é capaz de resolver determinados problemas ou de exercer determinadas funções; aptidão no domínio das tecnologias da informação. [http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/competência](http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/compet%C3%Aancia), 2015-10-19

Em Portugal, o Livro Verde para a Sociedade da Informação⁹ (1997: 33) sistematizou uma série de parâmetros a ter em conta na Sociedade da Informação, destacando que “(...) aceder à informação disponível constituirá uma necessidade básica para os cidadãos e compete às diversas entidades garantir que esse acesso se efetue de forma rápida e eficaz e numa base equitativa”. O Livro verde para a Sociedade da Informação (1997: 39) atribui ainda uma grande evidência aos pilares do conhecimento:

(...) alguns pilares do conhecimento, tais como: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em comum, aprender a ser, (...) desenvolvendo-se uma infra-estrutura tecnológica de ligação entre entidades detentoras de conteúdos culturais, museus, bibliotecas, arquivos, centros de documentação.

Com o desenvolvimento tecnológico da internet, a ideia de *Aldeia Global*¹⁰ acabou por levar a um novo tipo de conceito, o de *Sociedade em Rede*¹¹, proposto por Castells (2005: 141-142): “A aldeia global foi um tema forte e interessante na época em que foi definido, mas foi uma predição completamente errônea. Não é uma aldeia, mas uma rede de casas individuais, o que é completamente diferente”.

As distâncias estreitam-se, na medida em que se possibilita a participação ativa e um ‘abrir portas’ a novas formas *online* de trabalho, estudo, diversão, de acesso à saúde, à cultura, ao contacto com a administração pública, à concretização de transações comerciais e financeiras, à participação na vida política, no relacionamento com o outro. Também a investigação científica e o desenvolvimento experimental de atividades I&D influenciam o desenvolvimento da competitividade em consonância com a implementação da Sociedade da Informação. Tal como é referido no Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal (1997), realça-se o facto de se promover uma ‘revolução’ no modo de realizar e enquadrar a I&D (investigação & desenvolvimento), prevendo-se uma evolução da investigação na base da economia do conhecimento, através de uma utilização alargada de redes eletrónicas, facilitando, desta forma, a partilha de informação e a rápida difusão dos conhecimentos e descobertas científicas.

A aquisição do conhecimento modificou-se, gradualmente, partindo-se de uma atitude estática, em que se privilegiava a memorização da informação, para uma nova forma de pesquisa de informação, mais dinâmica, baseada em suportes digitais, como alicerces que

⁹ Livro Verde para a Sociedade da Informação comporta uma série de “estratégias de modo a definir um caminho de implantação da Sociedade da Informação em Portugal” (1997:7). <http://homepage.ufp.pt/lmbg/formacao/lvfinal.pdf>, 2015-10-23

¹⁰ “O conceito de Aldeia Global, criado na década de 60 por Herbert Marshall McLuhan, professor na Escola de Comunicações da Universidade de Toronto, está diretamente relacionado com o conceito de globalização e corresponde a uma nova visão do mundo possível através do desenvolvimento das modernas tecnologias de informação e de comunicação e pela facilidade e rapidez dos meios de transporte” em http://www.notapositiva.com/dicionario_gestao/aldeia_global.htm, 2015-10-23

¹¹ A sociedade em rede: “é uma estrutura social baseada em redes por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na micro electrónica e em redes digitais de computadores.” <http://mpel6uab.pbworks.com/w/page/60366719/Defini%C3%A7%C3%A3o%20de%20SOCIEDADE%20EM%20REDE>, acedido em 2015-10-25

suportem a construção de componentes de conhecimento em permanente evolução. Torna-se notório que esta metamorfose, ou seja, mudança da Sociedade da Informação em Sociedade do Conhecimento venha a ser desencadeada, numa primeira instância, pelos jovens, os quais, além de serem os maiores beneficiários, são os que demonstram maior apetência para os novos meios e para as alterações das regras de aprendizagem que os alicerçam. Verifica-se, então, que à medida que as áreas de interação se vão alargando, também os mais adultos descobrem os prazeres da interatividade com os seus pares ao ponto de criarem clubes de discussão e de troca de experiências, propiciando uma forma de bem-estar e interação com a sociedade envolvente suportadas em redes num sistema aberto e dinâmico propenso à rápida replicabilidade e inovação.

Quando as redes se difundem “(...) o seu crescimento torna-se exponencial e as vantagens de se estar em rede aglomeram-se devido ao maior número de conexões que promove uma sociedade em constante mudança e fluidez, sem ameaças ao seu equilíbrio” (Castells, 1999:43).

Constata-se nesta sociedade em rede que se promovem oportunidades para a criação e a implementação de condições para o desenvolvimento de uma cultura de partilha e de construção de saberes, onde o trabalho colaborativo e cooperativo se tornam numa constante, como consequência do crescimento e da evolução da World Wide Web, mais concretamente da Web 2.0, que é descrita, na ótica de O'Reilly, (2005:43), como “(...) collective intelligence of everyone who uses the to upload, download, add comments, provide feedback, add tags and actively engage in the creation of new knowledge”. Nesta nova realidade, promovem-se condições para uma participação ativa dos utilizadores que assumem um papel de produtores da informação ao poderem, sem limitações, publicarem os seus próprios textos, originando e dispondo informações, assim como interagir em debates, enriquecendo os mesmos através de comentários ou sugestões. Deste modo, como refere Simão (2006: 161);

Uma maior facilidade de produzir conteúdo e de o colocar *online* gerou várias alterações (...) a capacidade crítica e activa das pessoas que agora têm nos blogs a sua forma de comunicar para o mundo. Havendo como consequência mais leitura e um espírito mais crítico em lugar da passividade que a falta de uma relação dialógica provocava. Criação de comunidades baseadas não na proximidade física mas nos interesses comuns. A facilidade de publicar originou comunidades que se juntam em torno de um interesse ou tema comum o que leva depois à existência de relações interpessoais que fortalecem o sentido de comunidade.

Na opinião de Carvalho (2008: 35), “(...) escrever *online* é estimulante e esta facilidade em publicar conteúdos e ou comentar os ‘*post*’ permitiu o desenvolvimento das redes sociais *online* e um incremento de interação social e de aprendizagem”.

Confere-se, então, que a sociedade está imbuída nas tecnologias da informação digitais, cujas rotinas e afazeres numa vida diária, desde a economia ao ócio, são cada vez mais

dependentes de rotinas que assentam na utilização da internet. Do mesmo modo, Livingstone (2003: 3), vem afirmar que “(...) à medida que o trabalho, o lazer e os mercados educacionais continuam a expandir-se, (...) a internet será tomada como certa nas nossas casas, embebidas em rotinas da vida diária nas nações industrializadas”. Quer isto dizer que praticamente todas as atividades do dia-a-dia se refletem e se concretizam através de ações que implicam uma ligação ao computador e, em consequência, a uma utilização da internet. Como tal, Romanyshyn (1989: 193) é de opinião que: “Os computadores tornaram-se extensões de nós mesmos, reflexos e ecos de quem somos, quem fomos e em quem nos tornaremos”.

A importância desta emergência da Sociedade da Informação e do Conhecimento e a sua evolução para uma Sociedade em Rede não ofereceu aos cidadãos apenas conforto e acessibilidade, vindo também a decretar uma conduta participativa que implica perícia e faculdade de desempenho ativo na sociedade, sem as quais esse desempenho é impeditivo para o alcance do seu propósito, encontrando-se o indivíduo limitado na concretização do seu objetivo, Haddon (2000).

Neste sentido, e para que o desempenho de cada membro da sociedade, relativamente às tecnologias da informação digitais, se torne uma realidade é importante que existam medidas governamentais para que a infoinclusão¹² possa ser uma certeza e, que todos os cidadãos adquiram capacidades que lhes permitam efetivar os objetivos de uma atividade dependente da intervenção digital, para o exercício de uma cidadania mais plena. Neste contexto, pode-se mesmo afirmar que no período entre 2000 e 2003, ocorreu, em Portugal, um *boom* de incentivo à utilização das tecnologias digitais, proporcionando a inclusão digital dos cidadãos e, assim, uma maior e mais abrangente inclusão social através das tecnologias digitais. Surgem os Espaços Internet nas Autarquias, apoiados pelo Programa Operacional Sociedade da Informação (2000-2003), onde o acesso às TIC se processa de forma livre e gratuita, ocorrendo ainda nestes Espaços formação específica nessa área, suportados por equipas de monitores e formadores. Mais tarde para combater a infoexclusão¹³ foram adotadas outras iniciativas.¹⁴

¹² Infoinclusão é possibilidade de aceder às novas tecnologias de comunicação, como a internet; inclusão digital, definição retirada do Dicionário da Língua Portuguesa, disponível em <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/infoinclus%C3%A3o?homografia=0>, 2015-11-01

¹³ Infoexclusão é desconhecimento que origina falta ou impossibilidade de acesso a informação, nomeadamente através das novas tecnologias de comunicação como a Internet, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://www.priberam.pt/DLPO/infoexclus%C3%A3o>, acedido em 2015-11-02

¹⁴ *Ligar Portugal* - Plano de Ação Integrado no Plano Tecnológico (2005-2010), no sentido de implementar uma política de mobilização da Sociedade de Informação e do Conhecimento, a fim de promover uma cidadania moderna, garantir a competitividade do mercado nacional de telecomunicações, assegurar a transparência da administração pública, promover a utilização crescente das Tecnologias da Informação e da Comunicação e estimular o desenvolvimento Científico e Tecnológico assente em atividades de investigação; *Estratégia Nacional para um Desenvolvimento Sustentável* (2006-2015); *Plano de Ação Nacional para Inclusão de Cidadãos com Necessidades Especiais* (2006); *Plano de Ação Nacional para a Inclusão* (2006-2008); *Resolução 96/99*: e *Acessibilidade Websites do setor da Administração Pública Central e Local*; *Resolução 110/2003*: Programa Nacional para a participação de Cidadãos com Necessidades Educativas Especiais na Sociedade da Informação; *Resolução 120/2006*: Plano de Ação Nacional para a Inclusão de Cidadãos com Deficiências; *Resolução 9/2007*: Plano de Ação Nacional para a Acessibilidade; *Resolução 155/2007*: Linhas de Orientação para a e-Acessibilidade nos Websites da Administração Pública; Já o Plano Tecnológico (2008) veio propor três

Tendo em consideração os esforços e as medidas que visam a implementação da internet, o Gráfico 1 apresenta dados relativos à utilização da Internet, desde 2004 até 2014, pela população portuguesa.

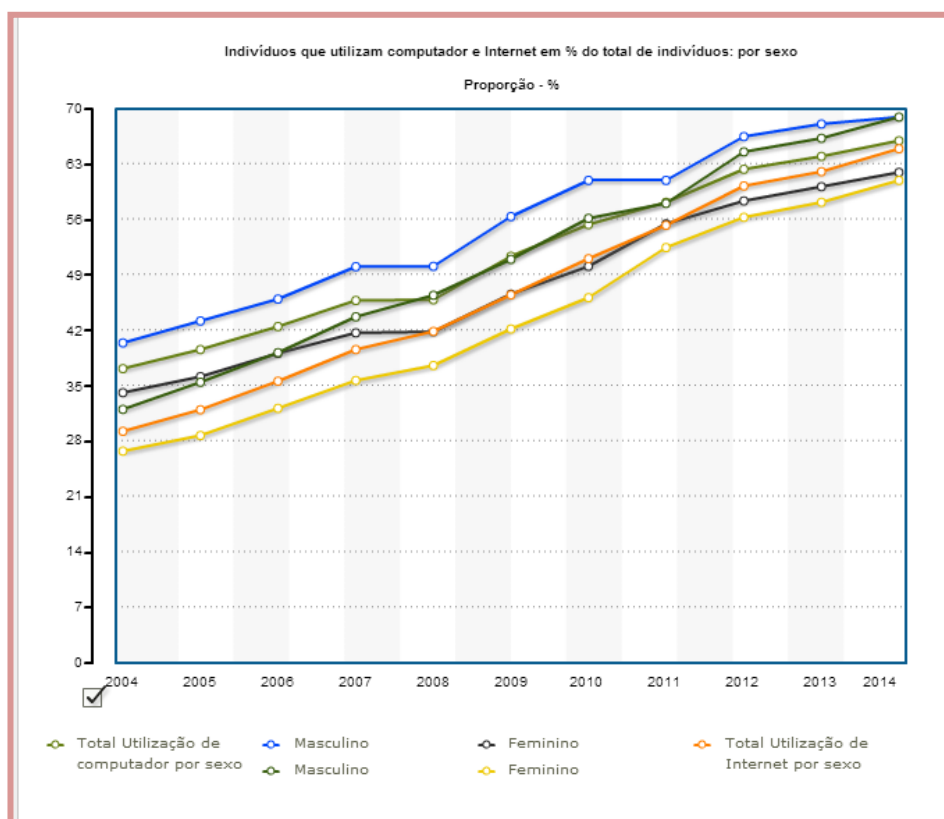


Gráfico 1: Utilização da Internet em valores percentuais pela variável sexo entre 2004-2014.¹⁵

Observando o Gráfico 1, pode-se afirmar que é bastante evidente a crescente utilização do computador e da internet, em sentido ascendente, no período compreendido entre 2004 a 2014. Estes dados vêm comprovar que o número de indivíduos que estão familiarizados com as TIC é cada vez mais elevado.

Neste sentido, torna-se cada vez mais importante, pertinente e prioritária a continuação de criação de medidas e de iniciativas que facilitem, incentivem e mantenham o acesso às TIC. É justamente nessa linha de ação que surgiu mais uma medida governamental com a implementação de normas que suscitem o desenvolvimento Científico e Tecnológico e a

grandes eixos de ação: Conhecimento, Tecnologia e Inovação; Outros projetos no âmbito da Sociedade da Informação e do Conhecimento: Agenda Digital 2015 (2010); «Redes de Nova Geração», Melhor Governação, Educação de Excelência, Saúde de Proximidade, Mobilidade Inteligente; 'nova' Agenda Portugal Digital; <http://www.portugaldigital.pt/objetivos/>, acedido em 2015-11-01

¹⁵ Fonte: Pordata, 2014, <http://www.pordata.pt/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Grafico>, acedido em 2015-10-05

Sociedade do Conhecimento, como ficou patente na aprovada Agenda Portugal Digital¹⁶ (2012), cujo objetivo foi fomentar um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, maximizando os benefícios da era digital para todos os setores da sociedade, melhorando as competências, proporcionando a inclusão relativamente à literacia digital¹⁷ e aplicação das TIC de forma a enfrentarem-se determinados desafios impostos à sociedade. A Estratégia e Plano de Ação 2015-2020 - Portugal 2020¹⁸ prosseguem com os objetivos de se proporcionar um crescimento baseado no conhecimento e na inovação, não descurando, entre outras, as áreas da Sociedade Digital e Inovação, sempre com o propósito de se conseguir uma Sociedade Inclusiva.

É notório que um dos desafios em Portugal se verifique ao nível do tecido empresarial onde se consegue alcançar um reforço do empreendedorismo, numa dinâmica que integre os conceitos de *spin-off*¹⁹ e, ao mesmo tempo, que se consigam gerar ambientes e condições para que possam emergir *start-ups*²⁰, onde as Universidades e Institutos Politécnicos se devem integrar em iniciativas de I&D para que se implementem medidas no sentido de dotar os cidadãos de competências que lhes permitam dominar as TIC que promovam oportunidades de empregabilidade. Assim, há que encorajar a atividade científica e de I&D, criar dinâmicas de aprendizagem ao longo da vida e condições para a empregabilidade digital através da escola, ou outras instituições de formação, bem como adequar práticas que possibilitem a construção de uma identidade económica, inédita, assente no conhecimento do digital.

Sabendo-se que o domínio do digital contagia a rapidez de resposta a problemas complexos, a gerar inovação e propagação de informação se apelida de ‘Tecnologia do Intelecto’. A internet é vista como a ‘chave’ que pode abrir portas a novas oportunidades de negócio e de criação de mais e melhores empregos. Verifica-se, assim, uma viragem do analógico para o digital, onde progressivamente se abandona o paradigma da máquina para se adotar o paradigma da rede e oferecendo ao ‘capital humano’ maior autonomia na execução das tarefas como uma conseqüente exigência na forte aposta no conhecimento, na tecnologia e na inovação, onde se privilegiam as relações sociais e o trabalho cooperativo e colaborativo. Neste linha de raciocínio e, como também referenciado na Estratégia e Plano de Ação 2015-

¹⁶ Agenda Portugal Digital foi aprovada no dia 20 de Dezembro de 2012 em Conselho de Ministros com o objetivo de “contribuir para o desenvolvimento da Economia Digital e da Sociedade do Conhecimento.” <http://www.ei.gov.pt/iniciativas/detalhes.php?id=29>, acedido em 2015-11-15

¹⁷ Literacia é a “Capacidade para perceber e interpretar o que é lido”, e Digital relativo a dígito [informática] in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://www.priberam.pt/DLPO/literacia>, e <https://www.priberam.pt/DLPO/digital>, acedido em 2016-04-20

¹⁸ Portugal 2020 é “um acordo de parceria adotado entre Portugal e a Comissão Europeia no qual se definem os princípios de programação que consagram a política de desenvolvimento económico, social e territorial, <https://www.portugal2020.pt/Portal2020/o-que-e-o-portugal2020>, acedido em 2015-11-05

¹⁹ Spin-off é um produto derivado de outro ou de trabalho ou processo anterior in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://www.priberam.pt/DLPO/spin-off>, acedido em 2016-04-19

²⁰ Start up é uma empresa ou negócio novo ou em fase de arranque in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://www.priberam.pt/DLPO/start%20up>, acedido em 2016-04-19

2020²¹, torna-se imperativo a persistência na formação e certificação adequada na área das TIC, na comunicação e sensibilização para as profissões no domínio das TIC e das CTEM - Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemáticas e ainda no ensino e formação empreendedoras nas referidas áreas articulando-se entre as diversas Instituições do Ensino Superior, Centros de I&D, incubadoras, parques de C&T ou Fundações, para que exista a possibilidade de se coordenar e aferir a nível regional e local as necessidades de oferta educativa e formativa.

No entanto, ainda se verifica uma certa percentagem de iliteracia digital²², pelo que se apresenta, às Entidades Governamentais, o desafio de continuar a desenvolver ações de inclusão digital e, conseqüentemente, inclusão social, uma vez que se notam assimetrias na população no que diz respeito à utilização da internet. De acordo com a Estratégia Nacional para a Inclusão e Literacia Digitais-ENILD (2015 - 2020), essas assimetrias caracterizam-se pela existência de um perfil sociodemográfico distinto que se cinge à idade e ao nível de escolaridade. Nas faixas etárias mais jovens, a Internet é utilizada pela esmagadora maioria: 98% da população com idade entre os 16 e os 24 anos. Valor igualmente elevado regista-se na população com escolaridade de nível superior: 97% utiliza a Internet. No pólo oposto, encontram-se os que nunca utilizaram a Internet: 76% da população entre os 55 e os 74 anos e com baixa escolaridade (no máximo com o ensino básico) e 73% da população com idade entre os 65 e os 74 anos (Gil, 2015).

Para enfrentar o desafio que representa a atual Sociedade da Informação, interconectada por uma Internet omnipresente, é lançado o documento orientador para uma «Estratégia Nacional para a Inclusão e Literacia Digitais-ENILD²³». Tendo como horizonte 2015-2020 e, pretendendo dar-se prioridade aos 30% da população que nunca utilizou a Internet, onde se inclui o grupo das pessoas consideradas mais vulneráveis, a ENILD possui como objetivo central o desenvolvimento de competências digitais por todos os cidadãos²⁴.

Constata-se a existência de uma necessidade estratégica para a inclusão digital ao serem observados os principais índices sobre a Sociedade da Informação em Portugal, relativamente aos restantes países da União Europeia (EU), como a seguir se apresenta no Gráfico 2.

²¹ http://www.fct.pt/dsi/docs/EstrategiaPlanoAcaoEmpregabilidadeDigital_v0.1.pdf, acedido em 2016-04-20

²² Iliteracia Digital é a incapacidade para perceber ou interpretar o que é lido, na ótica das tecnologias da informação. <http://www.priberam.pt/dlpo/iliteracia>, acedido em 2015-11-03

²³ ENILD-Estratégia Nacional para a Inclusão e Literacia Digitais, <http://www.ticsociedade.pt/enild>, acedido em 2015-11-03

²⁴ O Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território, aprovado pela Lei n.º 58/2007 de 4 de setembro; A Agenda Portugal Digital 2020, aprovada em decisão de Conselho de Ministros de 19 de março de 2015; O V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não-Discriminação 2014-2017, publicado na RCM n.º103/2013, de 31 de dezembro; O Portugal 2020 - Acordo de Parceria 2014 - 2020, acedido em 2015-11-03

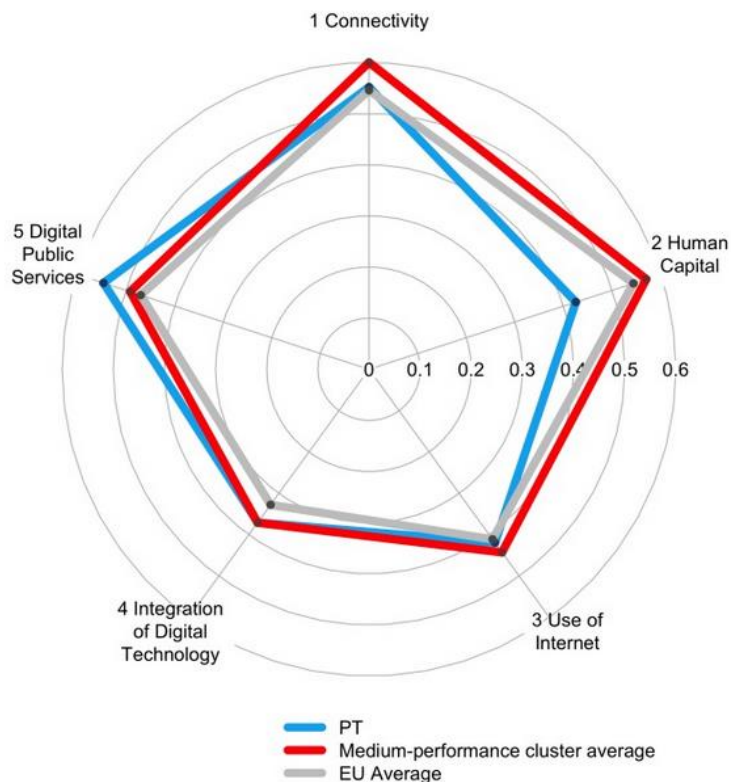


Gráfico 2: Índice da Digitalidade da Economia e da Sociedade no ano de 2015.²⁵

Justifica-se, neste sentido, a continuação de desenvolvimento de medidas que conduzam a sociedade à «Era Digital», ou seja, a uma plena integração na Sociedade da Informação que permita uma migração para uma Sociedade em Rede Digital.

Verificando-se no vértice ‘capital humano’ um recuo, leva a consciencializar-nos de que nesta alavanca de mudanças, além do desenvolvimento tecnológico, é crucial prestar atenção à forma como o homem conduz as suas ações e aceita a sua integração, estando permeável à adoção de novas formas de cidadania, educação, socialização e de humanização, adaptando-se e integrando-se nesta Sociedade Digital.

²⁵ <http://www.ticsociedade.pt/enild>, acedido em 2015-11-03

1. Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal - RCAAP

De acordo com o *website* do RCAAP (Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal), «Repositório» define-se como sendo uma compilação de documentos digitais, de fácil navegação pelo utilizador²⁶, onde são compartilhados os mesmos metadados²⁷, permitindo o acesso simultâneo aos seus conteúdos e ao texto completo, consentindo o seu *download* para arquivos pessoais.

O RCAAP (Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal) foi uma iniciativa da UMIC²⁸ - Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP - concretizada pela FCCN - Fundação para a Computação Científica Nacional (Figura 1):

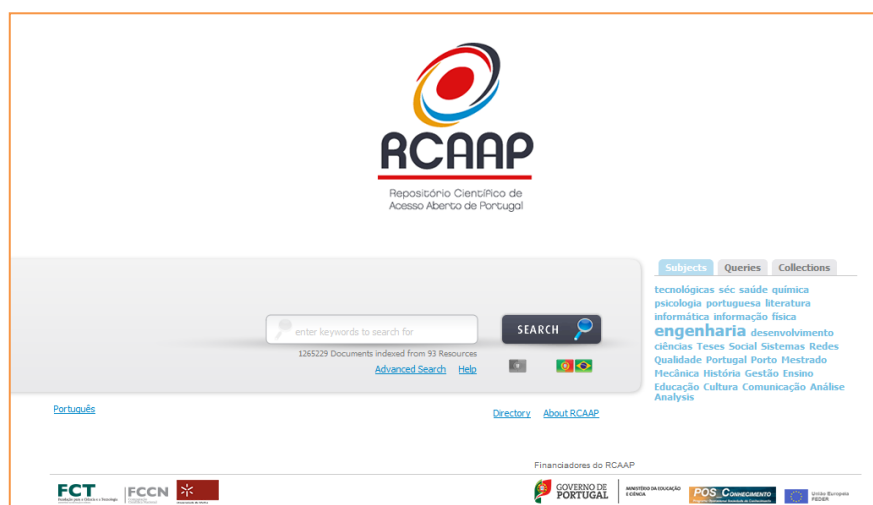


Figura 1: Portal do Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal - RCAAP.²⁹

O RCAAP teve como base, e fulcral propósito, impor-se como um Meta-Repositório (um portal agregador) da produção científica e académica nacional, de teses e dissertações, de relatórios técnicos, artigos de revistas científicas, atas de conferências e congressos, que permitisse a pesquisa, o acesso e a sua utilização sem restrições. Incrementar a visibilidade, o acesso e a disseminação dos resultados da atividade académica e de investigação científica

²⁶<http://projeto.rcaap.pt/index.php/lang-pt/consultar-recursos-de-apoio/faqs/1-projecto-rcaap/6-o-que-e-um-repositorio>, acedido em 2015-11-30

²⁷ Metadados é “a descrição ou conjunto de características de um dado ou de um item”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://www.priberam.pt/DLPO/metadados>, acedido em 2016-04-19

²⁸ A UMIC - Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP é o organismo público português com a missão de “coordenar as políticas para a sociedade da informação e mobilizá-la através da promoção de actividades de divulgação, qualificação e investigação, promover o desenvolvimento tecnológico e a criação de conhecimento por entidades do sistema científico e tecnológico e por empresas”, http://www.umic.pt/index.php?option=com_content&task=section&id=32&Itemid=360

²⁹ Fonte: <https://www.rcaap.pt/>, acedido em 2015-11-30

portuguesa, facultando o alcance à informação relativamente à produção científica nacional e integrando, assim, Portugal num conjunto de iniciativas internacionais, ao subscrever a «Declaração de Berlim», relativamente ao Acesso Aberto ao Conhecimento.

O Acesso Livre (AL) ao Conhecimento Científico emergiu de uma dinâmica suportada por diversas iniciativas e declarações governamentais e não-governamentais, mesmo antes da «Declaração de Berlim». Foi em março de 1999 que ocorreu, em Santo Domingo, a 1ª Reunião Regional de Consulta da América Latina e do Caribe no âmbito da Conferência Mundial sobre a Ciência para o Século XXI «*Uma Visão Nova e uma Base de Ação*», surgindo a «Declaração de Santo Domingo», onde se enfatizou e destacou a necessidade de se aumentar a capacidade tecnológica, como premissa, para que pudesse existir uma sociedade do conhecimento (Sarmiento et al, 2005).

Nesse mesmo ano, realizou-se também em Budapeste a Conferência Mundial sobre a Ciência para o Século XXI «*Um Novo Compromisso*», realizada com o apoio da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) e do International Council for Science (ICSU). Desta reunião surgiram a Declaração sobre a «Ciência e o Uso do Conhecimento Científico» e a «Agenda para a Ciência - *Uma Base de Ação*», cujas metas sugeridas na declaração correspondem à necessidade de se compartilhar a informação científica e o conhecimento, ressaltando-se a obrigação de todos os autores manterem elevados parâmetros éticos, dignidade científica e verificação da qualidade, além de difundirem os seus conhecimentos com o público.

Não obstante as conferências ocorridas anteriormente, surgiram as três declarações que foram consideradas mais influentes na concretização do acesso livre ao conhecimento e que se passam a citar: a «Declaração de Budapeste» (fevereiro de 2002); de «Bethesda» (abril de 2003) e de «Berlim» (outubro de 2003), também conhecidas como «*BBB Declarations*» (Suber, 2012). A declaração de Berlim tem sido subscrita por várias universidades e institutos de pesquisa em diversos países, tais como: Austrália, Índia, Itália, Reino Unido, França e Alemanha e Portugal (Sarmiento et al, 2005).

A «Declaração de Berlim» define o acesso livre como “(...) uma fonte universal do conhecimento humano e do património cultural que foi aprovada pela comunidade científica” (Sarmiento et al, 2005: 6). Apesar de as «*BBB Declarations*» serem unânimes na defesa da prática de um acesso livre ao conhecimento; de encorajarem os investigadores a publicarem os seus trabalhos com base no livre acesso; de desenvolverem meios de avaliação de forma a assegurar padrões de qualidade e boas práticas científicas, elas evidenciam algumas discrepâncias, como se apresenta na Tabela 1:

	Declaração de Budapeste	Declaração de Bethesda	Declaração de Berlim
	Área: Genérica	Área: Biomédica	Área: Ciências e Humanidades
Qualidade (peer review)	- artigos de periódicos revisados - pre-prints sem revisão	- artigos revisados	- aprovação pela comunidade científica (revisado)
Copyright	- controle sobre a integridade do trabalho - direito de propriedade intelectual - direito a citação (atribuição da autoria)	- atribuição da autoria	- atribuição da autoria
Finalidade da utilização	- várias, incluindo qualquer outro propósito legal	- várias, incluindo qualquer propósito responsável	- várias, incluindo qualquer propósito responsável
Obras derivadas	- não menciona	- permite	- permite
Acesso	- gratuito - público (mundial)	- gratuito - mundial - irrevogável - perpétuo (necessidade de preservação)	- gratuito - mundial - irrevogável

Tabela 1: Comparação entre os textos das declarações de Budapeste, Bethesda e Berlim que regem o Acesso Livre ao Conhecimento.³⁰

Ao analisar a Tabela 1, verifica-se que todas as declarações permitem o acesso gratuito aos documentos mas, relativamente aos direitos de autor, apenas as declarações de Bethesda e de Berlim permitem que o utilizador aceda aos documentos sem necessidade de solicitação de autorização ao titular de direitos autorais, havendo apenas a obrigatoriedade de citar ou referir o autor da obra original (Sarmiento et al, 2005).

O Portal RCAAP é a face mais visível do projeto e agrega em si o texto integral para melhorar o resultado das pesquisas mas não guarda qualquer documento. Assim, ao seleccionar o título de um documento no portal RCAAP, o utilizador acede ao seu conteúdo integral no Repositório da Instituição, onde esse documento se encontra.

Desta forma, o RCAAP disponibiliza, na internet, literatura científica e académica sem restrições de acesso, facilitando a sua pesquisa e utilização. Para facilitar e agilizar a obtenção de informação a pesquisa pode ser efetuada, de acordo com um menu apresentado do lado direito da página do RCAAP, por **assunto**, **pesquisas** ou **coleções**, evitando perdas de tempo na concretização da obtenção da informação pretendida. Para o efeito, a Figura 2, evidencia a zona onde se efetua esta opção:

³⁰ Fonte: Sarmiento et al, 2005



Figura 2: Página inicial do portal do RCAAP, onde se evidencia a opção de pesquisa por assunto, pesquisa e coleção.³¹

Se no menu a pesquisa for selecionada por 'assunto', é sugerido ao utilizador uma listagem de assuntos mais frequentes, tais como: tecnológicas; saúde; química; psicologia; portuguesa; literatura; informática; física; engenharia; desenvolvimento; ciências; teses; social; sistemas; redes; qualidade; Portugal; Porto; mestrado; mecânica; história; gestão; ensino; educação; cultura; comunicação ou análise. Ao ser preferido utilizar o menu 'pesquisas' é oferecido um conjunto de temas mais pesquisados, tais como: vida; trabalho; social; saúde; qualidade; marketing; intervenção; idosos; gestão; formação; física; escola; ensino; enfermagem; desenvolvimento; cuidados; comunicação; avaliação; aprendizagem; turismo; família; estudo; crianças ou *bullying* que se podem enquadrar no leque de preferências de busca, mais rápida, por parte do utilizador. No menu 'coleções', é disponível a investigação por coleções díspares, a exemplo: Saramago; Carlos Fiolhais, teses e dissertações; teses de doutoramento; entre vários.

A pesquisa, no portal do RCAAP, também pode ser concretizada por 'pesquisa avançada', onde o utilizador escreve o assunto ou o nome do autor, desvinculando-se assim do menu sugerido. Qualquer que seja o tipo de pesquisa utilizado, o RCAAP oferece ao utilizador informação científica de modo a que o mesmo possa ler, descarregar, efetuando o *download*, copiar, imprimir, pesquisar ou referenciar, através de um *link*, o texto integral dos documentos de cariz científico. A Figura 3 apresenta de forma mais destacada a referida zona de opção «Pesquisa avançada»:

³¹ Fonte: <https://www.rcaap.pt/>



Figura 3: Página inicial do portal do RCAAP, onde se evidencia a opção de pesquisa avançada.³²

De realçar que o acesso livre se afirmou verdadeiramente no seio das atividades relacionadas com o sistema de comunicação científica, ao ser reconhecido que o acesso à informação e ao conhecimento era fulcral para o progresso do ensino e da investigação. Pois, ficará um trabalho incompleto se os seus resultados não alcançarem uma maior audiência, de forma a proporcionar um desenvolvimento sustentável da sociedade do conhecimento. Assim se verifica uma preocupação em melhorar as condições de acesso à informação científica e de promover a publicação digital dos resultados da investigação, que observando as tendências nos últimos anos é notória uma diferença relativamente à Era da ‘idade do papel’, pela maior facilidade na sua divulgação. Pois, refletindo no pressuposto de que os resultados da investigação financiada por fundos públicos devem estar livremente disponíveis ao público. Na perspetiva de Sarmiento et al (2005), foi preocupação do Acesso Aberto permitir, de forma gratuita e *online*, o acesso a resultados de investigação, através de Repositórios Institucionais, revistas de acesso aberto e sítios *web* de forma a enfatizar, também, o trabalho dos autores individuais, dos investigadores e até das próprias instituições. Foi neste propósito que na Europa o movimento referido conduziu ao projeto-piloto³³ de Acesso Aberto da Comissão Europeia e às orientações do Conselho Europeu de Investigação.

A execução do projeto, além da intervenção da UMIC³⁴, contou também com a participação da Universidade do Minho³⁵.

³² <https://www.rcaap.pt/>, acedido em 2016-02-15

³³ Projeto Piloto *Open Access* do 7º Programa Quadro (PQ). “Estas orientações exigem que o Investigador disponibilize em acesso aberto os artigos que resultem de Investigação financiada pela União Europeia.” http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18437/1/APDIS_comunicacaoOpenAIRE.pdf, acedido em 2015-12-07

³⁴ UMIC- Agência para a Sociedade do Conhecimento, <http://www.unic.pt/>, acedido em 2015-12-15

³⁵ Esta Universidade coordenou as componentes científicas e técnicas, apenas em 2006, apesar de se terem manifestado indícios de primeiras iniciativas em 2003. Esta nova dinâmica na promoção de um livre acesso em Portugal foi marcante aquando da criação da *B-on* em 2004 e do significativo aumento da acessibilidade à literatura científica, nomeadamente o acesso a revistas científicas, uma vez que o

Chegados aos finais do ano de 2006, a situação do *Open Access*, altera bruscamente e de forma significativa ao surgir o Repositório do ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa), atualmente com a designação de Instituto Universitário de Lisboa, a Declaração do CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas) sobre o Acesso Livre ao Conhecimento e a realização da 2ª Conferência *Open Access* (novembro de 2006). As Figuras 4 e 5 permitem que se observe a forma como se processou a evolução do *Open Access* em Portugal, no período compreendido entre 2003 a 2012 e 2003 a 2015, respetivamente. O *Open Access* apresenta-se mais vulgarizado refletindo um crescimento de novos Repositórios Institucionais, no período de 2012 a 2015, evidenciada essa realidade na curva ascendente da que pode ser observada na Figura 5:

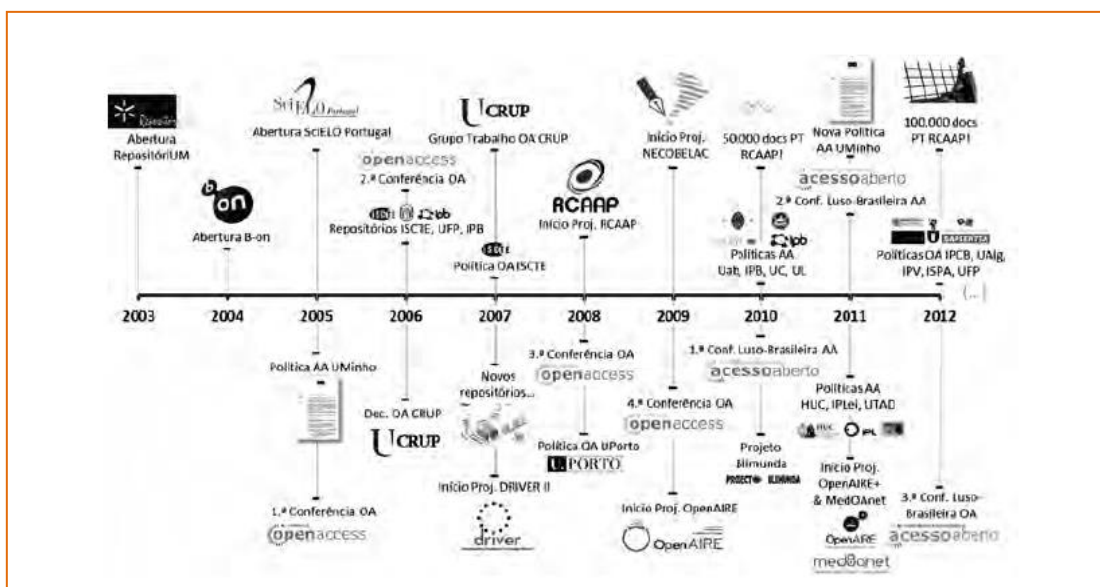


Figura 4: Evolução do *Open Access* em Portugal, no período de 2003 a 2012.³⁶

Por sua vez, a Figura 5 vem corroborar esta tendência relativa ao incremento dos repositórios nacionais, destacando-se os dados relativos ao RI (Repositórios Institucionais) e aos SARIS (Serviço de Alojamento de Repositórios Institucionais):

acervo de coleções de revistas científicas das bibliotecas universitárias era ainda deficitário (Saraiva et al, 2010). A Universidade do Minho foi a impulsionadora do desenvolvimento do acesso livre ao constituir o seu próprio repositório institucional - RepositórioUM³⁵ - no ano de 2003, a definição de uma política de autoarquivo em 2004 e a realização da primeira conferência *Open Access*, em 2005. Seguiu-se, então, a possibilidade de publicação de revistas de acesso livre com a disponibilização do portal português do projeto *SciELO* (Scientific Electronic Library Online). Até Setembro de 2006, o RepositórioUM e o *SciELO* Portugal, permaneceram como as únicas iniciativas *Open Access* em Portugal.

³⁶ Fonte: Rodrigues, 2013

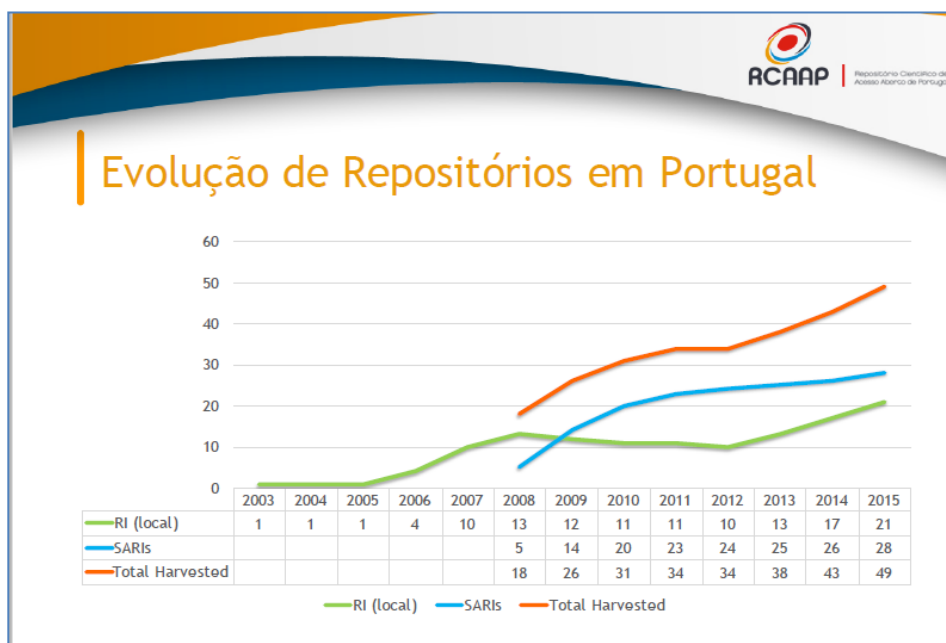


Figura 5: Evolução do *Open Access* em Portugal, no período de 2003 a 2015.³⁷

Foi no ano de 2007 que o CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas) estabeleceu um grupo de trabalho sobre o acesso aberto, no sentido de se desenvolverem esforços com vista à promoção do surgimento de mais repositórios que se reunissem num meta-repositório nacional. Desta forma, ao longo desse ano e no seguinte (2008), várias instituições iniciaram e/ou concluíram a criação dos seus repositórios, conseguindo-se apurar a situação em Portugal, em junho de 2008, da existência de repositórios institucionais, de acordo com a Tabela 2:

Instituição	Estágio do Repositório	N.º Docs
UAveiro*	Em produção	1310
UCoimbra	Em produção	1651
UÉvora	Em produção	259
ISCTE	Em produção	362
ULisboa	Em testes	-
UMinho	Em produção	6931
UNL**	Em produção	918
UPorto	Em produção	995
UTAD	Em produção	44

Tabela 2: Repositórios existentes em Portugal em junho de 2008.³⁸

³⁷ Fonte: Carvalho, 2016

³⁸ Fonte: Rodrigues, 2013

*Na Universidade de Aveiro existia um repositório, designado Sinbad, baseado numa plataforma desenvolvida localmente, ainda sem protocolo.

**O repositório era exclusivo da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa.

Em meados de 2008 surgiu o RCAAP, promovido pela UMIC (Agência para a Sociedade do Conhecimento) e operacionalizado pela FCCN (Fundação Computação Científica Nacional) com o apoio da Universidade do Minho, sendo apresentado e lançado, oficialmente, em dezembro desse ano, aquando da ocorrência da 3ª Conferência *Open Access*. O projeto RCAAP oferecia, desta forma, condições de serviço para o alojamento gratuito a repositórios institucionais (SARI - Serviço de Apoio a Repositórios Institucionais) e suporte ao meta-repositório ou portal RCAAP, agregando nesta primeira fase do projeto RCAAP e, segundo Rodrigues et al (2013: 156) “(...) doze repositórios institucionais, cinco dos quais alojados centralmente (SARI), reunindo um total de aproximadamente 13 900 documentos”.

Em 2009 inicia-se a segunda fase do projeto RCAAP com a pretensão de se consolidarem os serviços já disponibilizados e, simultaneamente, incrementar o número de instituições participantes, bem como o número de utilizadores, e integrar os serviços do RCAAP com outros do sistema científico, tais como, o portal de pesquisa da *B-on*³⁹ e a Plataforma DeGóis⁴⁰. Neste sentido, disponibilizaram-se em regime de acesso aberto os conteúdos, implementando um repositório comum a várias instituições. Desta forma, foi possibilitado às instituições de ensino e investigação, já produtoras de literatura científica, cujas dimensões não justificava a criação de um repositório próprio, começarem a ver as suas produções científicas disponíveis em regime de Acesso Aberto (Carvalho et al., 2013). Seguem-se, ainda em 2009, ações de divulgação das vantagens do Open Access e do projeto RCAAP junto dos *stakeholders*⁴¹. Para uma célere divulgação deste projeto foi criado um *blog*⁴², contas no *twitter*⁴³ e no *facebook*⁴⁴, facilitando o acompanhamento e interação entre pares do público-alvo. Em finais do ano de 2009, realizou-se a 4ª Conferência *Open Access*, com mais de 130 participantes, contando o RCAAP com a agregação de vinte e cinco repositórios institucionais, catorze dos quais alojados centralmente (SARI) e congregando cerca de 36 000 documentos.

O objetivo de consolidação e crescimento do RCAAP prossegue no ano de 2010 e seguintes com o reforço dos conteúdos científicos de *Open Access* de língua portuguesa, ao agregar produção científica arquivada nos Repositórios Institucionais Brasileiros e com o lançamento do *website* do RCAAP⁴⁵, proporcionando novas atividades, mais informação e melhor utilização, como se apresenta na Figura 6.

³⁹ B-on é uma biblioteca do conhecimento online, <http://www.b-on.pt/>, acedido em 2016-01-16

⁴⁰ A Plataforma DeGóis é “um instrumento de recolha, disponibilização e análise da produção intelectual, científica e outras informações curriculares dos Investigadores Portugueses, sendo o seu promotor o MEC - Ministério da Educação e Ciência, através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia”, <http://www.degois.pt/globalindex.jsp>, acedido em 2016-01-16

⁴¹ *Stakeholders* são os públicos estratégicos, pessoas interessadas no assunto, www.portal-administracao.com, acedido em 2016-01-18

⁴² <http://blog.rcaap.pt>, acedido em 2015-10-08

⁴³ <http://twitter.com/rcaap>, acedido em 2015-10-08

⁴⁴ <http://www.facebook.com/rcaap>, acedido em 2015-10-11

⁴⁵ <http://projeto.rcaap.pt/>, acedido em 2015-10-11



Figura 6: Website do RCAAP.⁴⁶

A Figura 6 apresenta, ao utilizador, a *webpage*⁴⁷ do RCAAP disponibilizando-lhe a utilização de um conjunto de menus que lhe permite executar tarefas no sentido de ampliar o seu conhecimento científico, ao pesquisar documentos, ou de promover o progresso científico ao poder autoarquivar os seus próprios documentos, ao criar e/ou gerir um repositório ou revista científica.

No ano de 2011, verificou-se um incremento nos SARI, bem como a adesão de mais instituições ao RCAAP. Eletronicamente foi lançado o SARC (Serviço de Alojamento de Revistas Científicas) e um estudo relativo à preservação digital, cuja designação se intitulava: ‘O Estado de Arte sobre a Preservação Digital’, terminando o ano de 2011 com 75 000 documentos num total de 34 repositórios agregados ao RCAAP (Rodrigues, 2013).

Novos recursos integram a base de dados do RCAAP, no ano de 2012, ao verificar-se a multiplicidade de repositórios nacionais e a adesão de novas Instituições, nomeadamente jornais, hospitais, laboratórios e o conseqüente aumento de depósito de documentos. Aumento esse e, segundo Carvalho et al (2014: 4) “(...) também em conformidade com as recomendações da Comissão Europeia e os requisitos do programa de financiamento europeu Horizonte 2020”. Foi também criado o validador de repositórios que permite aferir o grau de conformidade, a coerência de registos e garantir que a utilização de recursos esteja de acordo com as normas e diretivas implementadas pelo RCAAP e com todas as regras definidas para o projeto, sendo considerado como uma ferramenta de apoio de gestão dos repositórios. Para o efeito, torna-se necessário o preenchimento de um formulário com o fim de efetivar o pedido dessa validação, terminando este processo através do envio de um *email* relativo a um

⁴⁶ Fonte: <http://projeto.rcaap.pt/>, acedido em 2015-10-11

⁴⁷ Esta *webpage* oferece, ainda, um leque de recursos de apoio, cujos conteúdos são apresentados em vários formatos: tutoriais *online*, vídeos e documentos, destinando-se a todo o público-alvo do projeto: dirigentes, gestores, técnicos BAD, docentes e investigadores. <http://projeto.rcaap.pt/index.php/lang-pt/consultar-recursos-de-apoio/introducao-5>

relatório onde constam e se explicam as não conformidades. Com esta ferramenta, pretende-se, assim, evidenciar a transparência relativamente aos processos implementados, confiabilidade e testar a robustez e sustentabilidade de um repositório digital. É neste propósito que surge a auditoria, sob a norma ISO⁴⁸ 16363 - Auditoria e Certificação de Repositórios Digitais Confiáveis (*Audit and Certification of Trustworthy Digital Repositories*).

Com base no descrito anteriormente, o RCAAP está, atualmente, aberto à participação de todas as instituições do sistema científico e do ensino superior português, alojando os seus repositórios, tal como ilustra a Figura 7. Neste particular, alerta-se para o facto de esta página possuir um Diretório organizado pelas seguintes áreas/instituições: Todos; Laboratórios; Dados Científicos; Repositório; Brasil; Portal; Hospital; Instituto; SARC; Revista; SARI; Universidade.

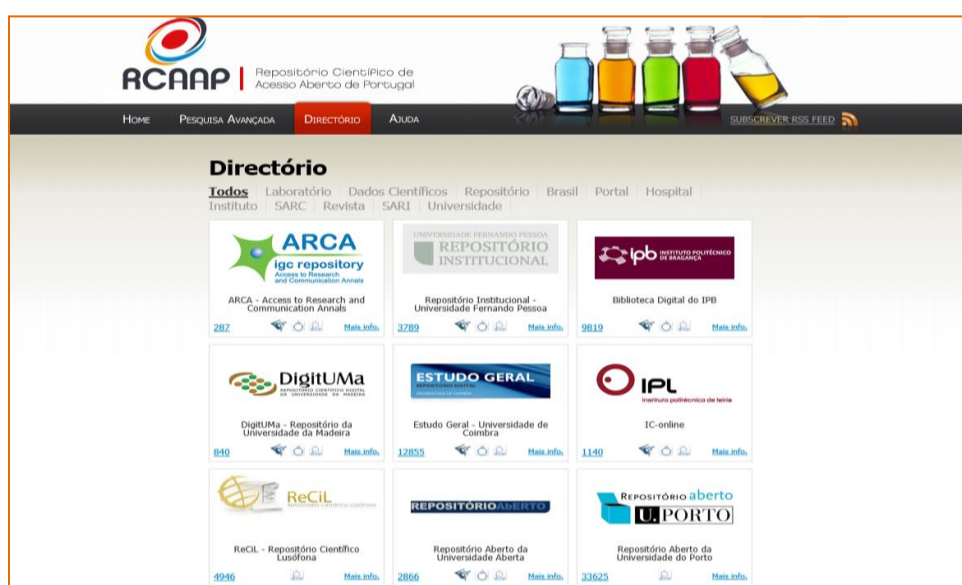


Figura 7: Instituições participantes no Diretório do projeto RCAAP.⁴⁹

Atualmente o RCAAP é um projeto em construção e crescimento permanentes como consequência de novas adesões de instituições e de depósitos de documentos com um valor total que se situa próximo de 1 300 000. Este facto vem atestar a importância deste recurso como forma de potenciar o acesso a novas e atualizadas fontes de informação geradoras de novo conhecimento científico. Contudo, dada a grande amplitude deste repositório torna-se importante perceber e compreender a importância e o potencial contributo de repositórios institucionais dentro da comunidade académica.

⁴⁸ A série de normas ISO foram criadas pela Organização Internacional de Padronização (ISO) com o objetivo de melhorar a qualidade de produtos e serviços, <http://gestao-de-qualidade.info/normas-iso.html>, acessado em 2016-01-31

⁴⁹ <http://www.rcaap.pt/directory.jsp>, acessado em 2016-01-31

2. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco - RCIPCB

O Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB) é, segundo a descrição na sua página principal⁵⁰, “uma plataforma não exclusiva de arquivo de documentos e recuperação da informação, em suporte digital, que permite o Acesso Livre ao conhecimento científico produzido no Instituto Politécnico de Castelo Branco.”

O Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB) surgiu de uma candidatura submetida, pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco, à Fundação para a Computação Científica Nacional, em Setembro de 2009. Não dispondo de um repositório exclusivo, o RCIPCB agregou-se ao Serviço de Alojamento de Repositórios Institucionais - SARI, que concede às Instituições de Ensino Superior que não detêm o seu repositório pessoal, usufruir de uma plataforma, adequadamente arquitetada, que lhes possibilita sobreviver através de arquivo de documentos. Em novembro de 2009, o RCIPCB incorporou o Repositório Científico de Acesso Aberto em Portugal (RCAAP), finalizando-se, desta forma, a etapa da sua constituição (Rodrigues, 2010).

A implementação do RCIPCB teve como principal objetivo a divulgação da produção científica do IPCB, a preservação da sua memória intelectual em suporte digital, bem como a promoção da partilha do conhecimento científico e técnico. Desta forma, proporciona uma maior visibilidade à produção científica do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB), incrementando o impacto da produção científica nos meios académicos e de investigação, pelo facto de facilitar o acesso livre e gratuito ao respetivo conteúdo (Despacho nº 115/13 - Aprovação da Política de Depósito de Documentos no RCIPCB, Artº 1º).

De acordo com o ponto 1 do Artigo 2º do Despacho nº 115/13 (Aprovação da Política de Depósito de Documentos no RCIPCB) “o depósito de documentos no RCIPCB pode ser efetuado através das opções de arquivo e de auto arquivo. Na opção de arquivo o depósito de documentos é efetuado pelas Bibliotecas das Unidades Orgânicas às quais os depositantes estão afetos. Na opção de auto arquivo o depósito de documentos é efetuado pelos próprios autores.”

A possibilidade de arquivar autonomamente as suas produções científicas, a fim de se concretizar esta atividade, é necessário o registo na «Área pessoal» e seguir os passos solicitados. O primeiro passo corresponde à Figura 8, que permite o acesso ao «*Login pessoal*»

⁵⁰ <http://www.ipcb.pt/index.php/repositorio-cientifico-do-ipcb>, acedido em 2016-02-15

para que tenha acesso à «Área Pessoal» e, desta forma, possa depositar os documentos, numa perspetiva de autoarquivo:

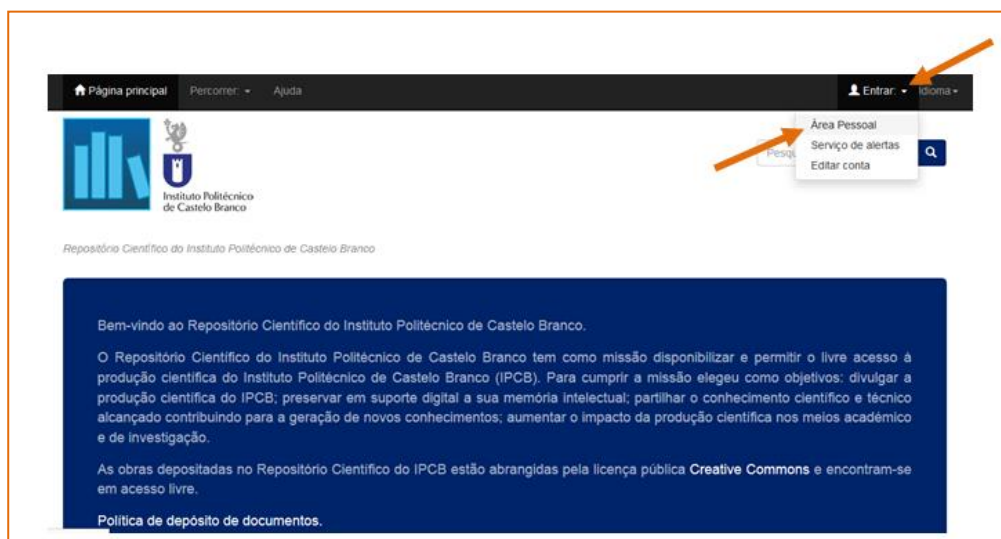


Figura 8: Login para acesso à Área Pessoal para efetuar autoarquivo no RCIPCB.⁵¹

Na Figura 9, apresenta-se o ecrã correspondente à fase seguinte que pressupõe, para se efetuar o autoarquivo, a indicação do *e-mail* pessoal e a palavra de acesso, situação que ocorre a partir do momento que o autor já fez a sua inscrição prévia:

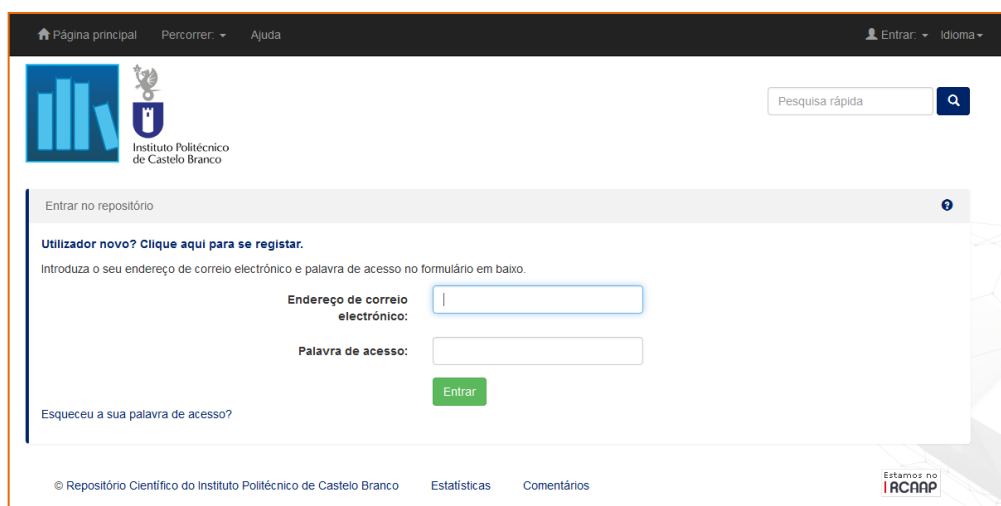


Figura 9: Registo para aceder à Área Pessoal para efetuar autoarquivo no RCIPCB.⁵²

⁵¹ <http://repositorio.ipcb.pt/>

⁵² <https://repositorio.ipcb.pt/password-login>

Num terceira fase, tal como se apresenta na Figura 10, passa-se ao processo de depósito de documentos:



Figura 10: Processo de Depósitos de Documentos no RCIPCB.⁵³

Iniciando o processo de depósito de documentos, basta ao depositante/investigador, seguir todos os procedimentos solicitados no Kit de Apoio, «Autoarquivo de artigos», disponibilizado na *Webpage* do RCIPCB⁵⁴.

De acordo com a Matriz de Objetivos de Qualidade para o IPCB em 2015⁵⁵, objetivo nº 64, é referida a necessidade de aumentar em 20% o número de documentos depositados no RCIPCB, tendo por base o número de documentos depositados em 2014. Esse aumento percentual equivale a um acréscimo de 510 novas publicações arquivadas no RCIPCB. Valor não impossível de alcançar, uma vez que, e segundo dados da Newsletter nº 41 (novembro de 2015) o RCIPCB apresenta, em 13 de novembro de 2015, um valor total de 481 documentos depositados. Nesta referida data o RCIPCB totaliza 2 936 documentos em arquivo digital, discriminados pelas várias Unidades Orgânicas (UO) que compõem o IPCB:

- Escola Superior Agrária: 1219
- Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias: 226

⁵³ Fonte: <http://rcaap.ipcb.pt/KIT%20de%20ajuda%20artigo.pdf>

⁵⁴ <http://repositorio.ipcb.pt/>, acedido em 2015-11-11

⁵⁵ <http://www.ipcb.pt/index.php/consultar-todas-notas-informativas/1557-matriz-de-objetivos-do-ipcb-exemplo-de-boas-praticas-institucionais>, acedido em 2015-11-11

- Escola Superior de Artes Aplicadas: 218
- Escola Superior de Educação: 765
- Escola Superior de Gestão: 144
- Escola Superior de Tecnologia: 364

Focado na teoria de acesso livre ao conhecimento e no crescimento do RCIPCB, incutindo a boa prática de depósito de documentos no RCIPCB, foi lançado pelo IPCB, em 2012, o ‘Prémio de Mérito do Repositório Científico’. Este prémio é entregue na cerimónia de comemoração do aniversário do IPCB, tendo o propósito de distinguir o docente que mais contribuiu para o crescimento do RCIPCB, ao efetuar o depósito de maior número de documentos, estimulando, desta forma, a investigação e produção científicas.

Associado ao RCIPCB existe um *blog*⁵⁶ que tem como finalidade complementar informação não apenas acerca do repositório institucional mas também como forma de complementar informação, relativamente a diversas categorias no domínio do *open access* e do conhecimento científico, que pode ser partilhada por todos os seus utilizadores. Este *blog*, à semelhança de outros *blogs* permite uma maior e mais fácil interação entre todos os potenciais utilizadores através da inclusão de *posts*. Neste *blog* há um conjunto de separadores que vão no sentido de auxiliarem os utilizadores onde constam matérias atualizadas e de carácter formativo.

No sentido de divulgação da produção e investigação científica do IPCB, ocorreu em janeiro de 2010, a apresentação institucional do RCIPCB nos Serviços Centrais e da Presidência e, numa fase posterior, em cada uma das Unidades Orgânicas do IPCB.

No propósito de ir mais além do que disseminar e projetar a produção científica, sentiu-se a necessidade de preservar a memória intelectual do IPCB, consolidando a Instituição, através do aumento da visibilidade no seio de outras comunidades e sociedade em geral. Neste contexto, surge em março de 2010 a primeira Newsletter⁵⁷ do RCIPCB. Uma publicação eletrónica que se iniciou com uma periodicidade mensal, passando a bimestral em janeiro de 2012, com o propósito bem definido de divulgar a evolução do RCIPCB, informar sobre os eventos e atividades adjacentes ao mesmo e estimular o interesse e a participação de cada um dos seus membros no sucesso do RCIPCB (Newsletter nº 1, março de 2010).

A Newsletter, além de divulgar informações relativas ao acesso aberto ao conhecimento científico bem como aos eventos a ele relacionados, comporta uma rubrica intitulada ‘O RCIPCB em números’, onde o utilizador pode acompanhar a evolução de documentos

⁵⁶ <https://blog.rcaap.pt/tag/ipcb/>

⁵⁷ Newsletter é “uma comunicação por escrito dirigida a certo grupo de pessoas, boletim” <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=newsletter>

depositados em cada comunidade, com indicação da data de referência. Até à presente data já foram publicadas 42 Newsletters que têm permitido a que toda a comunidade educativa do IPCB possa acompanhar, com detalhe, a evolução do RCIPCB.

De realçar que, após o primeiro ano de publicação da Newsletter, o número de documentos depositados no RCIPCB teve um aumento significativo, como a seguir se evidencia na Figura 11:



Figura 11: Número de documentos depositados no RCIPCB comparativos entre a primeira e a décima segunda publicação da Newsletter do IPCB.⁵⁸

De acordo com o exposto na Newsletter nº 3 (2010), o motivo que conduz ao aumento de depósito de documentos no RCIPCB relaciona-se diretamente com a visibilidade que é levada além fronteiras; com o conseqüente aumento de citação dos documentos; com a celeridade do processo de difusão de I&D, pelo facto da partilha ser instantânea; a simplicidade de acesso ao conhecimento; a disponibilidade imediata da informação; a aglutinação de documentos, dados e metadados numa única estrutura, o que facilita a recolha das pesquisas pelo utilizador; a preservação dos documentos; a facilidade e rapidez de utilização; o aumento do impacto da investigação, pela sua visibilidade; a valorização da imagem da organização, enquanto entidade promotora de informação e de conhecimento; a comodidade, podendo depositar documentos, ou consultar sem ter de sair de casa.

Como se pode verificar na Figura 12, a evolução quer no número de *downloads*, quer no de consultas tem vindo a aumentar de forma sustentada, com exceção do ano de 2015, sem que haja um motivo conhecido para esta ocorrência.

⁵⁸ Fonte: Newsletter nº 1 e nº 12

Downloads e Consultas		Export
Ano	Downloads	Consultas
2009	755,5	702
2010	44.696,0	20.229
2011	122.874,3	45.582
2012	250.279,0	86.247
2013	391.793,8	176.581
2014	639.318,6	277.370
2015	491.549,0	240.734
2016	38.573,9	13.977
	1.979.840,1	861.422

Figura 12: Downloads e Consultas efetuadas no RCIPCB, no período compreendido entre 2009-2016.⁵⁹

De acordo com dados recolhidos a partir do RCIPCB (2016) pode-se constatar que acedem a este repositório um número bastante diversificado de utilizadores de vários países a nível mundial. Para o efeito, a Figura 13 apresenta o «Top 5» dos utilizadores e respetivos países que mais acedem ao RCIPCB. Como é fácil de observar, os utilizadores que mais *downloads* e consultas efetuam são de Portugal com 657.553,4 downloads a que corresponde um valor de 33.42%. Nos lugares seguintes encontram-se os Estados Unidos da América (30.36%), o Brasil (10.71%), a Argentina (6.22%) e a China (4.52%). No que respeita ao número de consultas surge em primeiro lugar os Estados Unidos da América com 263.907 a que corresponde um valor de 30.83%. Nos lugares seguintes encontram-se Portugal (28.61%), o Brasil (11.47%), a Federação Russa (4.50%) e, por fim, a China (4.35%).

Como é facilmente perceptível, há três países que no seu conjunto são dominantes em termos de *downloads* e de consultas ao nível do RCIPCB que, na sua totalidade, correspondem a valores que ultrapassam os 50-60%: Portugal, Estados Unidos da América e Brasil. Com o intuito de se pretender explicar estes dados, podem-se referir algumas potenciais razões explicativas: o facto de Portugal e do Brasil partilharem a língua portuguesa faz com que estes sejam os países mais representados; por outro lado, os Estados Unidos da América surgem praticamente ao mesmo nível de Portugal, apesar de não partilharem a mesma língua, uma razão pode ter uma relação direta com o facto de várias publicações de investigadores serem escritas em inglês e também pelo facto de, mesmo em publicações nacionais se ter vindo a exigir a inclusão de um resumo em inglês (*abstract*) bem como as respetivas palavras-chave (*keywords*). Um outro país que surge neste Top 5 é a China, talvez pela razão de

⁵⁹ Fonte: RCIPCB, 2016

Portugal poder estar associado a, nos tempos presentes, a intercâmbios de ordem comercial, o que poderá facilitar ligações ao nível académico.

Downloads por país			Consultas por país		
Origem	Downloads	Perc. (%)	Origem	Consultas	Perc. (%)
Portugal	657.553,4	33,42	United States	263.907	30,83
United States	597.433,0	30,36	Portugal	244.917	28,61
Brazil	210.643,3	10,71	Brazil	98.178	11,47
Argentina	122.420,4	6,22	Russian Federation	38.524	4,50
China	88.979,5	4,52	China	37.230	4,35

Figura 13: Estatísticas correspondentes aos *downloads* e às consultas por país do RCIPCB, no período compreendido entre 2009-2016.⁶⁰

Para se aceder aos documentos depositados no RCIPCB, no sítio do RCIPCB, existem diversas formas de o fazer, podendo seguir-se diferentes *itens*, como a seguir se apresenta na Figura 14.

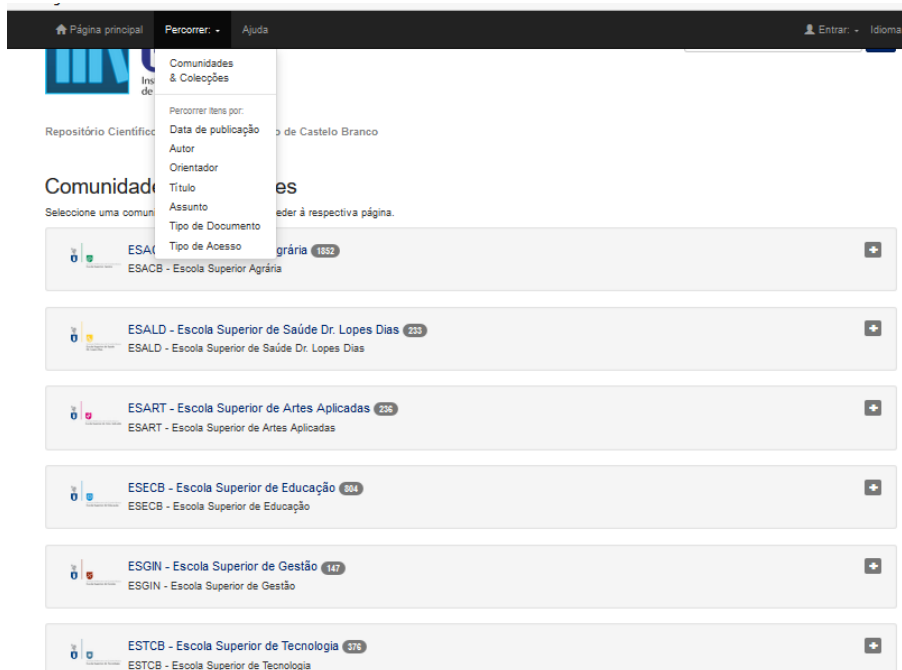


Figura 14: Diversas Formas de Acesso aos Documentos em Depósito no RCIPCB.⁶¹

⁶⁰ Fonte: RCIPCB, 2016

⁶¹ Fonte: RCIPCB, 2016

Tal como descrito na anterior Figura (14), o utilizador pode enveredar por diversos ‘caminhos’ para aceder aos documentos depositados no RCIPCB, optando pelo *item* que melhor ou mais rapidamente satisfaça a sua necessidade. Pode assim, preferir enveredar pelo separador *Comunidades & coleções*; pela *Data de Publicação*; por *Autor*; por *Orientador*; pelo *Título*; pelo *Assunto*; pelo *Tipo de Documento* e pelo *Tipo de Acesso* (*closed access, embargo access, open access, restricted access*). Se o acesso ocorrer por *Comunidades & Coleções* é demonstrado uma panorâmica global do total de documentos em depósito no RCIPCB, à data da consulta, em cada Unidade Orgânica. Selecionando a UO pretendida pode passar-se a percorrer essa mesma UO por: *Data de Publicação*; *Autor*; *Orientador*; *Título*; *Assunto*; *Tipo de documento*, *Tipo de Acesso*.

No presente caso, optou-se por uma pesquisa por *Tipo de Documento*, por ser um *item* mais objetivo, em todas as UO do IPCB, apresentando-se uma tabela por cada UO, com a ordem que se apresenta no sítio do RCIPCB⁶² caracterizando em cada uma das UO a tipologia dos documentos mais depositados até ao terceiro lugar.

A ESA está em primeiro lugar na lista, no sítio do RCIPCB, pelo que se iniciou por esta UO. Sendo que a Figura 15 evidencia a totalidade de documentos depositados na ESA, na presente data (2016-03-20), discriminados por tipo de documento:

Percorrer "ESACB - Escola Superior Agrária" por Tipo de Documento



Artigo	275
chapter = Parte ou capítulo de livro	1
Livro	32
Parte ou capítulo de livro	47
Documento de Conferência	634
Dataset	1
Tese de Doutoramento	26
Palestra	19
???document.type.Livro???	2
Dissertação de Mestrado	141
Outro	643
Patente	1
Relatório	32

Figura 15: Totalidade de Documentos Depositados pela ESA, por Tipo de Documento.⁶³

⁶² <https://repositorio.ipcb.pt/community-list>

⁶³ Fonte: RCIPCB, 2016

De salientar que na ESA os documentos de conferência destacam-se pelo maior número de documentos (634) depositados no RCIPCB, apresentando-se logo após, o tipo de documento 'Outro' (643), por ser um *item* abrangente de diversos tipos de documentos, tais como documentos com dados relativos à meteorologia (por exemplo), apresentando-se em terceiro lugar os artigos (275).

A Figura 16 mostra como na ESALD estão distribuídos os depósitos, no RCIPCB, por tipo de documento.

Percorrer "ESALD - Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias" por Tipo de Documento

Artigo	35
Livro	4
Parte ou capítulo de livro	1
Documento de Conferência	110
Tese de Doutoramento	8
Palestra	3
Dissertação de Mestrado	61
Outro	1
Preprint	2
Relatório	8

Figura 16: Totalidade de Documentos Depositados pela ESALD, por Tipo de Documento.⁶⁴

Constata-se, ao observar-se a Figura 16, que na ESALD os documentos de conferência (110) são os depósitos em maior número, seguindo-se as dissertações de mestrado (61) e, logo depois, os artigos (35).

Passando à análise de outra UO, observa-se na Figura 17, o tipo de documentos que a ESART comporta no RCIPCB. Segundo os dados apresentados esta UO depositou maior número de dissertações de mestrado (136), artigos (46) e, em terceira posição, constam documentos de conferência (37).

⁶⁴ Fonte: RCIPCB, 2016

Percorrer "ESART - Escola Superior de Artes Aplicadas" por Tipo de Documento

Artigo	46
Livro	3
Parte ou capítulo de livro	5
Documento de Conferência	37
Tese de Doutoramento	7
Dissertação de Mestrado	136
Outro	2

Figura 17: Totalidade de Documentos Depositados pela ESART, por Tipo de Documento⁶⁵

Ao percorrer-se a ESE encontramos as designações, por tipo de documento, dos documentos em depósito no RCIPCB, como se pode verificar ao consultar-se a Figura 18, que a seguir se apresenta:

Percorrer "ESECB - Escola Superior de Educação" por Tipo de Documento

Artigo	330
Livro	19
Parte ou capítulo de livro	37
Documento de Conferência	103
Tese de Doutoramento	13
Palestra	5
Dissertação de Mestrado	289
Outro	3
Relatório	5

Figura 18: Totalidade de Documentos Depositados pela ESE, por Tipo de Documento⁶⁶

⁶⁵ Fonte: RCIPCB, 2016

⁶⁶ Fonte: RCIPCB, 2016

A Figura 18 evidencia assim que a ESE tem, em depósito no RCIPCB, maior número de artigos (330), seguindo-se dissertações de mestrado (289) e, em terceira posição, apresentam-se documentos de conferência (103).

Cabe, também, analisar o tipo de documentos mais depositados no RCIPCB pela ESGIN, como se apresenta na Figura 19:

Percorrer "ESGIN - Escola Superior de Gestão" por Tipo de Documento

Artigo	100
Livro	2
Parte ou capítulo de livro	1
Documento de Conferência	13
Tese de Doutoramento	6
Palestra	1
Dissertação de Mestrado	22
Outro	1
Relatório	1

Figura 19: Totalidade de Documentos Depositados pela ESGIN, por Tipo de Documento⁶⁷

Ao analisar a Figura 19 verifica-se que a ESGIN tem em depósito no RCIPCB mais artigos (100), dissertações de mestrado (22) e, em terceiro lugar, documentos de conferência (13). Estes dados, apresentados na Figura 20, destacam que esta UO comporta um menor número de depósitos no RCIPCB comparando com qualquer outra UO do IPCB.

Por fim, passa-se à análise da totalidade de documentos depositados no RCPCB da EST. Dados que se evidenciam na Figura nº 20, a seguir apresentada.

⁶⁷ Fonte: RCIPCB, 2016

Percorrer "ESTCB - Escola Superior de Tecnologia" por Tipo de Documento

Anotação	1
Artigo	92
Livro	3
Parte ou capítulo de livro	6
Documento de Conferência	193
Tese de Doutoramento	19
Palestra	4
Dissertação de Mestrado	82
Outro	1
Patente	1
Preprint	1

Figura 20: Totalidade de Documentos Depositados pela EST, por Tipo de Documento⁶⁸

A Figura 20 mostra, o número de depósitos de documentos, da EST, no RCIPCB. Sendo que o maior número de documentos cabe aos documentos de conferência (193), seguindo-se os artigos (92) e, em terceiro lugar, as dissertações de mestrado (82).

Depois de se ter realizado, nas figuras anteriores, uma análise individual do número de depósito de documentos no RCIPCB, por cada UO, efetuou-se um levantamento de depósito documental científico do RCIPCB, que se representa em gráfico, a fim de ser mais fácil a visualização e a comparação, de todas as UO do IPCB. Com este levantamento documental científico, destacando o tipo de documentos com maior número de depósito, também afere o total geral de documentos depositados no RCIPCB, na presente data, como está demonstrado no Gráfico 3:

⁶⁸ Fonte: RCIPCB, 2016

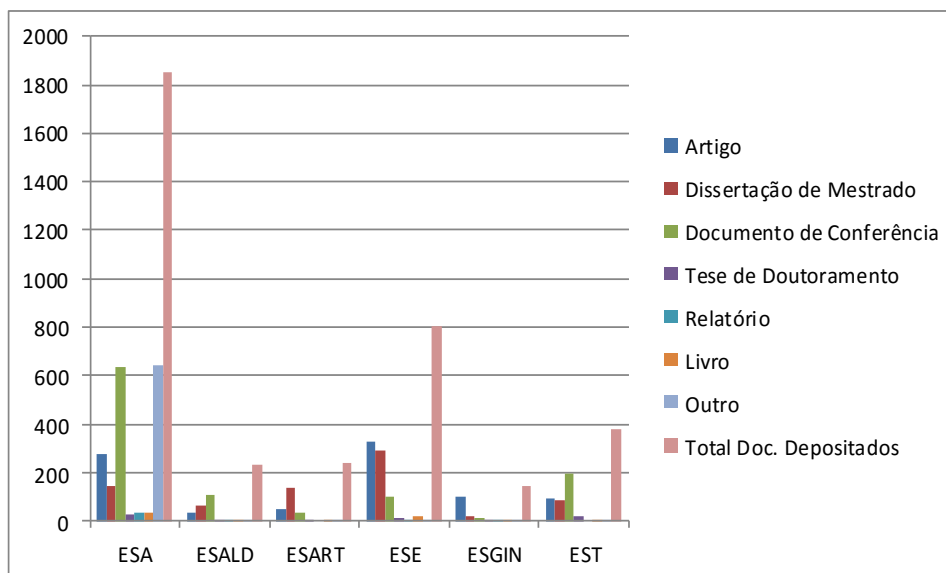


Gráfico 3: Levantamento do Depósito Documental Científico no RCIPCB por UO⁶⁹

Ao se analisarem os resultados expostos no Gráfico 3, constata-se que a ESA é a UO com maior índice de documentos depositados no RCIPCB. O tipo de documento «Outro» e «Documentos de Conferência» são os mais representativos nos depósitos. Já a ESE apresenta-se em segundo lugar com maior número de documentos depositados, evidenciando maior número de «Artigos» e «Dissertações de Mestrado». Nos lugares seguintes destacam-se a EST, onde sobressaem os «Documentos de Conferência», a ESART com maior número de depósitos de «Dissertações de mestrado», a ESALD com o máximo de depósitos no que concerne aos «Documentos de Conferência» e, por fim, a ESGIN, com artigos a elevar o tipo de documento com maior número de depósitos.

Desta leitura de dados conclui-se, como é notório ao observar-se o Gráfico 3, que a ESA apresenta o maior número total de depósito no RCIPCB (1852), a ESE (804), a EST (376), a ESART (236), a ESALD (233) e, por fim, a ESGIN (147).

Neste 'ranking interno' são as UO mais antigas no IPCB e, por essa razão, aquelas que possuem um corpo docente mais qualificado, aquelas que apresentam um maior volume de documentos depositados no RCIPCB. No mesmo sentido, pelo facto destas UO já possuírem um historial de formação mais consolidado ao que, mais recentemente, se têm vindo a associar cursos de mestrado, constitui uma outra razão para este depósito ser em maior número. Apesar da ESALD ser a par da ESART as UO mais recentes a integrar o IPCB, é de realçar o facto de terem já um número de depósitos significativo, o que poderá refletir outras variáveis associadas. O mediatismo da ESART associado aos vários prémios nacionais e internacionais podem estar na base de um estímulo para uma maior produção científica. No caso da ESALD, a própria temática da área da Saúde, derivados aos enormes progressos que têm vindo a

⁶⁹ Fonte: RCIPCB, 2016

operar-se neste domínio, também podem ter fomentado maiores índices de investigação. Globalmente, uma outra variável que pode ter sido determinante prende-se com o número de cursos de mestrado em funcionamento que levam, de forma natural, a que se fomente mais a investigação, não apenas ao nível das ‘teses’ mas também à divulgação das mesmas em formato de comunicação e de artigos científicos.

3. Metodologia da Investigação

A investigação realizada assentou no paradigma de metodologia de avaliação qualitativa, ao pretender focar a questão principal, analisando a questão entre as variáveis, incitando o “(...) processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos” (Richardson, 1989:39).

Tal como foi mencionado, esta investigação sustentou-se na metodologia qualitativa, preocupando-se com: “(...) a recolha fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade” (Afonso, 2005: 14). Para Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa assume a designação de naturalista, uma vez que diz respeito ao ambiente natural onde os acontecimentos ocorrem e são o objeto da pesquisa. Isto significa que o investigador naturalista não tem qualquer intervenção com a dimensão da amostra nem com a demonstração dos resultados (Fernandes, 1991).

3.1. Estudo de Caso

Dentro do paradigma da metodologia qualitativa, a investigação realizada inseriu-se no âmbito de um estudo de caso, dado que teve o seu *fócus* no RCIPCB, mais concretamente, ao nível da Escola Superior de Educação.

No que concerne ao estudo de caso, este é particularmente adequado quando o investigador tem de estudar um problema concreto num curto espaço de tempo permitindo-lhe adquirir um conhecimento mais profundo sobre o fundamento da investigação (Bell, 1997 e Yin, 2005). Neste tipo de abordagem, o investigador observa e interpreta as vivências e as óticas dos intervenientes do estudo, procurando obter os significados das suas ações e os seus pontos de vista. Assim, o estudo de caso é aconselhado para investigações específicas, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto de um problema em tempo real (Bell, 1997). Referindo Yin (2005: 32), o estudo de caso também é apropriado quando se trata de “(...) um acontecimento contemporâneo dentro do seu contexto da vida real especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidos”.

Do referido, constata-se que estudo de caso consiste na observação pormenorizada de um contexto, de um sujeito ou de um acontecimento específico (Merriam, 1988, cit. por Bogdan & Biklen, 1994). O objetivo fulcral é perceber a dinâmica de um determinado sujeito ou grupo, encarado como entidade única. Para Yin (2005), estudo de caso corresponde a um tipo

de investigação que se vai basear, numa forma mais intensa, no trabalho de campo, estudando uma pessoa, um programa ou uma instituição no seio do seu contexto real, de forma a incluir entrevistas, questionários, observações, registos áudio ou em suporte vídeo.

3.2. Contexto e Amostra da Investigação

No que diz respeito à questão relacionada com a definição de amostra, para Braga (2010), a amostra é parte ou subconjunto de dados da população a ser investigada. Nesta investigação a amostra incluiu os coordenadores dos mestrados em funcionamento na Escola Superior de Educação de Castelo Branco (ESECB), no ano letivo de 2015/2016 e os estudantes que frequentam os respetivos mestrados. Os cursos de mestrado envolvidos foram os seguintes: Atividade Física; Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico; Educação especial - Domínio Cognitivo e Motor; Gerontologia Social; Intervenção Social Escolar.

3.3. Instrumentos da Investigação

Na investigação implementada, foram adotados diversos tipos de instrumentos de investigação que incluíram a análise documental (digital e analógica), a realização de entrevistas semiestruturadas aos coordenadores dos mestrados da ESECB e a aplicação de inquéritos por questionário aos estudantes. No final, efetuou-se a triangulação dos dados recolhidos pelos diferentes instrumentos de investigação, sendo sempre salvaguardados todos os aspetos de carácter ético.

3.3.1. Análise Documental

Quando é efetuada uma investigação torna-se fundamental que seja executada uma análise documental no sentido do investigador possuir toda a informação necessária para que adeque os procedimentos a realizar. Neste sentido, a recolha de dados descritivos através de metodologias essencialmente qualitativas parece ser, assim, fundamental para o desenvolvimento posterior de concetualizações teóricas mais refinadas e compreensivas (Poczwadowski & Conroy, 2002).

3.3.2. Entrevista

A entrevista é um instrumento de investigação geralmente utilizado nas metodologias qualitativas que primam por permitirem aos investigadores um conhecimento aprofundado e compreensivo do desenvolvimento de um percurso de experiências e significados do próprio indivíduo. Como refere Kvale (1996: 1), “(...) a entrevista de investigação qualitativa tenta

compreender o mundo do ponto de vista do sujeito, para revelar o significado das experiências das pessoas, para descobrir o seu mundo vivido, antes de explicações científicas”. Deste modo o entrevistador pode prosseguir em profundidade a informação em torno do tema (McNamara, 1999).

Como nos referem Bogdan e Biklen (1994), a entrevista adquire contornos importantes no estudo de caso, na medida em que através dela é possível a aproximação com a realidade organizacional e a observação da forma como as pessoas interpretam as suas vivências. Neste sentido, esta técnica “(...) é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem da própria pessoa, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma noção relativamente ao modo como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan e Biklen, 1994:134). Nesta perspetiva, Bogdan e Biklen (1994: 136), defendem ainda que “(...) uma boa entrevista torna os sujeitos mais confiantes, capacita-os para a utilização de uma linguagem mais fluída e aumenta a riqueza de dados, tão enriquecedores à investigação em causa e ao problema inicial”. A entrevista é uma das técnicas mais comuns na metodologia qualitativa e a “(...) interação direta é uma questão-chave desta técnica” (Carmo & Ferreira, 1998: 125). Deste modo, proporciona-se um processo de comunicação bidirecional entre o entrevistador e o entrevistado. Neste contexto, o inquérito por entrevista pressupõe uma interação que capta os significados e conceções de quem é entrevistado. Ao realizar a entrevista, o investigador tem a oportunidade de adequar as respostas a novas perguntas no decorrer da conversa, mas consegue, também, apurar a explicação das circunstâncias que possibilitam o conhecimento das respostas, assim como as motivações e linhas de raciocínio que lhes são adjacentes (Sousa, 2005).

Tendo em consideração que as entrevistas a praticar poderão assumir diferentes tipologias (estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas), na presente investigação optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas. Como é apresentado por Ghiglione e Matalon (2001), citados por Dias (2011), distinguem três tipos de entrevista: entrevistas livres (com um carácter ambíguo, permitindo que o entrevistado desenvolva o seu próprio pensamento sobre um tema geral); semiestruturadas (com um guião pré-elaborado de entrevista onde estão incluídas as perguntas que vão ser feitas); e estruturadas (apresentam uma estrutura idêntica ao questionário). Neste caso, foi aplicada uma entrevista semiestruturada, com o propósito de facilitar a recolha de informação de uma forma mais eficaz e adequada à consecução dos objetivos previamente propostos. As entrevistas semiestruturadas (ou semidiretivas), de acordo com Quivy & Campenhoudt (1992), têm um guião pré-definido, pelo entrevistador, mas permitem que o entrevistado tenha alguma liberdade para ampliar as respostas segundo a direção que considere. Uma das principais vantagens da aplicação da entrevista semiestruturada é a possibilidade de acesso a uma enorme riqueza informativa e ao esclarecimento de alguns aspetos no seguimento da mesma. Esta técnica possibilita uma acomodação da entrevista ao entrevistado e uma maior flexibilidade perante a exploração das questões. Assim, a entrevista semiestruturada é uma técnica de recolha de dados qualitativos

que possui uma flexibilidade de adaptação ao indivíduo que está a ser entrevistado e ao contexto, uma vez que possui um guião que é adaptável.

Bogdan e Biklen (1994) defendem que a técnica que envolve a realização de entrevistas é utilizada para selecionar dados descritivos na linguagem de primeira pessoa, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma perspetiva sobre o modo como os sujeitos interpretam aspetos do mundo. Nesta perspetiva, Silvestre e Araújo (2012) são de opinião que a entrevista corresponde a um processo de interação face-a-face entre uma ou mais pessoas, que desempenham o papel de entrevistador, e uma pessoa ou um grupo de pessoas, que desempenham o papel de entrevistado. Neste sentido e, para garantir o sucesso da entrevista, o entrevistador deve estabelecer um bom relacionamento com o entrevistado. Este relacionamento deve primar, acima de tudo, pela confiança e pelo respeito ao entrevistado.

Nesta investigação, tal como afirmado anteriormente, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas. Para o efeito, foi construído um guião da entrevista que se encontra organizado de acordo com 4 categorias (apêndice 7.1.). As categorias são as seguintes:

- Categoria 1: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao grau de importância que atribuem às TIC-Tecnologias da Informação e da Comunicação.
- Categoria 2: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente a recursos digitais *online* para efeitos de investigação (bibliotecas digitais, repositórios...).
- Categoria 3: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao Repositório Digital do IPCB.
- Categoria 4: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao impacto do Repositório Digital do IPCB no seio do curso de Mestrado que coordena e a importância do mesmo para os respetivos mestrandos.

3.3.2.1. Análise de Conteúdo

Após a realização das entrevistas que foram gravadas em suporte áudio, correspondeu uma fase posterior que consistiu na sua transcrição. Após esta transcrição, as entrevistas foram objeto de uma análise de conteúdo.

Considerando que o presente estudo foi operacionalizado através de uma metodologia qualitativa, a análise de conteúdo foi o procedimento mais adequado para a consecução dos objetivos pretendidos. Como tal, conforme referido por Minayo (2004), a expressão de análise de conteúdo é a mais comumente utilizada no tratamento de dados de uma pesquisa qualitativa. Em termos conceituais, na opinião Bardin (2004), a análise de conteúdo consiste na avaliação do conjunto de técnicas de análise das comunicações, procedimentos sistemáticos e objetivos relativos à descrição do conteúdo das mensagens. Nesse sentido e neste caso, aconselha-se a uma análise de conteúdo, uma vez que esse método permite

analisar as motivações, as atitudes, os valores, as crenças e as tendências dos participantes do estudo. Na análise de conteúdo foram obtidas categorias e respetivas subcategorias que emergiram deste processo de análise. Numa outra fase, foi feita a enumeração das unidades de registo correspondentes a essas categorias e/ou subcategorias.

Na presente investigação foram realizados todos os procedimentos previstos que estão associados à análise de conteúdo (apêndice 7.3.). Como se pode observar neste apêndice, para cada categoria foram apuradas subcategorias que estavam previstas no guião da entrevista e que emergiram após o seu tratamento. Para cada uma das subcategorias foram apurados os indicadores respetivos para cada um dos entrevistados. Apurados os indicadores foi possível identificarem-se o número de registos/ocorrências verificados. Por último, foi feita uma análise de subcategoria a subcategoria com o objetivo de se poderem aferir as respetivas inferências.

3.3.3. Inquérito por Questionário

Para a realização desta investigação foi ainda elaborado um inquérito por questionário que foi aplicado aos estudantes. Numa fase inicial, foi elaborado um pré-questionário que foi validado pelo «método dos juízes»: Eduarda Rodrigues (responsável pelos Serviços de Documentação e Bibliotecas do IPCB; bibliotecária na ESACB e na ESART; administradora do RCIPCB); Iria Pinto (responsável da biblioteca da ESE); José Martins (responsável da biblioteca municipal de Castelo Branco). Após esta etapa, elaborou-se o questionário a aplicar (apêndice 7.4.), depois do mesmo ter sido reformulado de acordo com as opiniões e sugestões dos juízes.

Um questionário é um instrumento de recolha de informações com questões que abrangem um tópico de interesse para o investigador, não havendo interação direta com os inquiridos, como referem Carmo & Ferreira (1998). De acordo com Quivy e Campenhoudt (2008), o questionário é dirigido ao inquirido, sendo lido e preenchido por ele. Nessa sequência, é importante que a formulação das questões seja explícita e precisa, de modo a permitir uma interpretação correta das mesmas. Apesar de o questionário não ser propriamente uma metodologia qualitativa, na medida em que não implica a interação com o inquirido, este tipo de inquérito é necessariamente útil ao pretender ser perceptível, do ponto de vista da pessoa questionada, sobre um determinado tema, obtendo as respostas de uma forma rápida e sem necessidade de efetuar transcrição das informações. Em função dos objetivos pretendidos, o investigador deve assegurar que as questões vão ser entendidas da forma pretendida. Desse modo, é importante validar os questionários antes da sua aplicação. Quanto maior for a clareza das questões e quanto maior for o leque das opções de repostas sugeridas, menor será o potencial enviesamento (Foddy, 2002).

O inquérito por questionário é constituído por um conjunto estruturado de questões, anteriormente elaboradas na sua ordem e conteúdo. De acordo com Freixo (2009:197): “O investigador utiliza o questionário com o intuito de obter informações que lhe permita confirmar ou infirmar uma ou várias hipóteses de investigação”. Neste sentido, tendo em consideração as opiniões de Silvestre & Araújo (2012), o inquérito por questionário é uma técnica de recolha de dados adequada quando se pretende obter dados com menor profundidade, comparativamente com os dados que podem ser obtidos com recurso à entrevista. De acordo com Quivy & Campenhoudt (2008), o inquérito é dirigido ao inquirido, sendo lido e preenchido por ele. Por isso, a aplicação do inquérito torna-se mais adequada do que a entrevista quando se pretende envolver um maior número de indivíduos, num espaço de tempo relativamente curto. As perguntas que integram os inquéritos podem ser de dois tipos: perguntas fechadas e perguntas abertas. As perguntas fechadas são perguntas que não permitem flexibilidade nas respostas, consideradas do tipo ‘direto’. Uma das desvantagens é de não permitir acrescentar mais informações, nem justificações. Contudo, uma das potenciais vantagens relaciona-se com a possibilidade de se incluir um vasto número de questões sendo mais célere o tempo despendido no seu preenchimento. Quando se pretendem incluir perguntas abertas, é dada a possibilidade ao inquirido de poder emitir todas as justificações e informações complementares que considere necessárias. Contrariamente à situação anterior deve existir o cuidado do questionário ser constituído por um número reduzido de questões devido ao tempo que é necessário despendido para as respostas, evitando assim a desmotivação de preenchimento do inquérito e a uma potencial e consequente falta de rigor. No caso particular desta investigação, o inquérito conterá perguntas fechadas e abertas. As perguntas fechadas corresponderão a aspetos muito objetivos, enquanto as perguntas abertas pretenderão recolher justificações que se manifestem por detrás das opções tomadas. É necessário tomar atenção na forma como se formulam as questões, assim como na apresentação do questionário. Será importante ter em consideração as habilitações do público-alvo a quem o mesmo vai ser aplicado. De salientar que o conjunto de questões deverá ser bem organizado e conter uma forma lógica para quem o preenche. Assim sendo, as questões devem ser desenvolvidas tendo em conta dois princípios básicos: princípio da clareza e o princípio da coerência.

O inquérito por questionário aplicado (apêndice 7.4.) teve em consideração os formalismos e os procedimentos atrás enunciados, tendo uma organização por secções. As secções que o compõem são as seguintes:

- Secção A: Caracterização da amostra
- Secção B: Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)
- Secção C: Impacto do Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB)

As questões apresentadas eram de escolha múltipla havendo, na maioria dos casos, a hipótese do inquirido poder acrescentar informação complementar ('Outro'). Na última questão (3) incluiu oito afirmações que os inquiridos tinham de responder tendo por base uma escala de Likert. Neste caso, foram propostos cinco níveis: 1 - Totalmente inadequado; 2 - Inadequado; 3 - Adequado; 4 - Muito adequado; 5 - Bastante adequado. Para o efeito, os níveis 1 e 2 são considerados 'negativos', o nível 3 com carácter 'neutral' e, por fim, os níveis 4 e 5 considerados como 'positivos'. Os dados apurados foram submetidos a um tratamento estatístico com a utilização do programa SPSS, versão 23.0.

3.3.4. Triangulação de Dados

A triangulação de dados significa observar uma investigação a partir de diversas recolhas de dados. Neste sentido, Cohen e Manion (1990) afirmam que a triangulação de dados resulta na interseção de um conjunto de métodos ou dados. Por esta razão, a triangulação de dados foi considerada fundamental nesta investigação, visto que proporcionou a relação entre os vários instrumentos de investigação utilizados e dos indivíduos envolvidos no estudo.

Neste sentido, a realização da triangulação de dados foi executada analisando as opiniões recolhidas nas entrevistas e nos questionários, contrastadas entre si, e também com os dados de recolha e análise documental digital do RCIPCB. Vergara (2006) é de opinião que a triangulação pode ser vista a partir de duas óticas: a estratégia que contribui com a validade de uma pesquisa e como uma alternativa para a obtenção de novos conhecimentos, através de diferentes pontos de vista. Poder-se-á afirmar, assim, como opinam Fontana & Frey (2000) que cada vez mais são utilizados multimétodos, com o objetivo de se atingirem resultados mais amplos e mais rigorosos.

4. Análise e Tratamento de Dados

4.1. Análise de Conteúdo das Entrevistas Semiestruturadas realizadas aos Coordenadores de Mestrado a decorrer na ESE no ano letivo 2015/2016

Neste subcapítulo apresenta-se a análise de conteúdo das cinco entrevistas semiestruturadas efetuadas aos coordenadores de cada mestrado em funcionamento na ESECB no ano letivo de 2015/16. De forma a perceber-se, mais em pormenor, as suas opiniões, a análise de conteúdo foi estruturada por categorias e subcategorias, relativamente a cada item, de acordo com um guião previamente elaborado (Apêndice 7.1.). Para o efeito, é realizada a apresentação de cada uma das categorias e respetivas subcategorias que emergiram em consequência da análise de conteúdo efetuada.

4.1.1. Categoria I: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao grau de importância que atribuem às TIC

A Tabela 3 apresenta, de forma concisa, o número de registo de ocorrências que foram recolhidos a partir das entrevistas referentes à categoria I, onde se destaca o número de ocorrências nas subcategorias 1.1. e 1.2.

Categoria I	Subcategorias	Número de Registo de Ocorrências
Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao grau de importância que atribuem às TIC.	Subcategoria 1.1. Utilização para fins pessoais.	
	1.1.1. Exemplos de utilização.	10
	1.1.2. Vantagens.	12
	1.1.3. Desvantagens, obstáculos e limitações.	9
	Subcategoria 1.2. Utilização em contexto profissional/docência.	
	1.2.1. Exemplos de utilização.	19
	1.2.2. Vantagens.	12
	1.2.3. Desvantagens, obstáculos e limitações.	13

Tabela 3: Número de registos de ocorrências relativos às subcategorias 1.1 e 1.2 da categoria I.

4.1.1.1. Utilização para fins pessoais

Na subcategoria 1.1 «Utilização para fins pessoais» registaram-se 31 ocorrências. Neste caso foram analisadas três vertentes que pretenderam observar os diferentes exemplos de utilização, vantagens e as desvantagens, obstáculos e limitações.

4.1.1.1.1. Exemplos de utilização

Todos os entrevistados, sem exceção, referem utilizar as TIC para fins pessoais, valorizando-as em aspetos bastante diversificados, nomeadamente para comunicar (email; Skype), para fazer compras *online*, para ver filmes, para armazenar fotografias ou noutra vertente para consulta de documentos e de bases de dados que promovem uma ligação com atividades de carácter profissional. Neste caso foram obtidas 10 ocorrências, das quais, a título de exemplo se passam a apresentar:

CM1: “(...) a maioria das atividades que hoje executo passam todas pela utilização do computador (...)”.

CM2: “Utilizo as TIC para aquelas coisas básicas que toda a gente utiliza, ou seja, comunicação. Por email, Skype (...)”.

CM3: “(...) faço a maioria das compras pela internet (...)”.

CM4: “Sim utilizo. Em termos pessoais, quer em preparação de documentos, quer em consulta, também utilizo, mas é mais as bases de dados.”

CM5: “Sim para armazenar coisas pessoais, fotografias, documentos, faço uso diário e constante das TIC.”

4.1.1.1.2. Vantagens

Dentro da subcategoria 1.1., relativamente às «Vantagens» recolheram-se 12 ocorrências, tendo todos os entrevistados referido diversos aspetos vantajosos relativamente à utilização das TIC, de uma forma, mais ou menos, indiferenciada. Tal como na subcategoria anterior, as vantagens das TIC, associadas à internet são enfatizadas a comunicação e as compras online. Um outro aspeto, tido como vantajoso, tem a ver com o facto das TIC proporcionarem, de forma muito fácil, o armazenamento de grandes quantidades de informação e de ficheiros (ex: fotografias) e a sua conseqüente facilidade no acesso. Relativamente ao CM4 refere como vantagem a possibilidade que as TIC têm em promoverem condições que facilitam atividades de investigação. Para o efeito, são apresentados alguns exemplos:

CM1: “(...) facilitam a vida e esse é um aspecto favorável (...)”.

CM3: “Nós hoje não conseguimos viver sem computador, sem o telemóvel, smartphone e essas coisas todas.”

CM5: “As TIC vêm-nos facilitar muito a vida. Deixamos de ter tanto papel.”

4.1.1.1.3. *Desvantagens, obstáculos e limitações*

No que diz respeito às principais desvantagens, limitações e obstáculos as reações foram díspares, num total de 9 ocorrências. Dos cinco entrevistados, apenas quatro apontaram algumas desvantagens, obstáculos ou limitações na utilização das TIC para fins pessoais, evidenciando-se percepções distintas. Dois dos coordenadores (CM 1 e CM5) referiram a dependência que se cria relativamente à utilização das TIC, principalmente quando estas falham. Outra desvantagem manifestada é o facto de se poder perder um pouco o anonimato (ex: cookies) e de se poderem utilizar as informações para fins mal-intencionados. Neste caso, uma outra desvantagem é também associada às questões de segurança. Um dos obstáculos apontados é a indisponibilidade de acesso, porque nem tudo está disponibilizado. Num outro extremo, foi também referido o facto de haver uma tendência para se desmaterializarem os documentos, o que não deverá ser feito, dado que continua a ser necessário ou haver a possibilidade de se continuar a usar o suporte em papel.

CM1: “(...) as tecnologias são muito frágeis, elas falham muito (...).”

CM3: “(...) há uma certa quebra do anonimato, hoje de certa forma, com a utilização dos cookies (...).”

CM4: “(...) também não temos tudo em acesso, quer dizer, é preciso compreender que o acesso às tecnologias, nem tudo está em aberto.”

CM5: “(...) se o objeto de transporte, seja o telemóvel ou o tablet, nós perdemos ou deixa de funcionar, nós não sabemos nada. Nem números de telefone. Quer dizer, não sabemos nada porque está tudo lá metido.”

4.1.1.2. *Utilização em contexto profissional/docência.*

Na subcategoria 1.2 «Utilização em contexto profissional/docência» registaram-se 44 ocorrências. Neste caso foram também analisadas três vertentes que pretenderam observar os diferentes exemplos de utilização, vantagens e as desvantagens, obstáculos e limitações.

4.1.1.2.1. *Exemplos de Utilização*

Todos os entrevistados, sem exceção, referem utilizar as TIC para fins profissionais, no âmbito da docência, contabilizando-se um total de 19 ocorrências. O computador apresenta-se como um suporte que permite o acesso às diferentes bases de dados e outros recursos onde se enquadram as folhas de cálculo (ex: Excel), o programa de apresentação eletrónica (ex: PowerPoint), as plataformas LMS (ex: Moodle) e diversos vídeos (ex: Youtube), como apoio e complemento dos conteúdos. Numa outra vertente, os recursos digitais englobam ainda dispositivos de armazenamento de informação (ex: pen; nuvem/Cloud) que se valorizam por facilitarem o acesso à informação. Um outro aspeto evidenciado teve a ver com a utilização

de *e-mail* e das redes sociais como ferramentas que estão associadas à comunicação entre os docentes e os respetivos estudantes. Um outro recurso referido diz respeito aos recursos digitais associados à Biblioteca *B-On*. Alguns exemplos elucidativos:

CM1: “Nas aulas, naquilo que diz respeito a atividades de docência as TIC são muito importantes porque me permitem estar mais atualizado.”

“(…) correio electrónico, plataformas como o moodle ou plataformas que sejam criadas para este fim, como sejam as ferramentas digitais que possam também ser as redes sociais que são importantes.”

CM2: “(…) em termos profissionais, utilizo muitíssimo base de dados”.

CM3: “Utilizo a ‘nuvem’, coloco as coisas na ‘nuvem’ (…); “(…) Utilizo o moodle.”; “(…) eu praticamente tenho a minha informação toda no computador.”

CM4: “(…) vejo vídeos... quer dizer, tudo aquilo que me possa trazer uma mais-valia, quer para pessoalmente, para a elaboração dos meus estudos, quer para as aulas.”

CM5: “Uso as TIC, nem só o computador, mas enfim, outras tecnologias, para toda a minha vida profissional.”

4.1.1.2.2. *Vantagens*

Neste caso verificou-se a existência de 12 ocorrências. Todos os entrevistados referiram aspetos vantajosos relativamente à utilização das TIC, de uma forma consensual, referindo: a facilidade de acesso à informação, sem necessidade de se viajar; a possibilidade de se partilhar informação; o facto de ser económico, ao evitarem-se impressões; promover a aproximação entre docentes e alunos, alcançando-se facilmente o destinatário da informação; uma ferramenta útil para a lecionação na disponibilização da informação. Neste sentido, são apresentados alguns exemplos das opiniões recolhidas:

CM1: “(…) constituem um material fácil, é barato portanto não temos problemas em gastar dinheiro a fazer impressões ou algo do género, enviamos tudo em via digital.”; “E é muito simples chegarmos aos nossos alunos.”

CM3: “Às vezes faço pesquisas para ver determinadas temáticas, ver o que é que os colegas estão a fazer noutros sítios.”

CM4: “Há muitas vantagens, claro! Se nós andássemos sempre como antigamente a viajar de um lado para o outro para ir sempre aos arquivos, às bibliotecas (...) hoje posso, tranquilamente, ter esse acesso.”

CM5: “(…) eu acho que em termos profissionais é uma vantagem enorme.”

4.1.1.2.3. *Desvantagens, obstáculos e limitações*

Relativamente às desvantagens, obstáculos e limitações da utilização das TIC para fins profissionais/docência, foram observadas 13 ocorrências, sem que tenha existido uma certa consistência. O facto de existirem algumas limitações nas informações disponíveis, quer pelo motivo de serem documentos antigos, quer por também alguns desses documentos não estarem completamente disponíveis. Também foram apontadas como desvantagens a ‘frieza’ que as TIC promovem na relação interpessoal e também porque há quem defenda, por rotinas e hábitos já bem cimentados, continuar a preferir o suporte papel que lhes dá uma maior confiança. Num outro domínio, há também referências à fiabilidade das tecnologias. Um dos entrevistados apontou como motivo desfavorável da utilização das TIC a dispersão que elas podem promover pelo excesso de oferta informativa.

CM1: “(...) acho que a relação pedagógica tem de ser uma relação pessoal. Muitas vezes as tecnologias são muito frias a esse nível.”

CM2: “(...) a B-On tem pouco acesso a áreas das ciências sociais e humanas. É muito reduzida ao que diz respeito a essas áreas, portanto, aí têm alguma dificuldade quer a recomendar aos alunos, recomendo, mas eles queixam-se, quer para mim própria.”

CM3: “(...) ainda uso o papel, eu para apreciar numa atividade de apreciação, de avaliação, etc. O papel dá-me uma panorâmica que o computador ainda não me consegue dar.”

CM4: “Sim é um entrave, porque há coisas que são muito reservadas, não são disponíveis, é assim, pela REDE, não é.”

CM5: “(...) a única coisa desfavorável é que a gente dispersa-se um bocadinho. Porque tão depressa estamos numa coisa como passamos para outra e às vezes acabamos por nos dispersar.”

Relativamente à Categoria I, após ter sido realizada uma análise mais detalhada a cada uma das suas subcategorias é conveniente, neste momento, proceder-se a uma reflexão crítica. Os aspetos que se podem destacar refletem uma maior utilização e espírito crítico no que diz respeito à importância das TIC para fins profissionais/docência pelo maior número de registos de ocorrências que foram obtidos. Este sinal é dado pelo maior número de exemplos de utilização que foram testemunhados. Em termos de vantagens e desvantagens, obstáculos e limitações, há um certo equilíbrio. Na globalidade, pode-se afirmar que há, por parte destes coordenadores de mestrado, um conhecimento adequado relativamente às potencialidades das TIC.

4.1.2. Categoria II: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente aos recursos digitais *online* que utilizam para efeitos de investigação

A Tabela 4 apresenta, de forma sumária, o número de registos de ocorrências referentes à categoria II, subdivididas em três subcategorias, totalizando 56 registos de ocorrências.

Categoria II	Subcategorias	Número de Registo de Ocorrências
Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente aos recursos digitais <i>online</i> que utilizam para efeitos de Investigação.	Subcategoria 2.1. Exemplos de utilização.	22
	Subcategoria 2.2. Vantagens.	16
	Subcategoria 2.3. Desvantagens, obstáculos e limitações.	18

Tabela 4: Número de registos de ocorrências destacadas na categoria II.

4.1.2.1. Exemplos de utilização.

Na presente subcategoria «Exemplos de Utilização» foram recolhidos 22 registos de ocorrências. A B-On e o RCAAP foram os recursos apontados com maior realce seguindo-se as bases de dados das seguintes instituições: o INE, o Eurostat, a ONU, a JSTOR. De acordo com as opiniões manifestadas são estes os recursos digitais *online* que são mais privilegiados ao nível da investigação, pelos Coordenadores de Mestrados. Apenas um entrevistado referiu utilizar o Google Académico e o *Skype*. As Bibliotecas *online* foram ainda outro recurso digital *online* identificado como sendo outro dos preferidos para a atividade de investigação. Pode-se inferir que todos os entrevistados fazem uma utilização homogénea e, ao mesmo tempo, heterogénea por saberem quais os recursos que devem utilizar para cada finalidade.

CM1: “(...) costumo utilizar o Repositório Nacional, o famoso RCAAP” ; “(...) Google académico” ; “(...) a B-On” ; “Skype”.

CM2: “(...) tudo o que sejam Institutos Nacionais de Estatística, Eurostat, Nações Unidas, Pordata, são por eleição as preferidas.”

CM3: “Utilizo mais a B-On.” ; “Repositórios Científicos.”

CM4: “É preciso matizar que utilizo mais as bases de dados, porque são mais específicas nas áreas que eu pretendo investigar.”

CM5: “Utilizo a B-On.”; “Utilizo muito o repositório científico, o RCAAP.”

4.1.2.2. Vantagens

Na subcategoria 2.2. «Vantagens» foram registadas 16 ocorrências. Todos os entrevistados, referiram vantagens na utilização dos recursos digitais *online* ao nível da investigação. A acessibilidade foi a vantagem mais enumerada, denotando-se que o acesso facilita a obtenção da informação, evita transtornos de deslocações e é mais económico. Facilmente se pode obter e aceder a exemplos de outras investigações dando-se mais visibilidade. Esta maior visibilidade pode vir a proporcionar condições para uma maior facilidade em comunicar com outros investigadores, como é o caso ao utilizar-se o *Skype*, que reforça as relações interpessoais e facilita o diálogo.

CM1: “As vantagens são a acessibilidade.”; “(...) a quantidade de informação disponível.”; “(...) a credibilidade.”

CM2: “Repare, isto são tudo vantagens desde que nós tenhamos acesso.”
“(…) isto é um salto qualitativo imenso.”

CM3: “Os repositórios das Instituições de Ensino Superior (RIES) são muito muito importantes porque nos permitem perceber a investigação que lá foi feita.”

CM4: “Hoje nós acedemos porque o número de páginas é muito curto e então acede-se rápido.”

CM5: “As vantagens, sem dúvida, que são muitas.”

4.1.2.3. Desvantagens, obstáculos e limitações

Na subcategoria 2.3 «Desvantagens, obstáculos e limitações», apuraram-se 18 ocorrências em que todos os entrevistados afirmaram existir algumas contrariedades. O facto de ser necessário o pagamento para se aceder a determinados tipos de documentos foi apontado como um obstáculo à prática da investigação. A possível falta de referenciação, é outro dos motivos que foi referido como desvantagem da utilização dos recursos digitais *online* para efeitos de investigação. Outro entrevistado apontou ainda o facto de existir muita informação na internet, o que poderá levar o investigador a ter de desenvolver estratégias de seleção. É ainda considerado por outro entrevistado a provável falta de conhecimentos muito aprofundados relativamente à qualidade dos *sites* na internet, o que poderá conduzir o utilizador a informações menos credíveis se não forem tomadas precauções. Num outro patamar, foi também indicada a necessidade de se pertencer a centros de investigação como forma de poder vir a ter acessibilidade gratuita a um maior número de bases de dados. Ou seja, a maior ou menor acessibilidade a estas fontes digitais parece ter uma relação direta com o nível de importância de cada instituição.

CM1: “(...) quando a internet não funciona.”; “(...) para termos acesso a estas bases de dados, às vezes têm de ser pagas.”; “(...) termos que

pertencer a um centro de investigação, ou a uma instituição de ensino superior para podermos aceder a algumas bases de dados.”

CM2: “A desvantagem é que há muitas bases de dados (...) de revistas e livros electrónicos que dependem dos pacotes que as Instituições comprarem e aí se as Instituições não tiverem para determinadas áreas, obviamente, pode ser um constrangimento no desenvolvimento da investigação.”

CM3: “Há quem ache que há desvantagens (...) têm a ver com a cópia, com a cópia não autorizada, com a falta de referenciação.”

CM4: “(...) há coisas que temos de comprar. Mesmo em termos de investigação.”
“O conhecimento e o saber pagam-se.”

CM5: “A única desvantagem que posso apontar é que há tanta informação que a gente tem de aprender a seleccioná-la.”

Em jeito de síntese, relativamente à Categoria II, depois de uma análise mais detalhada, de acordo com as subcategorias analisadas, é possível referenciar algumas tendências na utilização das TIC para efeitos de investigação. Como se pode constatar na Tabela 4, das opiniões recolhidas e respetivo número de registos de ocorrências, pode-se afirmar que os Coordenadores de Mestrado entrevistados utilizam as TIC de forma muito sistemática e, possivelmente, muito abrangente dado o grande número de exemplos recolhidos (22 registos de ocorrências). Contudo, os entrevistados demonstraram também um sentido crítico pela avaliação que fizeram relativamente às vantagens e desvantagens, obstáculos e limitações, tendo-se obtido um número de registos de ocorrências muito semelhante de 16 e de 18, respetivamente. Estes resultados, permitem inferir que a utilização das TIC e respetivos recursos digitais deve ser ponderada, dado que os entrevistados mostraram ter um conhecimento relativamente profundo acerca das potencialidades e fraquezas destes recursos, o que os levará a decidir ou não pela sua utilização.

4.1.3. Categoria III: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao Repositório Científico/Digital do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB), enquanto Coordenadores

A Tabela 5 destaca o resultado da análise das entrevistas referente à categoria III, apresentando um total de 21 registos de ocorrências:

Categoria III	Subcategorias	Número de Registo de Ocorrências
Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao Repositório Científico/Digital do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB), enquanto Coordenadores.	Subcategoria 3.1. A importância atribuída ao RCIPCB, relativamente ao mestrado que coordena.	13
	Subcategoria 3.2. Tipo de utilização realizada com este recurso digital.	8

Tabela 5: Número de registos de ocorrências manifestadas na categoria III.

4.1.3.1. A importância atribuída ao RCIPCB, relativamente ao mestrado que coordena

A subcategoria 3.1 «A importância atribuída ao RCIPCB, relativamente ao mestrado que coordena», apresenta 13 registos de ocorrências, evidenciando uma opinião praticamente unânime, na medida em que todos os coordenadores de mestrado afirmaram a relevante importância que o RCIPCB possui. O RCIPCB funciona como uma ‘montra’, uma ‘janela’ que permite demonstrar ao mundo todo o trabalho de investigação e, em particular, no âmbito dos mestrados do IPCB. Para além desta visibilidade (nacional e internacional) constitui também uma forma de medir a produção científica e, em simultâneo, legitimar essa mesma investigação. Um outro aspeto tem também a ver com a possibilidade de se poder disponibilizar e aceder a investigação recente.

CM1: “(...) sinto que o repositório é muito importante.”; “O repositório tem essa função, essencial, tornar visível o que nós fazemos em termos de investigação.”

CM2: “Como coordenadora do mestrado eu acho que o repositório é uma montra aberta da investigação que se faz no Instituto.”

CM3: “(...) o repositório é fundamental para os alunos terem acesso, já que mais não seja, à investigação produzida pelos seus próprios professores (...) do mestrado que, em princípio, deviam ter os seus trabalhos no repositório.”

CM4: “O Repositório é o lançamento de tudo.”; “(...) ficamos a conhecer o que se produz aqui.”

CM5: “Como coordenadora, eu não consigo dissociar a coordenação do facto de também ser professora.”

4.1.3.2. Tipo de Utilização realizada com este Recurso Digital

Na subcategoria 3.2 «Tipo de utilização realizada com este recurso digital», contabilizaram-se apenas 8 ocorrências. Como coordenadores, os entrevistados, de forma maioritária, afirmaram que não utilizam muito o RCIPCB. No entanto dois dos entrevistados revelaram que sempre vão falando no RCIPCB aos seus alunos, apresentando como vantagem o facto da informação ali depositada ser em língua portuguesa, facto que muito agrada aos estudantes. Para o efeito, são apresentados alguns desses testemunhos:

CM1: “Olhe pesquisas, muitas pesquisas.”; “(...) eu falo para os meus alunos (...) a quantidade de informação que aí se encontra depositada é em língua portuguesa.”

CM2: “Não utilizo.”; “ No caso do RCIPCB, vamos lá a ver, como coordenadora não tem um trabalho específico.”

CM3: “Eu falo-lhes [aos alunos] sempre no repositório, [RCIPCB].”

CM4: “Como coordenador fico igual como os alunos.”

CM5: “Como coordenadora do mestrado recorro pouco, digamos assim, ao repositório.”

Relativamente à Categoria III, o número de registos de ocorrências obtidos foram relativamente baixos. Contudo, os coordenadores de mestrado entendem que o RCIPCB é importante e relevante. Mas, na sua qualidade de coordenador, as opiniões manifestadas, apesar de positivas, não foram realçadas nem pareceram conferir uma importância especial e/ou específica ao RCIPCB.

4.1.4. Categoria IV: Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao Impacto do RCIPCB no seio do Curso de Mestrado que Coordenam e a importância do mesmo para os respetivos Mestrandos

A Tabela 6 revela o resultado da análise das entrevistas referentes a esta categoria, assim como o respetivo número de registos de ocorrências, que no caso concreto é de 24.

Categoria IV	Subcategorias	Número de Registo de Ocorrências
Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao impacto do RCIPCB no seio do Curso de Mestrado que Coordena e a importância do mesmo para os respetivos mestrandos.	Subcategoria 4.1. Grau de importância que confere ao RCIPCB para o curso de mestrado e para efeitos de investigação a realizar pelos mestrandos.	10
	Subcategoria 4.2. Iniciativas adotadas no sentido de promover a utilização do RCIPCB junto dos mestrandos.	10
	Subcategoria 4.3. Qual o impacto do RCIPCB para os mestrandos, a funcionar na ESECB e nos respetivos mestrandos /Investigadores.	14

Tabela 6: Número de registos de ocorrências manifestadas na categoria IV.

4.1.4.1. Grau de importância que confere ao RCIPCB para o curso de mestrado e para efeitos de investigação a realizar pelos mestrandos

A subcategoria 4.1., com um total de 10 ocorrências, «Grau de importância que confere ao RCIPCB para o curso de mestrado e para efeitos de investigação a realizar pelos mestrandos», todos os entrevistados, sem exceção, referem que o RCIPCB é de extrema importância para os cursos de mestrado e para a investigação a ser realizada pelos mestrandos. O facto de os mestrandos poderem visualizar trabalhos concluídos por outros colegas pode constituir um estímulo. Convém assinalar que esta divulgação das investigações tem várias dimensões que podem demonstrar o potencial do mestrado, constituir um fator de promoção do mesmo e também permite que se possam fazer comparações com outras investigações realizadas no IPCB e/ou noutras instituições. Nesta perspetiva, pode ser um convite à candidatura de futuros mestrandos, uma vez que o RCIPCB lhes permite constatar, através das investigações disponibilizadas, o potencial de cada curso. Uma última nota prende-se também com o facto de toda esta documentação estar em língua portuguesa, o que facilita o seu acesso pelos estudantes.

CM1: “(...) o seu valor é enorme, é extremo a este nível. É uma forma de publicitar, de mostrar e também de serem rentabilizados os nossos recursos, enquanto investigadores, dentro do Instituto.”

“Eu penso que é um estímulo para estes mestrandos de forma a que eles consigam perceber o que pode ser feito e o potencial que os mestrados têm em termos do desenvolvimento de competências que lhes permita fazer investigação.”

CM2: “(...) é importante porque é uma montra para o exterior daquilo que nós fazemos.”

CM3: “(...) o repositório é fundamental para os alunos terem acesso.”

CM4: “O RCIPCB é uma mais-valia, mas não é só.”

CM5: “(...) o repositório é o ponto de partida para muita coisa. É muito importante que exista o RCIPCB.”

4.1.4.2. Iniciativas adotadas no sentido de promover a utilização do RCIPCB junto dos mestrados

Analisando as respostas à questão da subcategoria 4.2, «Iniciativas adotadas no sentido de promover a utilização do RCIPCB junto dos mestrados», constatou-se um total de 10 ocorrências, sendo que todos os coordenadores entrevistados foram unânimes em conferirem importância ao RCIPCB. Para o efeito, todos afirmaram que fazem a sua divulgação junto dos estudantes, quer através de exemplos, quer na promoção de atividades de investigação orientada (ex: revisão de literatura). Também se pode inferir que este contacto com o RCIPCB pode servir como um estímulo para as investigações que esses estudantes têm de realizar.

CM1: “Mostrar-lhes. Eu mostro nas aulas, aos mestrados, exemplos concretos.”; “Arranjo atividades que os obrigue a consultarem o repositório, a irem lá, retirar documentação, a discuti-la e isso é uma forma deles verificarem o que lá está.”

CM2: “Principalmente quando lhes peço determinados tipos de trabalhos em que eles têm de fazer, por exemplo, uma revisão da literatura e sugiro-lhes começarem, exatamente, por trabalhos de investigação que já foram feitos.”

CM3: “Eu falo-lhes sempre no repositório.”

CM4: “Quando se realiza qualquer trabalho e subentende-se que um trabalho ao nível do ensino superior é científico, claro que se aconselha a consultarem em primeiro lugar o repositório.”

CM5: “(...) eu indico muito aos meus alunos a utilização do repositório científico do IPCB (RCIPCB). Aliás é a primeira indicação que eu dou sempre, é o RCIPCB.”; “(...) eu abro, ensino-lhes a entrar, ensino-lhes a fazer e depois a pesquisar.”; “(...) a melhor iniciativa junto dos meus mestrados (...) é precisamente incentivá-los à procura de uma tese para poderem analisar, no repositório científico da ESE.”

4.1.4.3. Qual o impacto do RCIPCB para os mestrados, a funcionar na ESECB e nos respetivos mestrados/investigadores

Relativamente à subcategoria 4.3 «Qual o impacto do RCIPCB para os mestrados, a funcionar na ESECB e nos respetivos mestrados/investigadores», obtiveram-se 14 ocorrências. Nesta questão, de um modo global, todos os entrevistados referiram que o RCIPCB provoca um impacto positivo nos mestrados e nos mestrados/investigadores. Relativamente aos mestrados, cada investigação publicada no RCIPCB demonstra a fortaleza do próprio mestrado e esse facto só pode revelar um impacto positivo que promove um reconhecimento interno e externo. Sendo que o maior impacto se verifica aquando da conclusão das suas investigações e da publicação destas no RCIPCB e estando no repositório ‘estão no mundo’. Ou seja, o acesso a essa investigação torna-se global e universal que está muito além da Escola Superior de Educação. E, ao mesmo tempo, estas investigações vão constituir um apoio para investigações posteriores.

CM1: “O impacto é positivo.”; “(...) sabemos que um determinado curso de mestrado já conseguiu que fossem feitas um conjunto de investigações significativas, isto demonstra a sua fortaleza.”; “Porque estando no repositório, estão no mundo.”

CM2: “Já referi a visibilidade.”

CM3: “É importante, provoca sim impacto, mas era importante facilitar a colocação dos documentos, porque o meu maior problema é não ter de ser o próprio docente a colocar lá as coisas.”

CM4: “Claro que sim. Ninguém pode, penso eu, fazer qualquer investigação, seja ao nível do mestrado ou de outro curso, sem consultar o repositório.”

CM5: “Sim, porque nós começamos com eles nas unidades curriculares.”; “E eles vão muito e dizem: fui ao repositório e encontrei esta e esta tese. Portanto eles recorrem bastante ao repositório, ao nosso [RCIPCB] e ao nacional [RCAAP], claro!”

Relativamente à Categoria IV, a globalidade do número de registos de ocorrências foram relativamente baixos. Parece denotar-se que quando as opiniões deixam de ser tão pessoais os coordenadores de mestrado são mais parcios nas respetivas opiniões. No entanto, há um sentimento positivo relativamente à importância do RCIPCB para efeitos de investigação a ser realizada pelos mestrandos. Neste contexto, consegue-se aperceber que os coordenadores de mestrado vão referenciando o RCIPCB de uma forma consistente e permanente, no decorrer das aulas. Em termos de impacto do RCIPCB no âmbito dos mestrados e respetivas investigações há um sentimento unânime do seu real valor. Quer isto dizer que a existência do RCIPCB pode ser considerada como uma mais-valia para os mestrandos, para os docentes, e para a instituição (ESE-IPCB).

4.2. Análise Crítica dos Inquéritos por Questionário

Neste subcapítulo apresenta-se a análise e o tratamento de dados relativos às respostas recolhidas nos inquéritos por questionário que foram aplicados aos estudantes de cada mestrado, em funcionamento na ESECB, no ano letivo de 2015/16. O questionário por inquérito teve como principais objetivos recolher as opiniões dos estudantes relativamente à importância e ao impacto do RCIPCB, em particular, no âmbito das suas atividades de I&D. Para o efeito, são apresentados os dados recolhidos e seu tratamento de acordo com as secções e respetivas questões (Apêndice 7.4.) correspondente ao inquérito por questionário). Os dados são apresentados em valores absolutos e em valores percentuais.

4.2.1. Secção A: Caracterização da Amostra

Num universo total de 179 estudantes que se encontravam inscritos nos mestrados em funcionamento na ESECB, no ano letivo de 2015/16, foram obtidas respostas correspondentes a 102 inquéritos por questionário, o que perfaz uma taxa de devolução de 56,98%. A aplicação dos inquéritos por questionário foi realizada de forma presencial. Na ausência dos estudantes, foi enviado via *email*, para o endereço da caixa de correio electrónico da turma, uma versão digital do referido inquérito por questionário. O período de aplicação dos inquéritos por questionário teve o seu início em 05 de janeiro de 2016 e terminou em 29 de fevereiro de 2016.

4.2.1.1. Questão 1. Frequência do curso de Mestrado

A tabela 7 apresenta a caracterização da amostra do estudo no que concerne à frequência de estudantes por cada mestrado a decorrer na ESE, no ano letivo de 2015/2016:

Curso de Mestrado	Nº Total Estudantes	Nº Total de Questionários Respostados	Taxa de Devolução
Atividade Física	34	15	44,12%
Educação Especial Domínio Cognitivo e Motor	23	17	73,91%
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	60	45	75,00%
Gerontologia Social	36	13	36,11%
Intervenção Social Escolar	26	12	46,15%
Total:	179	102	56,98%

Tabela 7: Caracterização da Amostra por denominação de cada curso de mestrado.

Do exposto na Tabela 7 conclui-se que, de um universo total de 179 estudantes inscritos nos mestrados no ano letivo 2015/2016, a decorrer na ESE, foram devolvidos 102 inquéritos, devidamente preenchidos, correspondendo a uma taxa de devolução de 56,98%. O facto da taxa de devolução não ser superior deve-se, principalmente, à incapacidade de localização de todos os estudantes que estando, alguns dos mesmos, na fase de realização da investigação ou de trabalho projeto, já concluíram a parte curricular. Por essa razão, a sua presença física na ESECB não se verifica. A fim de se poder ultrapassar este constrangimento, foi realizado o seu contacto por *email*, que não tendo sido absolutamente eficaz, permitiu contribuir para o incremento da taxa de devolução. O Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB apresenta o maior número de inscritos, com 60 estudantes, sendo que foi também o Mestrado em que mais aderiram a responder ao solicitado (75%), logo seguido pelo Mestrado em

Educação Especial - Domínio cognitivo e Motor (73,91%). O Mestrado de Intervenção Social Escolar é o que apresenta um número menor de inscritos e, conseqüentemente, o menor número de inquéritos respondidos (36,11%). Contudo, realça-se, que a taxa de devolução dos inquéritos por questionário é de 56,98% o que apresenta uma taxa positiva, superando os 50%.

4.2.1.2. Variável Sexo

O Gráfico 3 apresenta a distribuição da amostra relativamente à variável sexo.

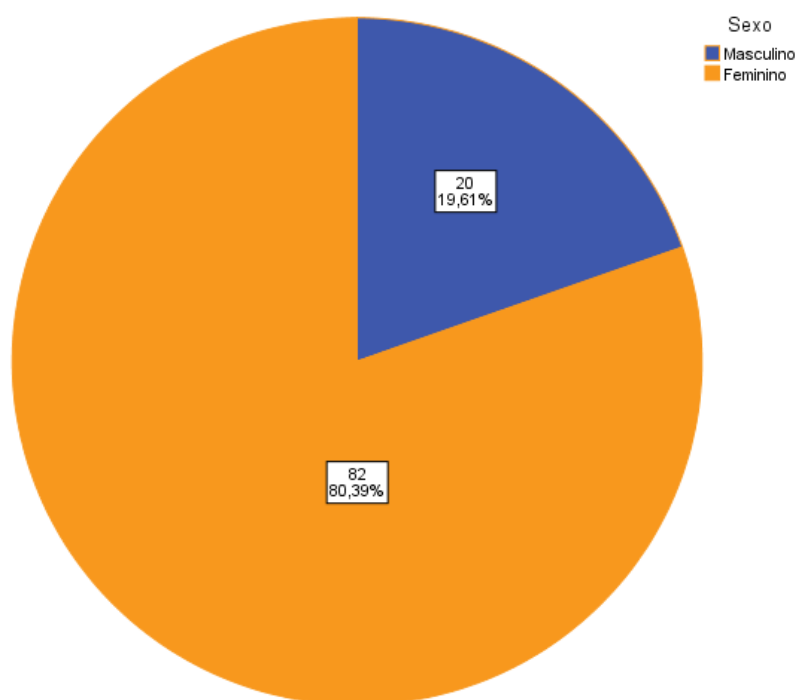


Gráfico 3: Amostra por Sexo do total dos Estudantes inquiridos.

Da totalidade dos estudantes que responderam ao inquérito, verifica-se que o sexo feminino predomina com 82 estudantes (80,39%), contrapondo a apenas 20 indivíduos do sexo masculino (19,61%).

4.2.1.3. Variável Idade

O Gráfico 4 apresenta a distribuição da amostra relativamente à variável idade.

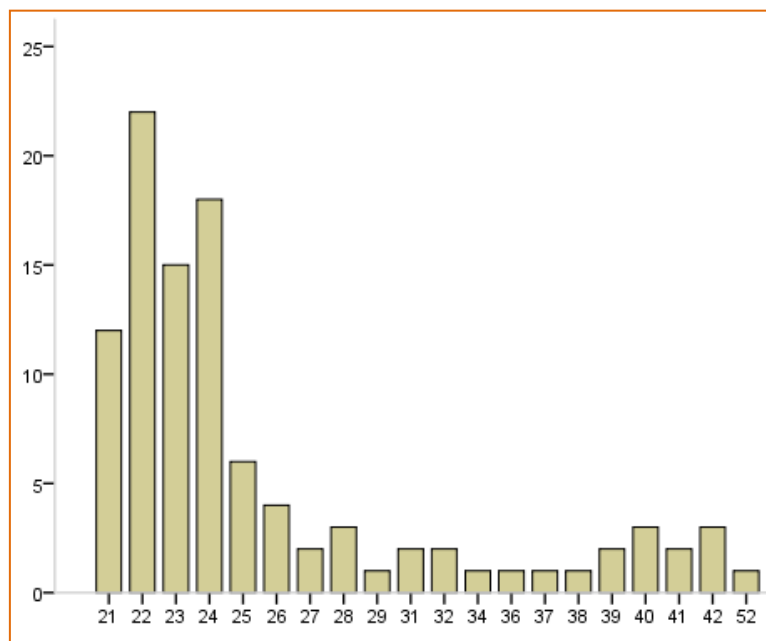


Gráfico 4: Amostra por Idade do total dos Estudantes inquiridos.

Como se visualiza no Gráfico 4, o público-alvo deste estudo apresenta idades compreendidas entre os 21 anos e os 52 anos. Atendendo ao facto da maioria da amostra ser constituída por estudantes do curso de um mestrado profissionalizante (Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB) e a decorrer em período diurno, as idades correspondem a faixas etárias mais jovens. O que pode justificar a grande maioria dos estudantes possuírem uma idade que se situa entre os 21 e os 26 anos.

4.2.1.4. Questão 4. Formação Inicial Licenciatura

A Tabela 8 apresenta a formação inicial (licenciatura) dos estudantes da amostra.

Denominação da Licenciatura	Frequência	Percentagem
Educação Básica	51	50,0
Desporto e Atividade Física	16	15,7
Serviço Social	17	16,7
Educação de Infância	2	2,0
Terapia da Fala	5	4,9
Criminologia	1	1,0
Pedagogia	1	1,0
Música	2	2,0
Línguas e Literaturas Clássicas	2	2,0
Comunicação Social	1	1,0
Artes	1	1,0
Reabilitação Psicomotora	1	1,0
Animação Cultural	1	1,0
Ensino de Biologia e Geologia	1	1,0
Total	102	100,0

Tabela 8: Caracterização da Amostra por Formação Inicial (licenciatura) que cada Mestrando possui.

Tendo em consideração informações anteriormente já enunciadas relativamente ao mestrado profissionalizante, é a licenciatura em Educação Básica aquela que se apresenta mais referenciada (50%). Globalmente foram apuradas um total de 14 licenciaturas diferentes. Neste particular, os dados recolhidos em relação a esta variável estão em concordância, quer com o número de estudantes, quer com o mestrado em questão, dado que para a frequência de cada mestrado há um conjunto de licenciaturas específicas que permitem o seu acesso. Neste particular, é importante referir que muitas das licenciaturas indicam que os estudantes são provenientes de outras Instituições de Ensino Superior. Atendendo a este facto, a frequência por estudantes que obtiveram o seu 1º ciclo de estudos (licenciatura) numa outra instituição pode ser encarado como um aspeto positivo pelo facto de terem na ESECB uma oportunidade de poderem aprofundar e de se especializarem numa dada área científica. A captação de ‘estudantes externos’ pode ainda ser considerada como o reconhecimento da ESECB como uma Instituição de qualidade nas áreas da sua formação ao nível do 2º ciclo de estudos (mestrados).

4.2.2. Secção B: Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

4.2.2.1. Questão 1: Qual (ais) Equipamentos (s) Digital (ais) que mais Utiliza?

A Tabela 9 evidencia a preferência de utilização dos diferentes equipamentos digitais por parte dos mestrandos que foram inquiridos.

Equipamento Digital	Sim Utiliza	Percentagem
Computador pessoal (de mesa)	12	11,8%
Computador portátil	94	92,2 %
Tablet	25	24,5 %
Smartphone	69	67,6 %
Computador da ESE	3	2,9 %

Tabela 9: Caracterização da Amostra por Utilização de Equipamentos Digitais.

Tal como pode ser observado na Tabela 9, constata-se que a grande maioria dos mestrandos (92,2%) utilizam com maior frequência o computador portátil, seguindo-se a utilização do smartphone (67,6%) e do tablet (24,5%). Destes resultados pode inferir-se uma preferência pela utilização de dispositivos portáteis o que está de acordo com a atual tendência. A aquisição destes dispositivos portáteis, os quais se mostram ser facilmente transportados, aliado ao cada vez maior número de acessos *wi-fi* gratuitos, torna mais fácil o acesso à Internet e, conseqüentemente, aumenta a possibilidade de trabalharem em qualquer lugar e a qualquer hora. Geralmente, atendendo ao facto de muitos destes estudantes serem trabalhadores estudantes, uma maior flexibilização horária associada a uma maior ubiquidade, cria condições para a realização de trabalhos de grupo numa maior diversidade de espaços. Ou seja, estes dispositivos digitais mais portáteis tornam-se numa ferramenta mais versátil, mais eficaz e mais preferida.

4.2.2.2. Questão 2: Horas Diárias de Utilização das TIC.

O Gráfico 5 evidencia o número de horas, despendidas pelos mestrandos, na utilização diária das TIC.

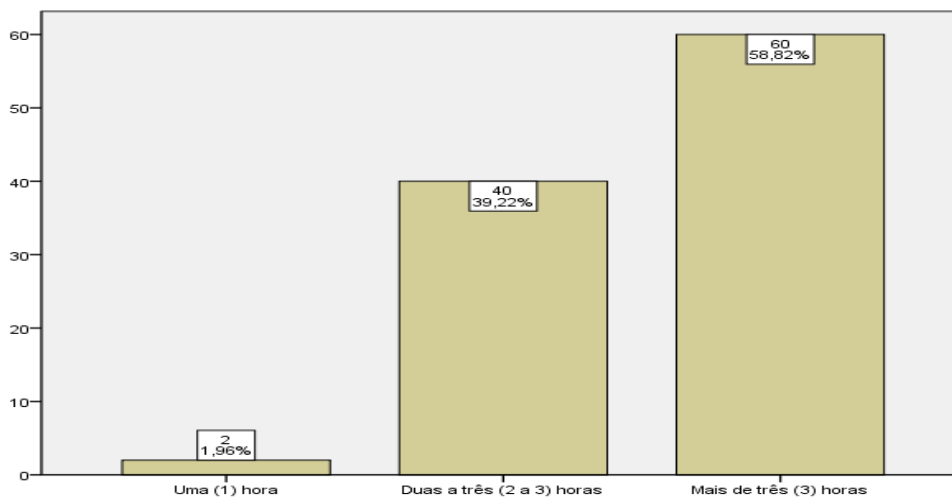


Gráfico 5: Caracterização da Amostra por Horas Diárias de Utilização das TIC.

Como é fácil de se observar, os mestrandos inquiridos neste estudo, revelam dedicar um tempo significativo na utilização diária das TIC: 60 inquiridos (58,82%), despendem mais de três horas diárias; de duas a três horas correspondente à resposta dada por 40 inquiridos (39,22%) dos inquiridos; e, apenas uma hora diária é o tempo que 2 inquiridos (1,96%) referem utilizar diariamente as TIC.

É notório que a utilização das TIC ocupa uma ‘fatia’ considerada das horas diárias da maioria dos inquiridos, o que não representa nenhuma surpresa, uma vez que a sociedade atual é uma sociedade cada vez mais digital. Neste particular, destacam-se as aplicações relativas às diferentes redes sociais digitais, as quais são utilizadas de uma forma regular e quase sistemática pela grande maioria dos estudantes.

4.2.2.3. Software/Aplicações Digitais para Fins Pessoais e Académicos

A Tabela 10 realça as preferências de utilização de software/aplicações digitais em cada uma das seguintes vertentes: pessoais e/ou académicas.

Software/Aplicações Digitais	Para Fins Pessoais	Para Fins Académicos (I&D)
	Sim	Sim
Word	52 (51%)	100 (98%)
Excel	22 (21,6%)	64 (62,7%)
PowerPoint	23 (22,5%)	99 (97,1%)
Redes Sociais	94 (92,2%)	38 (37,3%)
Música	87 (85,3%)	29 (28,4%)
Vídeos	76 (74,5%)	47 (46,1%)

Tabela 10: Caracterização da Amostra por Utilização de Software/Aplicações para Fins Pessoais e Académicos (I&D).

Em termos globais, pode-se concluir, analisando os dados apresentados na Tabela 10, que na utilização de softwares/aplicações digitais para fins pessoais, são mais preferidas as atividades relacionadas com a utilização redes sociais, a audição de música e a visualização de vídeos. Como se pode verificar são utilizações que se enquadram em atividades relacionadas com o lazer e o entretenimento. Já no âmbito das utilizações para fins académicos, o software/aplicação com mais utilização, de acordo com os estudantes inquiridos, corresponde ao Word (98%), o PowerPoint (97,1%) e o Excel (62,7%) em terceira posição. Os resultados obtidos estão em concordância com o esperado dado que corresponde a software com uma aplicação direta com as atividades de I&D. No entanto, pode ainda realçar-se o papel dos vídeos (46,1%) que já possuem um valor de assinalável importância. Pois, cada vez mais se podem encontrar no Youtube (na grande maioria dos casos) uma grande diversidade de vídeos sobre praticamente todas as áreas/conteúdos que muitas das vezes constituem excelentes recursos complementares.

4.2.2.4. Motores de Pesquisa Generalistas

A Tabela 11 demonstra a utilização dos motores de pesquisa generalistas mais utilizados pelos mestrandos da amostra, numa perspetiva de pesquisa de informação e do conhecimento, seja para fins pessoais ou académicos.

Motores de Pesquisa Generalistas	Para Fins Pessoais	Para Fins Académicos (I&D)
	Sim	Sim
Google	90 (88,2%)	96 (94,1%)
Yahoo	11 (10,8%)	6 (5,9%)
Sapo	16 (15,17%)	12 (11,8%)
Bing	7 (6,9%)	6 (5,9%)

Tabela 11: Caraterização da Amostra por Utilização de Motores de Pesquisa Generalistas.

Pelos dados evidenciados na Tabela 11, pode-se constatar que o Google é o motor de pesquisa mais utilizado, tanto para fins pessoais, como para fins académicos. Apresentando uma percentagem de preferência superior aos 90%. Pela razão de ser um motor de pesquisa português, deve ser assinalado o facto do ‘Sapo’ ser o segundo mais preferido.

4.2.2.5. Plataformas/Motores de Pesquisa Académicos

A Tabela 12 evidencia a preferência de utilização de plataformas/motores de pesquisa académicos, por parte dos mestrandos inquiridos neste estudo, tanto para fins pessoais como para fins académicos.

Plataformas/Motores de Pesquisa Académicos	Para Fins Pessoais	Para Fins Académicos (I&D)
	Sim	Sim
Google Académico (Sholar)	17 (16,7%)	79 (77,5%)
B-On	10 (9,8%)	51 (50,0%)
Web of Knowledge	4 (3,9%)	14 (13,7%)
RCAAP	11 (10,8%)	57 (55,9%)
RCIPCB	14 (13,7%)	64 (62,7%)
Scielo	11 (10,8%)	41 (40,2%)

Tabela 12: Caraterização da Amostra por Utilização de Plataformas/Motores de Pesquisa Académicos.

Os dados apresentados mostram, de forma bastante explícita, que a utilização de plataformas/motores de pesquisa académicos para fins pessoais, ainda que exista, é muito diminuta. Como seria de antever, há uma inversão nestes dados quando se faz uma afetação para fins académicos. Analisando os dados revelados na Tabela 12, constata-se que as plataformas e ou motores de pesquisa académicos mais preferidos para fins académicos são: o Google académico - Scholar (77,5%), seguido do RCIPCB (62,7%) e, por último, o RCAAP

(55,9%). Estas preferências denotam um conhecimento adequado dos estudantes relativamente às potencialidades e aos objetivos destas plataformas/motores de pesquisa na sua associação às atividades de I&D. Não é de estranhar a preferência pelo Google Académico (*Scholar*) atendendo à sua maior divulgação junto dos estudantes, na qualidade de um motor mais especializado, como um ‘braço especializado’ do Google ‘generalista’. No entanto, atendendo ao âmbito e aos objetivos deste estudo, é gratificante e importante referir-se o facto do RCIPCB ser já a segunda escolha dos estudantes. Este facto poderá indiciar um grande grau de confiança nos recursos aí depositados, garantindo aos seus utilizadores fontes credíveis para as suas atividades de I&D. No seguimento destas preferências surge, naturalmente, o RCAAP onde o RCIPCB está integrado. Uma possível razão por essa preferência poderá estar relacionado com o facto da grande maioria destes recursos digitais estar na língua portuguesa o que costuma ser mais do agrado dos estudantes, pois a língua deixa de ser um potencial entrave, como é o caso de recursos em língua inglesa.

4.2.3. Secção C: Impacto do Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB)

4.2.3.1. Questão 1. Quando teve Conhecimento da existência do RCIPCB?

Os dados apresentados na tabela 13, revelam o ano curricular em que os mestrandos afirmam ter tido conhecimento da existência do RCIPCB.

Na licenciatura	70 (68,6%)
No mestrado:	
No 1º ano	30 (29,4%)
No 2º ano	1 (1,0%)
Na realização da investigação: (RE - Relatório de Estágio; TP -Trabalho de Projeto)	1 (1,0%)

Tabela 13: Amostra de Estudo relativa ao Ano Curricular em que os Mestrandos tiveram conhecimento da existência do RCIPCB.

A Tabela 13 evidencia o conhecimento da existência do RCIPCB, pelos mestrandos, logo no primeiro ciclo de estudos, o que corresponde ao período de tempo em que realizavam a sua licenciatura. Este fenómeno é positivo tendo em consideração o facto de lhes ser apresentado, desde o início dos seus estudos superiores o potencial do RCIPCB como sendo uma ‘ferramenta’ que fomenta o seu sucesso académico. Estes dados permitem evidenciar que existe por parte da comunidade académica da ESECB uma valorização e um

reconhecimento do potencial deste recurso digital. Quer isto dizer que o RCIPCB pode ser considerado como um ‘recurso natural’ e ‘integrado’ no processo de ensino e de aprendizagem e de I&D dos estudantes da ESECB, seja ao nível do 1º ciclo de estudos (licenciatura) ou do 2º ciclo de estudos (mestrado).

4.2.3.2. Questão 2. Como teve conhecimento da existência do RCIPCB, no decorrer da frequência do Mestrado?

A Tabela 14 evidencia a forma como os estudantes tiveram conhecimento da existência do RCIPCB, no decorrer da frequência do mestrado no ano letivo de 2015/16.

	Sim	Não
Pelo Coordenador do mestrado	23 (22,5%)	79 (77,5%)
Pelos docentes do mestrado	35 (34,3%)	67 (65,7%)
Por colegas de curso	20 (19,6%)	81 (79,4%)
No Site da ESE	16 (15,7%)	86 (84,3%)
Pela Bibliotecária	19 (18,6%)	83 (81,4%)

Tabela 14: Amostra de Estudo relativamente ao Método de como os Mestrandos tiveram conhecimento da existência do RCIPCB.

Analisando os dados recolhidos conclui-se que a maioria (34,3%) obteve conhecimento da existência do RCIPCB pelos docentes de mestrado, seguido pelas informações prestadas pelos Coordenadores dos Mestrados respetivos (22,5%). Estes dados evidenciam a importância que os docentes conferem ao RCIPCB no sentido de lhe conferir um ‘espaço’ especial com recursos digitais que podem permitir a implementação de atividades de I&D. Em terceiro lugar, são referidos os colegas de curso (19,6%), o que pode estar relacionado como uma consequência de uma possível utilização prévia deste recurso. Seguidamente, é referenciada a Bibliotecária (18,6%) que, tendo em consideração o seu papel específico, poderia ter uma maior influência nesta questão. No entanto, o facto dos estudantes se dirigirem à Biblioteca para requisitarem documentação em suporte papel (livros, revistas...), a Bibliotecária dará com toda a certeza o apoio para esse fim. Contudo, poderá haver uma sensibilização para que a Bibliotecária possa ter uma intervenção mais direta na divulgação destes recursos digitais, em particular, ao nível do RCIPCB. Em último lugar, surge o site da ESECB (15,7%). Por esta razão, entende-se que o site deverá acautelar uma melhor forma que ‘chame à atenção’ e uma melhor forma

para a divulgação do RCIPCB. Resumindo, são os docentes aqueles que mais divulgação, do RCIPCB, fazem.

4.2.3.3. O RCIPCB pode ser útil na realização da minha Investigação, porque:

A Tabela 15 destaca as opiniões dos inquiridos relativamente à questão de considerarem se o RCIPCB pode ser útil na realização da investigação que pretendem desenvolver aquando da elaboração das suas teses de mestrado.

	Totalmente Inadequado	Inadequado	Adequado	Muito adequado	Bastante adequado
Possui um grande número de textos (teses/artigos) em português	1 (1,0%)	2 (2,0%)	43 (42,2%)	32 (31,4%)	24 (23,5%)
Clarifica a tipologia a realizar do ponto de vista Institucional (IPCB)	2 (2,0%)	4 (3,9%)	39 (38,2%)	41 (40,2%)	16 (15,7%)
Inclui trabalhos no âmbito do mestrado que frequento	1 (1,0%)	6 (5,9%)	33 (32,4%)	43 (42,2%)	19 (18,6%)

Tabela 15: Caracterização da Amostra de Estudo por importância atribuída à Utilização do RCIPCB aquando da realização da Investigação dos inquiridos.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 15, em termos gerais, os estudantes possuem uma opinião bastante favorável nas três valências, atendendo ao somatório dos níveis 3, 4 e 5. O facto do RCIPCB possuir um grande número de textos em português os inquiridos atribuem importância que parece ser maioritariamente neutral atendendo ao maior número de respostas atribuídas ao nível 3, que corresponde a 42,2%. Atendendo a que apenas 3% referiram os níveis 1 e 2, poderá inferir-se que o facto da maioria dos documentos serem em português constitui uma mais-valia. Numa outra dimensão, para os estudantes o RCIPCB vem clarificar a tipologia institucional do IPCB nas suas atividades de I&D ao atribuírem uma maioria de respostas para o nível 4, que corresponde a 40,2%. Nesta dimensão apenas 5,9% possuem uma apreciação negativa o que vem indicar que o RCIPCB pode/é um recurso ou uma valência de grande importância para a ESE/IPCB. Relativamente à terceira dimensão, os estudantes continuam a apresentar uma apreciação muito positiva pelo facto de terem maioritariamente escolhido o nível 4, que corresponde a 42,2%. Esta opinião maioritária vem indicar que os estudantes utilizam o RCIPCB para melhor compreenderem as áreas de especialização da investigação já realizada, a sua tipologia, assim como, o âmbito e nível de profundidade da mesma que, no seu todo, pode permitir conferir uma dada 'imagem de marca' institucional. Deste modo, face aos dados recolhidos, é possível verificar-se que para estes estudantes da amostra o RCIPCB é um importante recurso para a realização das suas investigações, relativas às suas atividades de I&D.

4.2.3.4. Gostaria que o meu RE/TP fosse depositado no RCIPCB

Com o objetivo de se confirmar a opinião dos estudantes em relação à importância que conferem ao RCIPCB foram-lhes apresentados um conjunto de afirmações a fim de se poder analisar o seu grau de concordância relativamente à inclusão da sua investigação (Relatório de Estágio, Trabalho de Projeto...) no RCIPCB. A Tabela 16, que se passa a apresentar, permite visualizar as respostas recolhidas:

	Totalmente Inadequado	Inadequado	Adequado	Muito adequado	Bastante adequado
Dá visibilidade ao Investigador	1 (1,0%)	3 (2,9%)	29 (28,4%)	36 (35,3%)	33 (32,4%)
Prestigia a Instituição	1 (1,0%)	3 (2,9%)	23 (22,5%)	48 (47,1%)	27 (26,5%)
Constitui uma prova na capacidade de produção de I&D	0	3 (2,9%)	29 (28,4%)	50 (49,0%)	20 (19,6%)
Pode contribuir para convites à participação em projetos de I&D	1 (1,0%)	8 (7,8%)	23 (22,5%)	40 (39,2%)	30 (29,4%)
Promove a possibilidade de criação de Redes de I&D	0	3 (2,9%)	37 (36,3%)	42 (41,2%)	20 (19,6%)
Constitui uma fonte de informação atualizada para apoiar colegas que frequentam o mesmo mestrado	0	3 (2,9%)	20 (19,6%)	41 (40,2%)	38 (37,3%)
Possibilita a divulgação nacional das atividades de I&D da ESE/IPCB	0	3 (2,9%)	30 (29,4%)	40 (39,2%)	29 (28,4%)
Possibilita a divulgação internacional das atividades de I&D da ESE/IPCB	0	3 (2,9%)	32 (31,4%)	37 (36,3%)	30 (29,4%)

Tabela 16: Caracterização da Amostra de Estudo relativamente ao Impacto do Depósito dos RE/TP no RCIPCB, pelos Estudantes de Mestrado.

Como se pode verificar a Tabela 16 contém oito afirmações que são valorizadas pelos estudantes, baseada numa escala de Likert, com cinco níveis. Os dois primeiros níveis são considerados ‘negativos’, os dois últimos com caráter ‘positivo’ e o terceiro com o caráter ‘neutro’. As afirmações apresentadas estão agrupadas em três *clusters*⁷⁰:

- Sob o ponto de vista do investigador/estudantes: «Dá visibilidade ao Investigador»; «Pode contribuir para convites à participação em projetos de I&D»; «Promove a possibilidade de criação de Redes de I&D».
- Sob o ponto de vista da ESE/IPCB: «Prestigia a Instituição»; «Possibilita a divulgação nacional das atividades de I&D da ESE/IPCB»; «Possibilita a divulgação internacional das atividades de I&D da ESE/IPCB».

⁷⁰ Clusters significa aglomerado, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://www.priberam.pt/DLPO/clusters>, acedido em 2016-04-19

- Sob o ponto de vista de ambos (investigador/estudantes e ESE/IPCB): «Constitui uma prova na capacidade de produção de I&D»; «Constitui uma fonte de informação atualizada para apoiar colegas que frequentam o mesmo mestrado».

As opiniões manifestadas são maioritariamente positivas, o que permite afirmar, de uma forma global, que os estudantes sentem que o RCIPCB tem impacto nas atividades de I&D, quer para eles próprios quer para a Instituição.

No que diz respeito às afirmações que foram referidas como muito significativas (Bastante adequado) correspondem ao facto do RCIPCB ser encarado como uma base de dados atualizada, que tem como grande função o apoio dos colegas que frequentam um determinado mestrado («Constitui uma fonte de informação atualizada para apoiar colegas que frequentam o mesmo mestrado»), com o valor de 37,3%. Seguidamente, o RCIPCB é o mais referenciado positivamente, pela razão dos estudantes entenderem que lhes confere visibilidade («Dá visibilidade ao Investigador»), com 32,4%. Em terceiro lugar, os estudantes valorizaram o RCIPCB no sentido de ser um veículo que pode promover a internacionalização das atividades de I&D da ESE/IPCB («Possibilita a divulgação internacional das atividades de I&D da ESE/IPCB»), correspondendo a 29,4%.

A afirmação que recolheu o maior valor de opiniões com um valor mais neutral («Adequado») diz respeito à capacidade do RCIPCB poder promover a criação de redes de I&D, no total de 36,3% («Promove a possibilidade de criação de Redes de I&D»). Uma possível razão pode ter uma relação direta com o facto de ainda não se considerarem investigadores e, por isso, é uma afirmação que corresponde a uma realidade com a qual ainda não se identificam.

No que concerne ao *cluster* que corresponde ao investigador/estudante, apresentam-se as opiniões recolhidas, por ordem decrescente, relativamente ao nível «Bastante adequado»:

- Os inquiridos têm o sentimento de que o RCIPCB constitui uma oportunidade para lhes conferir visibilidade como investigadores, com um valor de 32,4%.
- Os inquiridos são de opinião que o RCIPCB pode ser um veículo que pode promover convites para que venham a participar em projetos de I&D, correspondendo a um valor de 29,4%.
- Por último, os estudantes são de opinião que o RCIPCB pode criar redes de I&D, no entanto, a sua opinião não é tão expressiva como as anteriores, apresentando, apenas, o valor de 19,6%.

Relativamente ao *cluster* direcionado à ESE/IPCB, tal como no caso anterior, são apresentadas por ordem decrescente, relativamente ao nível «Bastante adequado»:

- Os estudantes manifestam uma opinião maioritária ao entenderem que o RCIPCB pode vir a possibilitar uma maior divulgação, ao nível internacional das atividades de I&D da ESE/IPCB, com o valor de 29,4%.
- No mesmo sentido, apesar de uma ligeira diferença, no total das opiniões manifestadas, os estudantes também entendem que o RCIPCB pode contribuir para uma divulgação das atividades de I&D da ESE/IPCB a nível nacional, a que corresponde o valor de 28,4%.
- Em último lugar, e de forma coerente, os estudantes são de opinião que o RCIPCB constitui um meio que prestigia a instituição, obtendo-se o valor de 26,5%.

Finalmente, a análise do terceiro *cluster* que corresponde ao «investigador/estudante e ESE/IPCB», são apresentados os dados obtidos por ordem decrescente, em relação ao nível «Bastante adequado»:

- A afirmação que na globalidade foi mais referenciada para este nível, corresponde ao sentimento dos inquiridos de que o RCIPCB é encarado como uma boa fonte de informação atualizada que pode e deve apoiar colegas que frequentem o mesmo mestrado, correspondendo ao valor de 37,3%.
- Numa outra vertente, os estudantes conferem ao RCIPCB ser uma prova que permita avaliar a capacidade de produção de I&D, mas com um valor relativamente mais baixo de que todos os anteriores, de 19,6%.

5. Considerações Finais

5.1. Conclusões

Considerando, como objetivo fulcral desta investigação, o contributo do RCIPCB e o impacto da sua utilização na investigação realizada na ESECB, o presente estudo foi operacionalizado através de uma metodologia qualitativa, para possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos envolvidos no presente estudo para que a recolha dos elementos resposta fosse fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade. A presente investigação qualitativa assumiu a designação de naturalista, uma vez que respeitou o ambiente natural onde os acontecimentos ocorreram e foram o objeto da pesquisa. Isto significa que o investigador naturalista não teve qualquer intervenção com a dimensão da amostra nem com a demonstração dos resultados para a consecução dos objetivos pretendidos. Desta forma, os resultados obtidos neste estudo são fruto das opiniões reveladas pelos entrevistados e inquiridos.

Consciente de que o RCIPCB é um recurso digital, foi iniciado o estudo pelo levantamento da importância dada à utilização das TIC, tanto pelos coordenadores de mestrado como pelos estudantes de mestrado. Neste contexto ficou patente a frequente utilização das TIC nos diversos domínios que estas proporcionam. Os coordenadores de mestrado afirmaram utilizar, maioritariamente, o computador como suporte que permite o acesso às diferentes bases de dados úteis para utilização tanto a nível pessoal, como a nível profissional. O mesmo foi evidenciado pelos estudantes de mestrado, onde demonstraram utilizar com maior frequência o computador portátil, seguindo-se a utilização do *smartphone* e do tablet. Destes resultados pode inferir-se uma preferência pela utilização de dispositivos portáteis o que está de acordo com a atual tendência. A aquisição destes dispositivos portáteis, os quais se mostram ser facilmente transportados, aliado ao cada vez maior número de acessos *wi-fi* gratuitos, torna mais fácil o acesso à Internet e, conseqüentemente, aumenta a possibilidade de trabalharem em qualquer lugar e a qualquer hora. Ou seja, estes dispositivos digitais mais portáteis tornam-se numa ferramenta mais versátil, mais eficaz e, por essa ordem de razões, veio a tornar-se a mais utilizada.

Relativamente à tipologia de recursos/ferramentas digitais preferidas, foi evidenciado, na opinião dos coordenadores de mestrado, a frequente utilização do Excel, do PowerPoint, do Youtube e do Moodle, em termos profissionais. No que diz respeito às utilizações para fins pessoais revelaram utilizar mais as redes sociais para comunicar ou os dispositivos que permitem efetuar compras *online*. Já na perspetiva dos estudantes denotou-se uma certa

equivalência de utilização das ferramentas digitais, assinalando como as mais preferidas, em termos pessoais, as relacionadas com a utilização redes sociais, a audição de música e a visualização de vídeos. Como se pode verificar são utilizações que se enquadram em atividades relacionadas com o lazer e o entretenimento. Já no âmbito das utilizações para fins académicos, o *software*/aplicação com mais utilização, de acordo com os estudantes inquiridos, corresponde ao Word, ao PowerPoint e ao Excel. Os resultados obtidos estão em concordância com o esperado dado que corresponde a *software* com uma aplicação direta com as atividades de I&D, no âmbito dos respetivos mestrados. No entanto, pode ainda realçar-se o papel dos vídeos que já possuem um valor de assinalável importância. Pois, cada vez mais se podem encontrar no Youtube, na grande maioria dos casos, uma grande diversidade de vídeos sobre praticamente todas as áreas/conteúdos que muitas das vezes constituem excelentes recursos complementares, tanto numa perspetiva pessoal, como profissional/académica.

No que concerne à utilização de plataformas/motores de pesquisa para efeitos de investigação ou para fins académicos, foi possível averiguar-se que a preferência dos coordenadores de mestrado recai na *B-on* e no RCAAP. Por outro lado, a preferência dos estudantes corresponde ao Google académico (*Scholar*), seguindo-se o RCIPCB e, por último, o RCAAP. Estas preferências denotam um conhecimento adequado dos estudantes relativamente às potencialidades e aos objetivos destas plataformas/motores de pesquisa na sua associação às atividades de I&D. Não é de estranhar a preferência pelo Google académico (*Scholar*) atendendo à sua maior divulgação junto dos estudantes, na qualidade de um motor mais especializado, como um ‘braço especializado’ do Google ‘generalista’. No entanto, atendendo ao âmbito e aos objetivos deste estudo, é gratificante e importante referir-se o facto do RCIPCB ser já a segunda escolha dos estudantes. Este facto poderá indiciar um grande grau de confiança nos recursos aí depositados, garantindo aos seus utilizadores fontes credíveis para as suas atividades de I&D. Uma das razões pelas quais o RCIPCB ser já assumido como uma fonte privilegiada pelos estudantes tem a ver com a influência informativa dos docentes, quer na licenciatura, quer no mestrado, para este recurso. Neste âmbito, torna-se óbvia a referência ao RCAAP, dado que o RCIPCB está nele integrado. Uma possível razão por esta preferência poderá estar relacionada com o facto da grande maioria destes recursos digitais estar em língua portuguesa. Ainda nesta dimensão, os coordenadores de mestrado referem a importância do RCIPCB como sendo um estímulo para as investigações dos seus mestrados.

Para o efeito, o principal objetivo desta investigação consistiu em analisar o contributo do RCIPCB, as opiniões e o impacto da sua utilização na investigação realizada na ESECB, pelo que, após a recolha de opiniões através das entrevistas e dos inquéritos por questionário, conseguiu-se apurar, na globalidade, que o RCIPCB funciona como uma ‘montra’, uma ‘janela’ que permite demonstrar, a toda a comunidade académica e científica, toda a produção realizada, no âmbito dos mestrados do IPCB. Para além desta visibilidade (nacional e internacional) constitui também uma forma de ‘medir’ a produção científica e, em

simultâneo, legitimar essa mesma investigação. Um outro aspeto tem também a ver com a possibilidade de se poder disponibilizar e aceder a investigação recente.

Verifica-se uma certa concordância nas opiniões dos coordenadores de mestrado com as dos estudantes. Pois estes demonstraram que gostariam que os seus RE/TP fossem depositados, no RCIPCB, em virtude de constituir uma prova na capacidade de produção de I&D, também pelo facto do RCIPCB constituir uma fonte de informação atualizada, para apoiar colegas que frequentam o mesmo mestrado e de os depósitos dos RE/TP⁷¹ no RCIPCB darem visibilidade ao investigador, podendo contribuir para convites à participação em projetos de I&D, bem como promover a divulgação internacional das atividades de I&D da ESE/IPCB.

Ao finalizar esta investigação e, de acordo com as opiniões recolhidas, constata-se que o contributo do RCIPCB tem um impacto positivo na investigação realizada na ESECB, dado que os estudantes se sentem como uma parte integrante do RCIPCB e, conseqüentemente, do RCAAP. Neste contexto, a sua presença no ciberespaço torna-os pares, de pleno direito, no mundo académico e científico, denotando-se nas suas opiniões este sentimento. Contudo, este seu sentimento ainda possui uma marca pessoal e não tanto institucional, apesar de assumirem que o RCAAP/RCIPCB confere possibilidades que permitem uma maior visibilidade, quer em termos individuais, quer em termos institucionais. O RCIPCB, na opinião dos coordenadores de mestrado e dos estudantes, pela razão de se concretizar num suporte digital torna-o global e acessível, em qualquer lugar e a qualquer hora, onde exista uma ligação à Internet. Torna-se óbvio que a sua existência digital transcende a sua existência analógica e, só por si, a natureza desta forma de existência constitui um impacto real que ultrapassa fronteiras e que, ao mesmo tempo, cria uma nova centralidade!

5.2. Limitações do Estudo/Investigação

No decorrer da investigação, e como é natural, decorreram limitações que se prendem, particularmente, com a impossibilidade de se alcançar a totalidade do público-alvo, para que a amostra deste estudo tivesse uma mais forte consistência. Numa outra vertente, tratando-se de um estudo de caso não é possível a sua generalização, apesar de não ser esse um dos objetivos deste estudo, o mesmo poderá apenas, conferir algumas pistas ou indicações para outros contextos semelhantes àquele aonde este foi concretizado.

⁷¹ RE/TP significa Relatório de Estágio/Trabalho Projeto

5.3. Propostas

Das opiniões recolhidas junto dos estudantes, pareceu transparecer alguma dificuldade no acesso aos dados respeitantes ao RCIPCB e, em particular, ao repositório da ESECB. Neste sentido, é importante que no futuro imediato sejam tomadas medidas para que estas informações possam ser difundidas de uma forma mais geral, mais apelativa e fundamentalmente mais visível. Neste contexto, poderá sugerir-se que seja efetuada, em cada início de ano letivo, uma palestra de divulgação da existência do RCIPCB, para que se possa realçar a sua abrangente qualidade multifacetada como um recurso de grande utilidade para os estudantes enquanto investigadores principiantes.

Numa outra vertente de carácter digital, pode ainda propor-se a implementação de uma medida que venha a incluir nas publicações em formato papel a atribuição de um *QR Code*⁷². Pois, através da atribuição de um *QR Code*, o potencial leitor, através de uma aplicação específica associada à leitura do código, fica a conhecer imediatamente a informação mais representativa do documento em questão. Ou seja, através desta aplicação digital é fomentada uma maior acessibilidade e potencial difusão, dado que esta informação fica retida no smartphone e/ou no tablet, a qual pode facilmente ser distribuída e partilhada para um público mais vasto.

⁷² “QR Code é um símbolo bidimensional (2-D), criado em 1994 pela empresa Japonesa Denso-Wave com o principal objetivo de ser um código rapidamente interpretado pelos equipamentos de leitura. O QR Code ou *Quick Response Code* pode conter informação tanto na vertical bem como na horizontal, daí o termo bidimensional. Devido a esta característica os códigos QR possibilitam armazenar centenas de vezes mais dados que os tradicionais códigos de barras”. <http://www.noseqret.pt/tudo-sobre-qr-codes/>, acessado em 2016-04-17

6. Bibliografia

Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista*. Porto: Edições ASA.

ARL - Association of Research Library (1999). The keystone principles: ARL Disponível em [www:<URL:http://www.arl.org/bm-doc/keystone.pdf>](http://www.arl.org/bm-doc/keystone.pdf). Consultado em 2015-10-26

Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas - BAD (2013). 2º Encontro de Bibliotecas do Ensino Superior. *Relatório e Conclusões - partilha, criatividade e engenho*. Aveiro, 06 e 07 de junho de 2013. Disponível em <http://www.bad.pt/2encontrobes/>, acedido em 2015-10-30.

Baganha, F. (2004). Novas bibliotecas, novos conceitos. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. ISSN 1646-0502. 1, 93-97.

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.

Bogdan, R & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Borges, M. (1995). A informação como recurso gerencial das organizações na sociedade do conhecimento. *Ciência da Informação*, vol 24, nº 2, 14-22.

Borges, M. (2002). *De Alexandria a Xanadu*. Coimbra: Quarteto.

Braga, A. & Queiroz M. (2010). *Organização e funcionamento do espaço nas bibliotecas*. Lisboa: Universidade Aberta.

Braga, L. (2010). *Compreendendo Probabilidade e Estatística*. Rio de Janeiro: E-Papers, Serviços Editoriais, Lda.

Calixto, J. (2010). *Bibliotecas para a Vida II: Bibliotecas e Leitura*. Lisboa: Colibri.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para a Autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, A. (2008). *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores*. Lisboa: DGIDC, Ministério da Educação.

Carvalho, J. (2016). *IV Conferência do IPCB sobre Livre Acesso ao Conhecimento Científico*. Castelo Branco: Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Carvalho, J. Ferreira, M., Rodrigues, E., Príncipe, P., Faria, L., Silva & H., Moreira, J. (2014). Auditoria ISO 16363 a Repositórios Institucionais. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/30499>, consultado em 2015-10-30.

Carvalho, J. Moreira, J. & Saraiva, R. (2013). O RCAAP e a evolução do Acesso Aberto em Portugal. In Rodrigues, E., Swan, A. & Baptista, A. *Uma Década de Acesso Aberto na UMinho e no Mundo*. (151-172). ISBN: 978-989-98704-1-3. Universidade do Minho: Serviços de Documentação.

Carvalho, J.; Ferreira, M.; Rodrigues, E.; Príncipe, Pedro; Faria, L.; Silva, H.; Moreira, J. (2014). Auditoria ISO 16363 a Repositórios Institucionais. *Cadernos BAD*, 2014, N. 2, jul-dez, pp. 01-11.

Castells, M. (1999). *A Sociedade em Rede - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. São Paulo: Paz e Terra.

Castro, M. (2006). Las bibliotecas universitarias ante el nuevo marco de las enseñanzas. *Boletín de la Anabad*. ISSN 0210-4164. 56:1, 9-20.

Cohen, L & Manion, L. (1990). *Métodos de Investigación Educativos*. Madrid: Editorial la Muralla.

Cunha, M. (1999). Desafios na construção de uma biblioteca digital. *Ci. Inf.* 28:3,257-268.

Cunha, M. (2000). *Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010*. *Ci. Inf.* 29:1, 71-89.

Cunha, M. (2010). Biblioteca digital: bibliografia das principais fontes de informação. *Ci. Inf., Brasília*, DF, v. 39 n. 1:88-107, jan./abr., 2010

Damásio, M. & Sardinha, M. (2011). De uma Escola Leitora a uma Cidade Cultura. In Sardinha, M. & Azevedo, F. (Organização). *Leitura e Bibliotecas: Trilhos da mesma narrativa*, 41-115. ISBN: 978-1-4710-1441-3. Estados Unidos da América: Lulu Entreprises, Raleigh, N. C.

Decreto-Lei n.º 115/2013, de 07 de agosto. Publicado em Diário da República, 1.ª série – N.º 151. Lisboa: INCM.

Despacho n.º 115/2013 do Presidente do IPCB. Aprovação da Política de Depósito de Documentos no Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco, (08-11-2013).

Dias, P. (2011). Práticas de Avaliação Formativa na Sala de Aula: regulação e feedback. *Tese de Mestrado em Supervisão Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.

Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (2009). *Programa de Apoio às Bibliotecas Municipais*. Lisboa: Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

Drucker, F. (1993). *Post Capitalist Society*. New York: HarperCollins.

Fernandes, D. (1991). Notas sobre os Paradigmas de Investigação em Educação. In Revista Noesis (18), 64-66.

Foddy, N. (2002). *Como Perguntar. Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*. Oeiras: Celta Editora.

Fontana, A. & Frey, J. (2000). The Interview: from structured questions to negotiated text. Em N. Denzin & Y.S. Lincoln (orgs.), *Handbook of qualitative research*, 645-672. London: Sage Publications Inc.

Freixo, M. (2009). *Metodologia Científica, Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Gil, H. (2015). *Cidadania Digital 65+*. Coimbra: MinervaCoimbra

Haddon, L. (2000). *Social Exclusion and Information and Communication Technologies*. New York: New Media and Society.

Kvale, S. (1996). *InterViews: An introduction to qualitative research interviewing*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Kvale, S.(1996). *Interviews An Introduction to Qualitative Research Interviewing*. University of Illinois: Urbana-Champaign.

Levy: (2000). *Filosofia World: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Lisboa: Instituto Piaget.

Ligar Portugal (2005). *Um Programa de Ação Integrado no Plano Tecnológico do XVII Governo: Mobilizar a Sociedade de Informação e do Conhecimento*. Lisboa: Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Livingstone, S. (2003). *Children's use of the internet: reflections on the emerging research agenda*. New York: New Media Society-Sage Pub.

Livro Verde (1997). *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal. Missão para a Sociedade da Informação*. Lisboa: Graforim.

Martins, W. (2001). *A Palavra Escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática.

McNamara, C. (1999). *General Guidelines for Conducting Interviews* Minneso. Disponível em <http://www.managementhelp.org/evaluatn/intrview.htm>. Consultado em 2015-09-30.

Medina Del Sol, M., Home Martínez, A., Solsona Medina, A., Collado Almeida, D. & Medina, E. (2009). La Biblioteca Universitária ante los nuevos retos del siglo XXI. *Revista Eletrónica de las Ciências Médicas en Cienfuegos*. ISSN1727-897X. 7:2, 35-42.

Mesquita, A. (2010). Serviços de referência: do tradicional ao digital nas bibliotecas dos Institutos Politécnicos públicos em Portugal. *Dissertação de Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Milanesi, L. (2002). *O que é Biblioteca*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Minayo, M. (2004). *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Moreira, J., Carvalho, J., Saraiva, R. & Rodrigues, E. (2010). Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal: uma ferramenta ao serviço da ciência portuguesa. 10CongBAD_RCAAP_Comunicação.pdf, disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10529>. Consultado em 2015-09-23.

Mota, A. (2009). *Os serviços de referência nas bibliotecas públicas em Portugal: caracterização atual e perspetivas de desenvolvimento*. Braga: Edição da Autora. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

Newsletter (2015). Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Nº 41. (1) ISSN: 1647-6549.

Oliveira, J. & Libâneo, J. C. (1998). A educação escolar: sociedade contemporânea. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia: IFITEG, v. 8, n. 3, 597-612, mai./jun.

O'Reilly, T. (2005). What is Web 2.0? An O'Reilly Radar Report. Disponível em <http://radar.oreilly.com/2005/10/web-20-compact-definition.html>. Consultado em 2015-10-17.

Poczwadowski, A. & Conroy, D. (2002). Coping responses to failure and success among elite athletes and performing artists. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 313-329.

Ranganathan, S. (1931). *The Five Laws of Library Science*. Madras Library Association (Madras, India) and Edward Goldston (London, UK). Disponível em <http://arizona.openrepository.com/arizona/handle/10150/105454>. Consultado em 2015-10-24.

Richardson, R. (1989). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Rodrigues, E., Swan, A. & Baptista, A. (2013). *Uma Década de Acesso Aberto na UMinho e no Mundo*. ISBN: 978-989-98704-1-3. Universidade do Minho: Serviços de Documentação.

Rodrigues, M. (2010). O Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco. *Agroforum*. N.º 24 Ano 18, 2010.

Rodrigues, M. (2011). O Perfil Informacional do Estudante à Entrada do Ensino Superior: o caso do Instituto Politécnico de Castelo Branco. *Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação - Especialização em Bibliotecas*. Évora: Escola de Ciências Sociais - Universidade de Évora.

Romanyshyn, R. (1989). *Technology as Symptom and Dream*. London: Routledge.

Saraiva, R. & Rodrigues, E. (2010). *O Acesso Livre à literatura científica em Portugal: a situação atual e as perspetivas futuras*. In Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 1-7. ISBN: 978-972-9067-39-6. Guimarães: APBAD.

Sarmiento, F., Miranda, A., Baptista, A. & Ramos, I. (2005). *Algumas considerações sobre as principais declarações que suportam o movimento Acesso Livre* in 9º World Congress on Health Information and Libraries Salvador, Bahia, 3-6. URL: <http://hdl.handle.net/1822/4282>, consultado em 2015-10-30.

Segurado, T. (2009). A informação estatística na tomada de decisão das bibliotecas de ensino superior em Portugal. *Tese de Dissertação de Mestrado*. Évora: Universidade de Évora.

Shumaker, J. (2003). The higher education environment and the role of the academic library. In ACRL National Conference, 11, Charlotte, North Carolina. Disponível em [www.<URL:http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/events/pdf/humaker.PDF>](http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/events/pdf/humaker.PDF). Consultado em 2015-10-26.

Silva, A. & Ribeiro, F. (2010). *Recursos de Informação: serviços e utilizadores*. Lisboa: Universidade Aberta.

Silvestre, H. & Araújo J. (2012). *Metodologia para a Investigação Social*. Lisboa: Gradiva Editora.

Simão, J. (2006). Relação entre os Blogs e Webjornalismo. *Revista Prisma*, nº 3, Outubro, 148-164.

Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Suber, P.(2012). Open Access. (7-9). ISBN: 9780262517638. London: Mit Press LTD.

Vergara, S. (2006). *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.

Weiner, S. (2009). The contribution of de library to the reputation of the University. *The Journal of Academic Librarianship*, 35:1, 3-13.

Yin, R. (2005). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Zerfass, A. (2007). *European Communication Monitor 2007-Trends in Communication Management and Public Relations - Results and Implications*. Leipzig: University of Leipzig/Euprera.

6.1. Web grafia-Links utilizados

http://repositorio.ipcb.pt/community-list?locale=pt_PT, acedido em 2015-09-21

<http://blog.rcaap.pt>, acedido em 2015-09-21

<http://www.fct.pt/dsi/index.phtml.pt>, acedido em 2015-10-05

<http://www.pordata.pt/>, acedido em 2015-10-05

http://www.unic.pt/index.php?option=com_content&task=category§ionid=6&id=22&Itemid=40, acedido em 2015-10-07

<http://www.rededeespacosinternet.pt/>, acedido em 2015-10-07

<http://www.portugaldigital.pt/medidas/>, acedido em 2015-10-10

<http://www.pordata.pt/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Grafico>, acedido em 2015-10-11

<http://www.ticsociedade.pt/enild>, acedido em 2015-10-17

<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>, acedido em 2015-10-23

<http://rcbp.dglb.pt/pt/Bibliotecas/Paginas/default.aspx>, acedido em 2015-10-24

<http://dglab.gov.pt/>, acedido em 2015-10-24

<http://www.rbe.mec.pt/np4/programa.html>, acedido em 2015-10-24

<http://rcbp.dglb.pt/pt/noticias/Paginas/SomosBiblioteca.aspx>, acedido em 2015-10-24

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index1.php>, acedido em 2015-10-24

<http://sombibliotecas.pt/index.php/manifesto>, acedido em 2015-10-24

<https://www.rcaap.pt/index.jsp?locale=pt>, acedido em 2015-11-01

<http://projeto.rcaap.pt/index.php/lang-pt/sobre-o-rcaap/enquadramento>, acedido em 2015-11-01

<http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf>, acedido em 2015-11-01

<https://www.portugal2020.pt/Portal2020/o-que-e-o-portugal2020>, acedido em 2015-11-05

<http://projeto.rcaap.pt/index.php/lang-pt/consultar-recursos-de-apoio/faqs/1-projecto-rcaap/6-o-que-e-um-repositorio>, acedido em 2015-11-10

http://rcaap.ipcb.pt/RCIPCB_FAQS.pdf, acedido em 2015-11-22

<http://repositorio.ipcb.pt/>, acedido em 2015-11-27

http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18437/1/APDIS_comunicacaoOpenAIRE.pdf, acedido em 2015-12-07

<http://gestao-de-qualidade.info/normas-iso.html>, acedido em 2016-01-31

<http://www.ipcb.pt/index.php/publicacoes-ipcb/newsletter-do-rcipcb#77754430>, acedido em 2016-02-09

http://www.fct.pt/dsi/docs/EstrategiaPlanoAcaoEmpregabilidadeDigital_v0.1.pdf, acedido em 2016-02-18

<http://repositorio.ipcb.pt/stats?level=general&type=access&page=downviews-series>, acedido em 2016-03-05

<https://repositorio.ipcb.pt/community->, acedido em 2016-03-05

https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/8/browse?type=type&submit_browse=Tipo+de+Documento, acedido em 2016-03-20

<http://www.comparatistas.edu.pt/actividades/2007-2010/act-23-repensar-as-humanidades-rumos-e-desafios.html>, acedido em 2016-04-16

<http://www.ordemengenheiros.pt/pt/centro-de-informacao/dossiers/historias-da-engenharia/marconi-em-portugal-ciencia-e-engenharia-na-genese-das-radiocomunicacoes/>, acedido em 2016-04-16

7. Apêndices

7.1. Guião da Entrevista

Guião da Entrevista

Categoria 1:		
Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao grau de importância que atribuem às TIC-Tecnologias da Informação e da Comunicação.		
Subcategoria 1.1. Utilização para fins pessoais.	Opinião: Favorável, desfavorável, obstáculos e limitações	
	Exemplos de utilização	
Subcategoria 1.2. Utilização em contexto profissional.	Opinião: Favorável, desfavorável, obstáculos e limitações	
	Exemplos de utilização	
Subcategoria 1.3. Utilização em atividades de investigação.	Opinião: Favorável, desfavorável, obstáculos e limitações	
	Exemplos de utilização	
Categoria 2:		
Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente a recursos digitais online para efeitos de investigação (bibliotecas digitais, repositórios...).		
Subcategoria 2.1. Enumeração dos recursos que normalmente utiliza.	Ex: RCAAP; b-On; Elsevier...	
Subcategoria 2.2. Vantagens na utilização destes recursos digitais online.		
Subcategoria 2.3. Desvantagens na utilização destes recursos digitais online.		
Subcategoria 2.4. Limitações/obstáculos na utilização destes recursos digitais online.	Ex: Pagamento de inscrição prévia; pagamento do artigo; apenas disponíveis partes do artigo...	
Categoria 3:		
Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao Repositório Digital do IPCB.		

<p>Subcategoria 3.1.</p> <p>Qual o grau de importância que atribui a este recurso digital online.</p>	<p>Explicitar as razões enunciadas</p>	
<p>Subcategoria 3.2.</p> <p>Enumerar o tipo de utilização que realiza com este recurso digital online.</p>	<p>Explicitar com exemplos</p>	
<p>Categoria 4:</p> <p>Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao impacto do Repositório Digital do IPCB no seio do curso de Mestrado que coordena e a importância do mesmo para os respetivos mestrandos.</p>		
<p>Subcategoria 4.1.</p> <p>Grau de importância que confere ao Repositório Digital do IPCB.</p>	<p>Sub-subcategoria 4.1.1.</p> <p>Para o curso de Mestrado</p>	
	<p>Sub-subcategoria 4.1.2.</p> <p>Para efeitos de investigação a realizar pelos mestrandos</p>	
<p>Subcategoria 4.2.</p> <p>Que iniciativas toma no sentido de promover a utilização do Repositório Digital do IPCB junto dos mestrandos.</p>	<p>Exemplos</p>	
<p>Subcategoria 4.3.</p> <p>Qual o impacto do Repositório Digital do IPCB para os mestrados a funcionar na ESECB e nos respetivos mestrandos/investigadores</p>	<p>Exemplos</p> <p>Sugestões</p>	

7.2. Transcrição das Entrevistas

CM 1

Qual é a importância que atribui às TIC para fins pessoais?

Gostava de saber a sua opinião relativamente a importância que confere às TIC à utilização que faz delas mas para fins pessoais.

Para fins pessoais, todas as atividades, será um exagero, mas a maioria das atividades que hoje executo passam todas pela utilização do computador, portanto as Tic constitui um conjunto de ferramentas é um suporte que utilizo para realizar aquilo que é comum do dia-a-dia, portanto não posso passar sem elas. Elas são um grande apoio para aquilo que eu faço.

Então não vê obstáculos nem limitações a essa utilização?

Em termos de aspectos desfavoráveis, posso dizer-lhe que elas podem levar-nos a termos uma dependência enorme delas. Já todos ouvimos amigos dizerem: “olha agora não tenho computador, não sei”, ou ficarem em pânico por não terem rede ou a internet estar em baixa. Isso é mau porque nos torna dependentes de um recurso que nem sempre está disponível. Isso tem a Haver um pouco com alguns obstáculos e limitações que as tecnologias têm. Porque quer queiramos quer não, as tecnologias são muito frágeis, elas falham muito e quando nós dependemos a 100% delas estamos a correr um risco grande naquilo que estamos a fazer, no entanto, elas devem ser utilizadas porque nos facilitam a vida e esse é um aspecto favorável. No entanto elas tornam-se mal quando eu não encontro outras formas de trabalhar ou comunicar sem ser com elas, mas de um modo geral posso dizer que sim que as tecnologias são importantes na minha vida para fins pessoais.

E a nível de contexto profissional?

Nas aulas, naquilo que diz respeito a atividades de docência as TIC são muito importantes porque me permitem estar mais atualizado, pois faço várias pesquisas e tento estar em dia com aquilo que sai de novo. E para além disso há um conjunto de materiais, geralmente todos os professores agora utilizam, se calhar em demasia que são as apresentações em power point, que são apoio muito grande para podermos lecionar. Olhe, para mim servem como pontos de referência. E para os alunos também, porque constituem um material fácil, é barato, portanto não temos problemas em gastar dinheiro a fazer impressões ou algo do género, enviamos tudo em via digital. E é muito simples chegarmos aos nossos alunos. Portanto é importante em termos profissionais, em termos de algo que eu considero bastante bom, porque nos aproxima dos nossos alunos, nessa facilidade de chegarmos juntos deles através de correio electrónico, de plataformas como o *moodle* ou plataformas que sejam criadas para este fim, como sejam as ferramentas digitais que possam também ser as redes sociais que são importantes.

Então não encontra obstáculos nem limitações?

Obstáculos e limitações eu encontro, tal como disse há pouco, porque acho que a relação pedagógica tem de ser uma relação pessoal. E quando nas aulas não há relações interpessoais, não há afetos entre os professores e os alunos, algo corre mal. Muitas vezes as tecnologias são muito frias a esse nível e por isso tal como tudo na vida deve tentar-se equilibrar o que é digital com o que não é digital e neste caso as pessoas, os alunos são mais importantes que as tecnologias. As tecnologias aqui aparecem sempre como um suporte, um apoio, um complemento e nunca se devem sobrevalorizar.

E em termos desfavoráveis?

Em termos desfavoráveis, tal como disse atrás para fins pessoais, é quando somos totalmente dependentes e não conseguimos arranjar outras formas, o chamado plano B, temos sempre alternativas, e por isso luto sempre para que eu não fique totalmente dependente, apesar de eu sentir que elas já controlam um pouco a minha vida. É como por exemplo no caso da docência cada vez mais somos obrigados a utilizar plataformas de gestão académica e isso, quer queiramos quer não, obriga-nos a utilizar as tecnologias. Às vezes facilita-nos, outras vezes não, pois são mais morosas mais burocráticas, mas é o que temos e de certa forma pensa-se que com estas tecnologias possa haver mais eficácia e eficiência dos sistemas. Há algumas dúvidas, mas pode acontecer, pode ser esse o problema. Mas o problema é sempre o mesmo é não entender o que se está a passar, bloquear os computadores ... são obstáculos e problemas que surgem a este nível.

Que exemplos de utilização?

Para além do power point que referi eu mesmo peço aos meus alunos para fazerem pesquisas orientadas, dou-lhes um conjunto de sites, que eu sei que são importantes para eles, peço-lhes que procurem outras alternativas, mas já em contexto digital, porque é mais fácil fazermos isso. E para além do Power Point como já disse é também a possibilidade de contactar com as via correio eletrónico. Uma das formas de conseguirmos nos aproximar quando não podemos estar presencialmente em termos físicos, em termos pessoais. As TIC encurtam as distâncias

E ao nível da investigação?

Ao nível da investigação é ótimo, não pode haver melhor do que isto. Porque ao nível da internet temos uma fonte infindável, quase inesgotável de conhecimento, de informação, que está disponível para gerar conhecimento. E ao mesmo tempo a facilidade, pois hoje com um dispositivo, uma pen, um disco externo, conseguimos lá ter um manancial de informação enormíssimo que nos permite com certeza desenvolvermos a nossa investigação, isto em termos favoráveis. E também ao nível da investigação, através de algumas redes de investigadores que nos conhecemos, conseguimos também entre nós trocar muitas informações e isso também é importante e que só é possível através das tecnologias. Por

exemplo as reuniões que são feitas via skype, em que nós podemos dialogar facilmente. A nível de skype há outra situação, são os júris de mestrado ou de doutoramento, em que as pessoas estão em países diferentes e isso faz com que haja trocas de experiências, de contextos culturais que são tão diferentes de um lado pra o outro e que as tecnologias aproximam. São também aspetos favoráveis.

E em termos desfavoráveis?

É nós não olharmos para o papel, ou então o contrário. Acontece muitas vezes que nós, apesar de pensarmos que é mais barato, imprimimos em papel os documentos e gastamos mais dinheiro, não só em papel, mas também nos toners, e nas coisas todas das impressoras e ao fim e ao cabo trabalhamos à antiga. Portanto tanto estamos a utilizar tecnologias de ponta como muitas vezes somos obrigados, isto é pelo nosso hábito anterior, ou de sermos mais velhos, estamos habituados a outro tipo de rotinas fazemos com que estas utilizações sejam utilizações que vêm menosprezar as tecnologias. Há aqui um contracenso, um paradoxo que existe.

Então e que obstáculos e limitações verifica?

É a mesma coisa que disse há pouco, é quando a internet não funciona, é quando, por exemplo, para termos acesso a estas bases de dados, às vezes têm de ser pagas. E percebe-se, a melhor qualidade tem de ser paga e fundamentalmente é isto, quer dizer, é também quando muitas vezes temos ao nosso dispor outros recursos que não são digitais e insistimos muitas vezes no digital, porque é digital e não pensamos que há outras formas de recolhermos informação para investigação.

E consegue encontrar alguma limitação que possa dar exemplos?

Não, assim exemplos de limitação é difícil a não ser em termos técnicos de a internet falhar, ou de termos que pertencer a um centro de investigação, ou a uma instituição de ensino superior para podermos aceder a algumas bases de dados, mas mais não.

Dê-me então exemplo de utilização das TIC na investigação.

Para qualquer situação, para a escrita de um artigo, de uma tese é fundamental e também muitas vezes servem para, não tanto para a investigação, mas para a investigação pela docência, quando nas aulas de mestrado nós tentamos criar desafios aos nossos mestrandos para que eles possam perceber que afinal de contas a informação está disponível para todos e nessa perspetiva talvez seja a forma como utilizo quando faço investigação. Tento muitas vezes introduzir os meus alunos também na experiência de investigação que estou a desenvolver.

Passando a outra parte do questionário, gostaria de lhe perguntar, para efeitos de investigação, que recursos digitais, normalmente, utiliza?

Aquilo que, normalmente, costumo utilizar é o Repositório Nacional, o famoso RCAAP, o Google académico e depois também a B-on, portanto são aqueles recursos digitais que eu mais utilizo para efeitos de investigação, é isso que eu faço.

Quais são as vantagens que encontra nesses recursos digitais?

As vantagens é a acessibilidade, a quantidade de informação disponível, a credibilidade, quando estamos a falar nestas bases de dados que são reconhecidas, porque quando eu faço uma pesquisa no Google genérico, aí pode não haver credibilidade. Há que ter atenção quais são as fontes digitais. Muitas vezes pensamos que por estar na internet é verdadeiro e está certo, mas às vezes não está.

Desvantagens

Há problemas quando os utilizadores não têm conhecimentos muito aprofundados relativamente, por exemplo à qualidade dos sites na internet, quando não têm a capacidade de perceber quais são os níveis de qualidade que esses mesmos sites devem ou não devem ter as pessoas muitas vezes são induzidas em erro e por isso é necessário perceber que ao nível da internet há muitas burlas. O problema é que não é só aceder à informação, há que saber seleccioná-la, criticá-la, analisá-la, para depois saber o que é realmente fundamental e importante, E muitas vezes estas competências não estão bem desenvolvidas e fazem com que nós aos primeiros *sites* que nos aparecem numa pesquisa achemos que são esses os melhores e os mais verdadeiros, o que nem sempre é verdade.

Então quais são as limitações?

Ter em atenção que alguns sites terminam em ponto com são comerciais e portanto o que pretendem é vender um produto e muitas vezes a venda do produto sobrepõem-se à verdade desse mesmo produto, há que ter atenção a essa situação. Há muitos, sem desprimor para sites brasileiros, eles terminam em ponto br, sabemos que em pesquisas que nós fazemos há muita cópia, muito plágio, que não está evidente, que não está claro. Muitos deles são fontes secundárias e terciárias, já, relativamente aos originais e isso faz com que haja deturpação na informação que vamos recolher. É importante salvuardarmo-nos desse aspeto. Para além de situações que temos de pagar, em algumas dessas bases de dados, situações em que há *pass words* que eu tenho que entrar e saber como funciona e muitas vezes não se perceber a lógica. Para muitas pessoas é o problema da língua, porque sabemos que de um modo geral é o inglês que prevalece e não dominando o inglês, a língua pode ser para alguns casos limitador para os utilizadores.

Passando para o Repositório Digital do IPCB e gostaria de saber qual é a importância que atribui a este recurso?

No princípio, quando foi criado o repositório não percebia muito bem o valor e o potencial que tinha. Menosprezei-o, erradamente e equivocadamente, pois sinto que o repositório é muito importante. É muito importante porque ele é uma mostra, é uma janela, é uma montra que permite que qualquer indivíduo da comunidade nacional ou internacional conheça e reconheça o que estamos a fazer no instituto em termos de investigação, e por isso o seu valor é enorme, é extremo a este nível. É uma forma de publicitar, de mostrar e também de serem rentabilizados os nossos recursos, enquanto investigadores, dentro do Instituto. O repositório tem essa função, essencial, tornar visível o que nós fazemos em termos de investigação.

Então que tipo de utilização é que realiza com este recurso?

Olhe pesquisas, muitas pesquisas. Neste caso eu falo para os meus alunos em que o nível de inglês é relativamente baixo ou praticamente nulo a quantidade de informação que aí se encontra depositada é em língua portuguesa, na sua grande maioria e isso é uma grande vantagem para esse tipo de alunos. Por outro lado também, como muitos desses artigos e investigações são feitos, têm um contexto próximo dos nossos alunos, eles revêem-se um pouco nessas investigações e pode ser também um estímulo para que eles se sintam desafiados a fazerem investigações. Afinal de contas conhecem muitas vezes esses autores, são colegas deles, são amigos deles e sentem que também são capazes. Porque muitas vezes a investigação parece ser uma coisa muito complexa, muito complicada e não é. Tem de se aprender a fazer, como é evidente. Há um conjunto de regras que têm de ser cumpridas, mas pode ser também uma forma de desmistificar essa complexidade, que muitas vezes entendem isso como um grande obstáculo, uma grande coisa que afinal de contas vêem que não é tanto assim. Com esforço, claro, com trabalho e dedicação, tudo é capaz de ser feito e tudo se faz.

E como é coordenador de mestrado no IPCB, que importância confere a esse repositório para o curso mestrado, especificamente?

É aquilo como eu estava a dizer há pouco, é novamente uma montra de investigação nas áreas desses mestrados. Eles vêem uma quantidade de investigações que foram feitas nessa área e é um estímulo para muitas ideias e sugestões para que eles possam complementar estudos que foram feitos e em muitos casos aprofundar para o mesmo tipo de investigação criar pontos de vista diferentes, ou seja é realmente... eu penso que é um estímulo para estes mestrados para que eles consigam perceber o que pode ser feito e o potencial que os mestrados têm em termos do desenvolvimento de competências que lhes permita fazer investigação. E neste caso o repositório consegue fazer isto. É muito mais fácil fazermos isto e recolher o que irmos para uma biblioteca à procura de teses que lá estão arquivadas e que não podem sair de lá, por exemplo, têm que estar lá. Ao passo que aqui não, temos o ficheiro em pdf, facilmente gravamos, imprimimos o que queremos, lemos quando queremos, sem problema nenhum. E isso é uma grande vantagem quando comparado com o depósito em termos físicos, em formato de papel.

Falou relativamente ao impacto nos mestrandos, então e para o próprio mestrado, qual a importância que o repositório pode ter?

Para o mestrado em si, quando se faz uma pesquisa, consegue-se ter uma ideia, claro que a quantidade aqui vale o que vale, porque a qualidade é fundamental, nestas investigações, mas em qualquer das formas, sabemos que um determinado curso de mestrado já conseguiu que fossem feitas um conjunto de investigações significativas, isto demonstra a sua fortaleza. Porque um dos requisitos da qualidade dos mestrados é fazer com que todos os seus alunos terminem com uma investigação e muitas vezes o que verificamos é que o mestrado fica-se pela parte curricular, pós graduação e não se avança para a investigação. E desta forma o facto de estar lá espelhado esta investigação toda demonstra a capacidade, o valor e o poder que esse mestrado tem na geração de novos conhecimentos. Quer queiramos quer não e apesar, como se costuma dizer, um grãozinho que se acrescenta ao conhecimento é um grão e muitos grãozinhos juntos já constitui uma partícula maior. Por isso é que é importante que se sintam isso. Quer dizer, que eles sintam que há potencial naquele curso e isso é demonstrado através da investigação.

Que iniciativas é que adota para promover essa utilização do repositório junto dos mestrandos?

Mostrar-lhes. Eu mostro nas aulas, aos mestrandos, exemplos concretos. Arranjo atividades que os obrigue a consultarem o repositório, a irem lá a retirarem documentação, a discuti-la e isso é uma forma deles verificarem o que lá está. Portanto eu arranjo sempre situações para que eles utilizem o repositório. Que vão lá e que vejam coisas que os colegas fizeram. Claro que isto é uma estratégia que eu implemento. Porque, como disse há pouco eu entendo que é importante o repositório para mostrar esse potencial e também para os estimular. É também nessa perspetiva que é um estímulo, que eu penso, positivo, para que eles possam também acabar e concluir o seu curso de mestrado a fazerem a investigação correspondente.

Então, nota algum impacto do repositório digital nos mestrados e nos mestrandos?

Sim, sim. O impacto é positivo. Porque há uma coisa que é importante. Quando eles fazem investigação o seu trabalho vai para o repositório e isso, acho, que dá um certo orgulho, uma certa vaidade, positiva.

E esse é um dos exemplos que pode ser considerado, a publicação?

A publicação é importante e a divulgação. Porque com certeza quando nós sentimos ... isso já aconteceu comigo, por exemplo, quando os mestrandos acabam a sua investigação, eu desafio-os sempre a que em conjunto nós possamos ir a congressos e apresentar esse trabalho. E depois quando esse trabalho é publicado nas atas correspondentes ou artigos de revistas vai também para o repositório e isso mostra que realmente que quando fazem pesquisas de determinados assuntos, muitas vezes, já tem acontecido, verem trabalhos de

investigação que vêm citados esses meus orientandos e não venho eu, em alguns dos casos. O que significa que ganharam protagonismo, ganharam importância e isso é bom, com certeza. Portanto acho que o repositório está bem, deve continuar e deve-se incentivar que as pessoas queiram estar no repositório. Porque estando no repositório, estão no mundo. Qualquer pessoa pode aceder a isso e não há nada melhor para o investigador que ser visto e reconhecido por todos a nível global.

Agradeço a sua entrevista e as suas opiniões.

Obrigada.

CM 2

Em primeiro lugar começo por lhe perguntar que tecnologias da informação e da comunicação (TIC) utiliza em termos pessoais?

Utilizo as TIC para aquelas coisas básicas que toda a gente utiliza, ou seja, comunicação. Por email, skype, não utilizo redes sociais. Não tenho nenhum perfil em nenhuma rede social. Não utilizo redes sociais, mas o email e o skype, utilizo muito. Utilizo depois como lazer jornais revistas, etc., às vezes filmes, menos. Depois em termos profissionais, utilizo muitíssimo para base de dados, pesquisas várias, quer para dar aos alunos, quer para levar os alunos a fazer, quer para em termos da minha investigação. Aí utilizo para pesquisa, artigos, livros ebooks..., aí utilizo bastante. E sobretudo nas bases de dados abertas, quer nas bases de dados específicos, em termos científicos, aquelas que é possível aceder através do Instituto e que são poucas, é só a B-on e depois quando vou a outras Instituições de Ensino Superior que têm bibliotecas que têm acesso a bases de dados muito mais diversas ... mas em termos de docência é sobretudo para os alunos, fazer pesquisas para mim, documentos, atualização de dados etc. e para levar os alunos também a habituarem-se a irem procurar em organizações, bases de dados, pois obrigo os alunos a fazerem em determinadas disciplinas trabalhos que obrigatoriamente têm de ir procurar dados, relatórios, a bases de dados fiáveis com informação específica para aquela disciplina. Quer portuguesas, o caso da Pordata, quer internacionais.

Que recursos, digitais online, utiliza na investigação que faz?

Na investigação é a mesma coisa, no meu tipo de investigação faz com que, a maior parte dos dados eu vá buscar à net, ou seja, tudo o que seja Institutos Nacionais de Estatística, Eurostat, Nações Unidas, Pordata, são por eleição as preferidas. Bases de dados específicas de dados, todos os dados com que eu trabalho, neste momento, eu consigo ter acesso através dos portais dos institutos nacionais de estatística, quer português, quer de outro país ... da Pordata que é uma base de dados fantástica, Eurostat, ONU, etc. Depois recorro a bases de dados de revistas e livros. No caso da B-On específica, menos, porque a B-On tem pouco acesso a áreas das Ciências Sociais e Humanas. É muito reduzida ao que diga respeito a essas

áreas, portanto aí tenho alguma dificuldade, quer a recomendar aos alunos, recomendo, mas eles queixam-se, quer para mim própria. É uma limitação em termos de investigação aqui no IPCB na área das Ciências Sociais e Humanas termos acesso apenas à base de dados B-On que tem acessos reduzidos às ciências sociais e humanas. A base de dados B-On tem um conjunto de pacotes que o Instituto paga e efetivamente nesses pacotes estão pouco contempladas as áreas das Ciências Sociais e Humanas, portanto ou há um alargamento dos pacotes, ou há um alargamento a outras bases de dados, que existem várias e várias Instituições de Ensino Superior têm, por exemplo a JSTOR que tem muita coisa para a área das Ciências Sociais e Humanas. Há mais, mas esta talvez seja uma das mais conhecidas e mais utilizadas em outras Instituições de Ensino Superior.

Enumerou obstáculos e desvantagens e enumera alguma vantagem nos recursos digitais que utiliza para a investigação?

Repare, isto são tudo vantagens desde que nós tenhamos acesso. A questão é termos ou não acesso na nossa Instituição, é outra coisa! Vantagens são, e eu tenho um percurso de investigação que quando fiz o meu doutoramento a maior parte dos dados estatísticos que eu precisava não estavam *on line*, eu tinha de os pedir diretamente aos Institutos Nacionais de Estatística para além de serem pagos era demorado. Atualmente, eu tenho todos esses dados. Portanto em 10, 15 anos houve um salto qualitativo imenso. Imenso! Eu neste momento tenho disponível, por exemplo no Instituto Nacional de Estatística, digitalizados, desde os recenseamentos históricos do Século XIV até à atualidade. Portanto isto é um salto qualitativo imenso. Isso é fantástico, sobretudo, para quem não está nos grandes Centros que tem acesso às Bibliotecas gerais.

A desvantagem é que há muitas bases dados destas, algumas bases de dados cujo acesso... nos INES não, os Institutos Nacionais de Estatísticas são abertos, podem lá não ter tudo, mas nós podemos pedir e eles enviam. Agora há bases de dados de revistas e livros eletrónicos que dependem dos pacotes que as Instituições comprarem e aí se as Instituições não tiverem para determinadas áreas, obviamente pode ser um constrangimento no desenvolvimento da investigação.

Passo então à próxima questão e centro-me mais na utilização do Repositório do IPCB, e gostaria que me referisse qual a importância que atribui a este recurso digital, mas na sua posição como coordenadora do mestrado, que deve exigir outro tipo de preparação, digo eu.

Como coordenadora do mestrado eu acho que o repositório é uma montra aberta da investigação que se faz no Instituto, ou seja, o facto de nós podermos disponibilizar, não estou agora a falar dos critérios, isso é outra questão, mas o facto de nós podermos disponibilizar a investigação que se faz no âmbito dos mestrados na base de dados é uma

vantagem porque permite só pessoas quer da Instituição, quer fora da instituição terem acesso ao que aqui se faz.

Mas como coordenadora, utiliza o RCIPCB?

Não. Utilizo, vamos lá a ver, como coordenadora ... a coordenadora faz mais a gestão. Mas como professora do mestrado eu utilizo não tanto o repositório do IPCB, mas o repositório aberto, como forma de pesquisar a investigação que tem sido feita nesta área por outras instituições. E isso acho que é fundamental, quer para mim, quer para os próprios alunos. Para termos conhecimento de que tipo de investigação e o que está já investigado já noutras instituições. Mas aí é já mais o repositório aberto. No caso do RCIPCB, vamos lá a ver, como coordenadora não tem um trabalho específico. O que há é, por parte da instituição, uma política de colocar no repositório, e era aí que eu me estava a referir e acho bem, colocar as investigações que têm sido feitas nos âmbitos dos mestrados e nesse aspeto é importante porque é uma montra para o exterior daquilo que nós fazemos.

Questiono qual o impacto do RCIPCB nos mestrados, já referiu um pouco, mas também que impacto na investigação a realizar pelos mestrados?

Sim faz, não só o RCIPCB, como o repositório aberto. É uma forma dos alunos contactarem com investigações da área específica do curso que têm sido feitas em outras instituições. E isso é importante estarmos a par do que é feito ou do que já está feito e de comparar as nossas investigações e isso é um meio muito interessante de chegar a essa investigação, isso sem dúvida.

Mas não só o repositório aberto, o RCAAP, mas o RCIPCB, confere-lhe alguma importância?

Sim, confiro-lhe importância nessa perspetiva das nossas investigações poderem estar nesse repositório, poderem ser vistas por outros alunos, quer do mestrado, ou seja podermos ver o que outros alunos fizeram noutros anos, mas também pessoas de outras instituições poderem ver o que realmente nós fazemos.

Então que iniciativas toma junto dos seus mestrados no sentido deles utilizarem o repositório do IPCB?

Principalmente quando lhes peço determinados tipos de trabalhos em que eles têm de fazer, por exemplo, uma revisão da literatura e sugiro-lhes começarem, exatamente, por trabalhos de investigação que já foram feitos.

Constata então algum impacto do RCIPCB nos mestrados e nos mestrados, na sua formação?

Já referi a visibilidade. A nível da formação, depende do tipo de investigação que eles fizerem. Se efetivamente eles desenvolveram determinado tipo de investigação que seja necessário, quase sempre é necessário, ver o que tem sido feito, obviamente que o estar no repositório facilita a consulta do que apenas os trabalhos estivessem só na biblioteca. E

sobretudo para os trabalhadores estudantes é uma enorme mais-valia, porque eles podem consultar em casa, não precisam de vir para a biblioteca.

Considera credível essa informação que está no Repositório?

Depende. Aí depende. Uma coisa são os trabalhos que passaram por um júri, são trabalhos de mestrado e mesmo assim eu não acho que devessem estar todos os trabalhos de mestrado. Ou seja há trabalhos fracos que ... enfim e eu sei que não estão em repositório aberto, portanto é preciso pedir autorização, etc. Agora também não havendo nenhum tipo de filtro, também não sei se o objetivo era esse, noto que muitas vezes as pessoas põem tudo no repositório. Sei lá... e quando eu digo tudo é no sentido de não passarem por nenhum crivo de avaliação externa. Qualquer artigo que nós entregamos para uma revista, hoje, quase todas as revistas têm uma equipa de *refri*, e portanto os artigos são publicados, mas foram validados por avaliadores externos. No caso do RCIPCB, o que eu tenho notado é que muitas vezes o que se lá põe são, muitas vezes, documentos que deviam ser identificados como documentos de trabalho, que são válidos, são chamados os *arquipaper*, etc. Eu ainda não percebi muito bem qual é o critério, toda a gente põe tudo o que quer.

Está-se a referir ao RCIPCB?

Estou. Pronto! Mas provavelmente nos outros é a mesma coisa.

Sim, mas o que está aqui em causa é o RCIPCB, acha que devia haver uma maior filtragem?

Ou haver filtragem ou tudo o que eram documentos de trabalho aparecer enquanto documento de trabalho. Para se perceber o que é que é ... haja alguma distinção. Embora também seja facilmente visível que, por exemplo, os artigos obviamente vêm referenciados como sendo artigos de revista. Mas eu tenho algumas dúvidas, mas isso talvez seja por algum desconhecimento meu, relativamente a algumas áreas específicas, não sei! Alguns documentos parecem-me demasiado ... sebentas, se quisermos, mas talvez sejam por ser de áreas que eu também não domino e, portanto, não conheça a importância desses documentos.

Daí não utilizar tanto o RCIPCB, como referiu no início.

Talvez, mas também tem muito a ver com as áreas, porque há áreas que têm muita coisa lá e as pessoas põem lá tudo. Há outras áreas em que as pessoas se resguardam e não põem tantas coisas. E talvez na área que eu trabalho não haja assim tanta coisa para eu ir lá consultar o RCIPCB e ir mais ao RCAAP.

Então qual a sugestão que deixaria para que o RCIPCB fosse mais útil, na sua perspetiva?

Não sei, talvez dividindo-o, também não sei se está dividido, porque eu não o consulto muito, confesso. Mas talvez dividindo-o mais em o que são artigos, documentos de trabalho, o que

são documentos para os alunos, por exemplo, que é outra coisa. Às vezes parece-me que são, tipo, sebentas para os alunos. Pronto. E talvez haver uma distinção em termos de categorias dos documentos. Pode ser uma forma de nós percebermos se aquele documento é um documento acabado, se é um documento que é para os alunos e serve, sobretudo, como sebenta, ou se é um *arqipaper*, ou se é já um documento mais avançado em termos de avaliação externa, etc.

Esse é o motivo que faz com que não consulte tanto o RCIPCB, não recorrer tanto a este recurso digital?

Não, é sobretudo porque na minha área não há muita gente no IPCB a trabalhar numa das minha áreas e, portanto, não vou lá encontrar muita coisa. Noutras áreas já começo a encontrar, mais na área da gerontologia, aí, às vezes, já vou à procura de alguma coisa. Mas por exemplo na área da demografia não encontro coisas porque não há muita gente a trabalhar em demografia, portanto, tenho que recorrer a outros sítios.

E assim, acaba por se afastar do RCIPCB?

É um recurso interessante, mas em termos do tipo de investigação que eu faço é mais um recurso, ou seja há outros recursos que têm mais coisas e vão mais ao encontro do que são os meus objetivos de investigação.

Penso que ficou mais ou menos uma ideia geral do que se pretendia.

Obrigada

CM 3

Antes de começar, quero dizer-lhe que esta entrevista vai ser completamente anónima e tudo o que disser não vai ser identificado, com certeza.

Começo, então, por lhe perguntar para fins pessoais, qual é a importância que atribui às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e se utiliza?

Sim, claro. Nós hoje não conseguimos viver sem computador, sem o telemóvel, smartphone e essas coisas todas. Isso é óbvio.

E pode dar exemplos de utilização?

Utilizo o skype quando vou para os Congressos, ou quando vou para fora, para falar com a minha família. Praticamente, faço a maioria das compras pela internet. Às vezes faço

pesquisas para ver determinadas temáticas, ver o que é que os colegas estão a fazer noutros sítios. Mas para termos pessoais a internet é fundamental.

Vê então só fatores favoráveis na utilização das TIC? Ou pode apontar também fatores desfavoráveis, obstáculos?

Não vejo só fatores favoráveis, em termos pessoais. O facebook é muito bom. É extraordinário! Aqui há tempos perdi um cão e encontrei-o porque no facebook apareceu muita gente a ajudar-me e consegui-o encontrar. Portanto daí é fantástico. Mas quando é usado para maus fins, como a gente sabe as coisas dos atentados acaba por ser ... todas as coisas podem ser fantásticas mas quando usadas para o mal, também são fantásticas para o mal.

Então na utilização das TIC encontra algum obstáculo, sem ser só o facebook?

Não, eu estou a referir-me ao facebook, mas não é só o facebook, por exemplo há uma certa quebra do anonimato, hoje de certa forma, com a utilização dos *cookies* e com essas coisas para tentarem perceber quais é que são as nossas escolhas e as nossas opções ficam a saber muitas coisas sobre nós e às vezes... se essas informações fossem usadas só para o bem, não vejo limitação nenhuma e sou adepto incondicional. Pronto, o problema é que há gente sempre mal-intencionada. É preciso ter atenção a esses pormenores.

E em contexto profissional, mais concretamente na docência, utiliza muito as TIC?

Sim. Já utilizo o PowerPoint há vários anos. Os data shows e essas coisas todas. Procuo ir atualizando as diversas formas de apresentação. Já quase não sou capaz de dar uma aula sem recorrer a esses aspetos. Utilizo a 'nuvem', coloco as coisas na 'nuvem', etc. Em tempos tive uma página pessoal, mas a página pessoal para atualizar era complicado. Depois houve problemas para colocar a minha página pessoal ao serviço do IPCB, depois para a página estar com um *link* do IPCB, era muito complicado, porque era preciso pedir autorizações ... portanto a minha página funcionava quase em paralelo. Eu colocava lá, na minha página, tudo o que era preciso para os meus alunos. Agora começaram a aparecer novas plataformas e tenho-as usado. Quer para informar os meus alunos sobre quando é que vão ser as frequências, quais é que são os critérios.

Dê-me exemplos dessa utilização.

Utilizo o moodle. Apesar que antes utilizava pouco. Utilizava o email e contacto personalizado. Depois comecei a perceber que o email de turma não era muito vantajoso porque os alunos tinham que lá ir. Eles não recebiam a minha informação, isto é para eles receberem a minha informação, eles tinham de lá ir. Obrigava-os a irem lá. Então o ano passado experimentei usar o *moodle*, que nunca tinha experimentado e gostei de usar. Este ano mudaram a plataforma, o *moodle* é novo e ainda não sei usá-lo, mas estou a pensar usar. Portanto é assim, eu praticamente tenho a minha informação toda no computador. Eu tenho três pens que andam sempre comigo, onde a informação está toda. O papel uso, porque,

ainda uso o papel, eu para apreciar numa atividade de apreciação, de avaliação, etc. O papel dá-me uma panorâmica que o computador ainda não me consegue dar. Só se tivesse um ecrã grande onde aparecessem as coisas ... mas isso às vezes não é possível.

E a nível da investigação? Qual é o uso de recursos digitais e se utiliza para efeitos de investigação?

É fundamental. Porque é assim: 1º se quisermos estar a par daquilo que já foi feito, temos de consultar repositórios, consultar bibliotecas *online*, consultar a internet.

Dê-me exemplos desses recursos.

A B-on ... há várias. Há várias.

Mas quais costuma mais utilizar?

Utilizo mais a B-on. Repositórios Científicos. Às vezes pesquiso mesmo, faço procuras temáticas e vou ver o que colegas de outros lados têm feito. Depois, é assim. Felizmente tenho participado em muita investigação e, portanto, também tenho muita informação sem ser por via digital. Utilizo o SPSS para tratamento estatístico, utilizo várias plataformas de ... principalmente o *office*. O *office* tem sido muito útil para as minhas investigações porque tem aquela possibilidade múltipla de usar gráficos, e usar Excel, de usar texto, de usar PowerPoint. Permite aqui uma série de utilizações que a gente cola e copia e torna tudo muito mais fácil.

E consegue apontar algum obstáculo, limitações, vantagens e desvantagens, estes quatro parâmetros, se puder enunciar na utilização desses recursos?

Não. Para mim eu sempre tive muita facilidade com a internet e portanto não encontro grandes obstáculos. Às vezes os maiores obstáculos são quando a gente não consegue ... quando temos de utilizar programas diferentes. O *office* tem a vantagem, por exemplo, quando pegamos num texto, ou por exemplo faz um cálculo no Excel e aproveita para fazer um gráfico e copia o gráfico e coloca no word e depois pode alterar e etc. Mas quando usamos programas que não funcionam assim complica um bocadinho mais. Por exemplo se usarmos o SPSS, em vez de usar Excel, o SPSS já não nos permite fazer aquele *copy* e *paste*. E isto são limitações quando usamos mais do que um programa, mais do que uma ferramenta. Mas isto está cada vez mais facilitado.

Mas, recursos digitais para a investigação? Utiliza a B-on e só a B-on?

Utilizo a B-on, mas utilizo várias. Eu às vezes vou à pesquisa do termo e consoante o termo e onde ele me aparecer e a biblioteca onde me aparecer primeiro é onde eu vou consultar. Também os repositórios. Os Repositórios das Instituições de Ensino Superior (RIES), são muito importantes porque nos permitem perceber a investigação que lá foi feita e, às vezes, é logo aí que aparece.

E consegue apontar alguma limitação ou obstáculo nessas utilizações? Ou são só vantagens?

Eu não vejo grandes desvantagens. Há quem ache que há desvantagens. Que as desvantagens têm a ver com a cópia, com a cópia não autorizada, com a falta de referência... mas é assim: eu tenho dito sempre aos meus alunos que uma prova de sabedoria e de capacidade e de qualidade é sermos capazes de referenciar aquilo que ... hoje já não há sábios e, portanto, bons são aqueles que conseguem utilizar o conhecimento produzido pelos outros. E a única forma de dizer que são capazes de utilizar o conhecimento produzido pelos outros é referenciar. Não é dizer assim: escreveu um texto e não pôr lá nada e copiaram aquilo não sei de onde e dizem que foi tudo da cabecinha deles. Hoje isso não tem valor nenhum, porque a gente sabe que isso não é assim. O que tem valor é ser capaz de usar a informação disponível. Portanto quanto mais e maior for o número de referências bibliográficas se colocarem num trabalho, melhor. Ao contrário daquela ideia de não colocar referência nenhuma, porque foi tudo da minha cabecinha. Isso não faz sentido nenhum nos dias de hoje. Por isso eu doutrino logo os meus alunos de mestrado e de licenciatura que devem mostrar e mostram capacidade se forem capazes de usar aquilo que os outros produziram. Naturalmente que um dia hão-de produzir também e também serão citados, mas é fundamental, é fundamental nesse aspeto ser capaz de usar o que os outros produziram. Daí que devemos referenciar todas as nossas fontes. Este é um procedimento que deve ser básico. O obstáculo é que às vezes há a tentação de o estudante, no meu entender, há a tentação do estudante para copiar uma coisa e colocar como se fosse dele. Há essa tentação, mas eu tento superar essa dificuldade, fazendo-os ver que isso não é uma vantagem para o estudante, que ele só perde em fazer isso. O maior obstáculo, de facto, é as pessoas não fazerem ou não usarem os procedimentos corretos, sempre. Portanto o problema da informática é sempre quando a usamos indevidamente. Porque quando a usamos devidamente, todas estas tecnologias são só vantagens.

Agora como coordenador do mestrado, outra tarefa que lhe cabe, qual a importância que atribui ao repositório digital do IPCB?

Olhe o repositório é fundamental para os alunos terem acesso, já que mais não seja, à investigação produzida pelos seus próprios professores. Pelos próprios professores do mestrado que, em princípio, deviam ter os seus trabalhos no repositório. Eu contra mim falo, eu tenho uma mínima parte dos meus trabalhos no repositório.

E qual é o obstáculo?

O obstáculo é que não é fácil a gente colocar as coisas no repositório.

Não é fácil?!

Não. E depois há situações de conflito... a comunicação aqui no IPCB, durante uns tempos, não funcionou muito bem. E às vezes a gente não chega a perceber bem as situações de conflito. Por exemplo, a gente ao publicar uma coisa num determinado sítio, disponibilizá-lo nouro sítio, às vezes, há situações de conflito. E às vezes para não cairmos nessas situações de conflito a gente prefere ficar imóvel, pronto. Por exemplo, aquilo que me diz respeito, aquilo que tenho no repositório Científico do IPCB (RCIPCB) diz respeito às minhas teses que não estão publicadas. Isto é, todo o trabalho que eu não tenho publicado eu procuro colocar no RCIPCB, quando posso. Quando posso. Todo o trabalho que tenho publicado, está publicado noutros lados. Não faz sentido estar a colocar no repositório e estar a replicar essa informação, porque já está publicada nouro sítio qualquer.

Agora, pergunto-lhe qual a importância que atribui ao RCIPCB e qual o impacto que o RCIPCB provoca em relação ao mestrado que coordena e nos mestrandos?

Eu tenho a sensação, é uma sensação, porque estamos a falar de uma opinião, de uma representação que eu tenho das coisas. Eu tenho a sensação que os alunos usam mais o ... dei esta ideia que só colocam alguns ... mas isso sou eu, porque admito que há docentes que colocam muitos documentos e que têm muitos documentos disponíveis ...

Sim, mas no seu caso?

Eu tenho a ideia de que os alunos utilizam o repositório. Principalmente quando estão naquela fase da elaboração das teses. Numa primeira fase se calhar não utilizam muito. Eu falo-lhes sempre no repositório.

E repito-lhe a pergunta, acha que o RCIPCB provoca algum impacto no mestrado e nos mestrandos?

Eu sobre o impacto não lhe sei dizer, eu tenho a sensação de que sim, tenho essa sensação, porque eu nunca estudei o assunto. E isso é preciso estudar, é preciso estudar, para sabermos se utilizaram, se não utilizaram, quantas vezes utilizaram, como utilizaram e qual foi o tipo de assunto. Eu esse tipo de informação nunca a pedi. Eu dou a informação, digo o que é que existe. Digo que podem de facto utilizarem, alerta para a utilização, mas depois não tenho forma de medir isso. Mas incentivo sempre os alunos a utilizarem o Repositório e acho que os meus colegas, os outros professores do mestrado que também incentivam. Tenho a sensação de que os alunos na fase das teses utilizam, porque a gente vê pela bibliografia que usam, pelo ... eu tenho ideia que usam mais nessa fase do que na fase curricular. Mas é só uma sensação.

Mas concorda que havendo teses publicadas do mestrado que coordena há uma maior divulgação a nível de quem consulta o repositório?

Não, é assim: nós aqui temos de ser equilibrados e eu constato que cada vez menos o estudante recorre a livros físicos. E eu incentivo muito que consultem livros físicos. Eu digo

sempre que valorizo muito mais que façam uma referência bibliográfica do livro físico do que o indicativo do *browser*, de onde é que encontrou o documento. Eu faço isto para não me acontecer que numa tese tenha só documentos digitais nas referências bibliográficas digitais. Acho que é importante numa tese haver mais do que isso, não é?

Mas parece-lhe que pode ser possível que mesmo consultando bibliografia em bibliotecas digitais ou em repositórios podem referenciar a bibliografia física do livro como se fosse o documento físico e não utilizar o *link*?

Ah, sim, sim. Mas para mim se tiverem consultado um documento em formato digital é como se o tivessem consultado em formato físico.

Então refira-me qual é a vantagem nesse aspecto?

A grande vantagem é que... por exemplo, a minha tese de doutoramento os alunos têm dificuldade em requisitá-la, a partir do momento em que foi depositada no repositório todos podem, todos podem usar e eles usam todos e isto é uma vantagem enorme, enorme, usarem todos ao mesmo tempo. Pronto, não há um número de exemplares... Eu deixei um ou dois exemplares, mas estava sempre esgotada, porque há sempre alguém que pede, portanto os outros não conseguem aceder a ela. E isto é uma grande vantagem. Por isso é que eu digo assim, a maioria dos meus documentos que não estão publicados, a maioria deles eu .. . eu tenho poucos documentos publicados no RCIPCB, é uma questão de hábito, não me habituei e depois também não temos apoio administrativo, não tem secretária, não tem nada...

Mas pode fazer o auto arquivo no RCIPCB.

Eu sei que posso, mas isso é preciso ter vagar e no meio de outras tarefas que temos deixo aquelas para o fim e até em tempos quando a Dra. Iria veio para a biblioteca foi ela que me introduziu as minhas teses, veio ter comigo, pediu-me autorização se podia inserir e eu disse que sim. Fez-me um grande favor, porque ela colocou lá as minhas teses e não tive que ser eu a colocar, digitalizou aquilo....

Mas tem o serviço da biblioteca, pode continuar lá a colocar os seus trabalhos e a senhora publica-os.

Pois, mas os serviços da biblioteca, basta quando a informação não corre a gente não sabe que há alguém que nos pode fazer esse serviço. E pronto, não sabendo que há alguém, se tiver que ser eu a fazer, eu não tenho vagar para o fazer, e portanto às vezes cria-se assim uma inércia para colocar lá os documentos. Às vezes as pessoas quando tem vagar coloca, mas tenho colocado poucos, de facto.

Isso é um contratempo, mas verificando o impacto que provocaria no mestrado que coordena não seria de ter mais atenção para tentar publicar...

Eu acho que não passou a ideia de que a biblioteca faz esse serviço ao docente. Porque a mim se me vierem perguntar se eu me importo que coloquem os meus documentos todos lá eu digo logo que sim, desde que não seja eu a ter de fazer. Porque para ser eu a fazer preciso de tempo e eu não tenho muito tempo e ainda por cima cada vez mais nos pedem mais tempo para o computador. É escrever o sumário, é marcar as pautas, é... portanto

Então pode é deslocar-se, porque ninguém sabe quando tem as suas publicações prontas para publicar, e aproximar-se

Sim, mas não tem chegado a ideia de que os serviços podem fazer isso para mim. Se fizerem para mim eu disponibilizo rapidamente os documentos todos. Agora alguém tem é de fazer isso para mim.

Concluindo, então é de opinião que o RCIPCB provoca impacto no mestrado e nos mestrandos.

É importante, provoca sim impacto, mas era importante facilitar a colocação dos documentos, porque o meu maior problema é não ter de ser o próprio docente a colocar lá as coisas. Porque ele já tem que fazer tantas coisas que depois fica sempre para o fim aquele que não tem vantagem logo direta para nós.

Ficou mais ou menos exposta a sua ideia.

Agradeço a sua disponibilidade.

CM 4

Esta entrevista é no âmbito do Mestrado em Ciências Documentais que estou a fazer e posso já garantir-lhe que todos os dados serão sigilosos, uma vez que não vou identificar nenhuma pessoa.

Pergunto-lhe se, para fins pessoais, utiliza as TIC e refira-me vantagens, desvantagens, obstáculos e limitações dessa mesma utilização.

Sim utilizo. As TIC, vamos lá a ver, temos que distinguir. Uma coisa [são] as tecnologias da comunicação e informação ... isso em termos de ensino eu também utilizo. Em termos pessoais, quer em preparação de documentos, quer em consulta, também utilizo, mas são mais as bases de dados. As TIC em termos de ensino, utilizo, em termos pessoais também

utilizo nas preparações, mas é preciso matizar que utilizo mais as bases de dados, porque são mais específicas nas áreas que eu pretendo investigar.

Então, mais em contexto profissional, se puder dar-me exemplos de utilização das TIC

É a mesma coisa. Eu utilizo muito o SISAL. Há diversos, nós temos aqui o B-on, mas tirando isso tenho até mesmo o realp latino-americano, quer dizer, eu tenho um conjunto, pelos compromissos e relações que eu tenho, de bases de dados em que eu consulto a informação, preparo, vejo vídeos... quer dizer, tudo aquilo que me possa trazer uma mais-valia, quer para pessoalmente, para a elaboração dos meus estudos, quer para as aulas.

Nessa utilização encontra algum fator que seja favorável ou desfavorável, que possa evidenciar? Ou obstáculos e limitações.

Quer dizer, pelas minhas características de formação e de investigação e de investigador, vamos lá a ver, as TIC não é tudo. Repare: documentos antigos que estão nos Centros de Documentação e Arquivos específicos e não estão lançados na Rede, por isso é que eu ainda recorro a esses Centros de Documentação específicos, não é, para consultar e para meu uso, quer das investigações, quer no âmbito da minha profissão.

Então não utiliza muito as TIC, ainda?

Mas é que depende do que entende das TIC, se é para uso profissional, eu utilizo. Não naquela margem, porque as unidades curriculares que eu tenho não é para se utilizar assiduamente e continuamente. Quer dizer, em relação a termos pessoais, de investigador, eu utilizo as TIC, efetivamente, mas quer dizer, não é só esse. Porque eu ainda recorro a Centros de Investigação e Arquivos, quer dizer, a Torre do Tombo, ainda não tem tudo lançado. Eu tenho que lá ir. Essa é a questão. Agora eles lá têm tudo informatizado. Há coisas que eu não posso aceder desde aqui, ... vamos dar um exemplo, eu posso aceder à Biblioteca Municipal de Lisboa, mas não a tudo!

Então isso é um entrave, podemos considerar um obstáculo?

Sim é um entrave, porque há coisas que são muito reservadas, não são disponíveis, é assim, pela REDE, não é?

E a nível de investigação, uma vez que é investigador, utiliza recursos digitais, TIC ou limita-se a ir pessoalmente à Torre do Tombo?

Olhe, temos que saber o que são Tecnologias da Informação e da Comunicação. Essas tecnologias, a meu ver, transformam-se em tecnologias educativas, quer para uso quando o professor nas suas Unidades Curriculares ensina. Claro que sim, nós estamos apetrechados de todos esses equipamentos e podemos. Agora não é assíduo, porque temos problemas de REDE, como é óbvio. Acesso ... também não temos tudo em acesso, quer dizer, é preciso

compreender que o acesso às tecnologias, nem tudo está em aberto. É preciso ver, há coisas que temos de comprar. Mesmo em termos de investigação, também não. A não ser que eu pertença a Sociedades ou a Redes da qual eu pago e tenho esse acesso reservado.

Então, pagar-se, pode considerar-se um obstáculo?

Claro, mas isso é como tudo. O conhecimento e o saber pagam-se.

Não evidenciou vantagens, não há vantagens?

Há muitas vantagens, claro! Se nós andássemos sempre como antigamente a viajar de um lado para o outro para ir sempre aos arquivos, às bibliotecas ... não sei quantos... Hoje não, hoje posso, tranquilamente, ter esse acesso. Mas volto novamente a dizer, nem tudo está em aberto. Eu como investigador, como historiador, requero um documento, esse não está ali. Tenho de me deslocar lá e pedir e tal. Agora, outras coisas sim. Quer dizer: é preciso ver, eu estou a dizer... você perguntou-me em termos pessoais. Em termos pessoais eu tenho uma procura de conhecimento muito específico, que não se encontra em aberto. Outras coisas sim, as pessoas podem consultar. Agora há outras coisas mais específicas, não. Essas aí eu tenho mesmo de me deslocar. Mas sim tem vantagens. As desvantagens ... é preciso ver que a sistematização que o ... claro, uma coisa é termos o documento ... veja lá um documento, um livro com quatrocentas páginas. Esse é pesado, primeiro que abra, não sei quê... tem as suas limitações em termos de quando são documentos ... depende da época. Hoje nós acedemos porque o número de páginas é muito curto e então acede-se rápido. Agora quando são documentos que requer mais trabalho, requer mais dificuldades, surgem mais limitações. Agora, tudo isso é preciso dizer que as TIC vieram favorecer, desde a década de setenta, do Século passado, que se evoluiu. Aliás, foi depois da Segunda Guerra Mundial e eu escrevi sobre isso, simplesmente não podemos é estar muito dependentes disso, porque a informação que lá está, a informação que lá está, depende do uso que lhe fizermos e do que queremos. Essa forma de filtragem e de seriação, cada um é que saberá. Eu como investigador, mais historiador, a investigar o Século XVIII, você me dirá se tenho acesso a documentos ... agora se for sobre o Século XX e da atualidade, sim. Portanto é nesse sentido de limitações. Agora a distinção que eu lhe estava a dizer é o uso que eu dou das TIC no processo de ensino/aprendizagem, portanto em termos de lecionação ou de Unidades Curriculares, sim, muito útil, para que os alunos possam procurar em simultâneo. Outra coisa é como investigador, já em termos pessoais ou de investigação ... tem algumas limitações.

Agora pergunto-lhe qual a importância que atribui ao RCIPCB, na sua função como coordenador do mestrado?

O Repositório é o lançamento de tudo, os documentos e são só artigos não tem lá edições impressas em capítulos ou em livros. Repositórios são uma rede de artigos, que é real, em termos do nosso, dos Politécnicos e da Rede Universitária em que temos acesso àqueles trabalhos que os professores realizam e que, ou então orientam. Que é o caso das teses. Isso

é o que lá está, o que produzem. Agora ficamos a conhecer o que se produz aqui. E os alunos também estão incluídos, à medida que vão terminando as suas teses de mestrado ou outro tipo de trabalhos.

Mas para o mestrado que coordena, tem alguma utilidade?

Sim tem utilidade, mas é uma utilidade limitada. Pois se perguntarmos assim: há artigos ou há publicações científicas, muitas, na área do mestrado MISE? Pois há pouco. E não se trata de uma limitação. São as características do próprio repositório. O repositório está em aberto ... isto tem a ver com as propriedades intelectuais. É preciso também ver isso. Eu por exemplo, eu posso não ceder, quer dizer; você vai ao repositório e não tem lá tudo. Tem lá, no meu caso, muitos artigos. Claro, mas eu não pus lá tudo, porquê? Porque eu tenho um compromisso onde publiquei que não posso, porque tem outros detentores dessa propriedade. É preciso também compreender isso. Não está lá tudo, não pense lá!

Mas utiliza para efeitos de coordenação de mestrado?

Claro o que está em aberto utiliza-se, mas é preciso ver que está lá também um cadeadozinho que é preciso pedir autorização ao autor. No meu caso também, não é assim?

Podia dar-me um exemplo de utilização? Utiliza em que circunstâncias, como coordenador do mestrado?

Como coordenador fico igual como os alunos. Como autor, não, porque se sou autor, pois posso entrar porque eu é que dou autorização. Agora os alunos ficam limitados.

Mas como coordenador do mestrado, deve ter uma função que os outros professores não têm?

Mas nessa questão da informação não tem. Mesmo como coordenador que queira consultar um documento que esteja no repositório e que está lá limitado o acesso, eu não posso, tenho de pedir autorização ao autor. Mesmo que eu indique isso aos alunos. Eu digo: consultem lá aquele artigo. Eles dizem: oh professor não pode porque está lá limitado.

E há muitos artigos limitados?

Claro que há. Eu por exemplo tenho muitos. Porque é o compromisso que eu tenho com a editora ou com a entidade que me publicou que tem os seus direitos. Eu cedi-lhe os meus direitos. Por isso é que eu lhe falei em propriedade intelectual. Quando eu cedo direitos a outra pessoa é que vai adquirir esses direitos. Já não sou eu. Agora quando há essa cedência, sou eu como autor que cedo. Se eu disser, fica em aberto, então toda a gente pode aceder. Por exemplo o Google académico, vai lá e tem lá muita produção minha, não é , mas não está lá toda.

Então pergunto-lhe se considera o RCIPCB como sendo uma mais-valia para o mestrado que coordena? E para a investigação a realizar pelos mestrandos?

O RCIPCB é uma mais-valia, mas não é só. Há outras bases de dados científicas e nós temos uma que é a B-on e, antigamente, tínhamos o ERIC, mas há outras base de dados. E essas bases de dados também têm uma parte em acesso livre e outra que é paga. No caso do RCIPCB a mais-valia que se criou aqui há cerca de meia dúzia de anos, estes repositórios foi por causa disso. Que a Rede Politécnica entre si, que qualquer aluno, ou professor ou pessoa que estivesse vinculada a uma Instituição Politécnica e Universitária pudesse aceder sem se deslocar. Agora volto a dizer-lhe, nem tudo está em aberto, é o que lhe estou a dizer. A maior parte sim. Mas nem tudo está. Por isso é uma mais-valia para os alunos, para os professores consultarem naquela área, naquele tema, o que existe investigado, publicado...

Que iniciativas adota no sentido de promover a utilização do RCIPCB junto dos mestrandos?

Quando se realiza qualquer trabalho e subentende-se que um trabalho ao nível do ensino superior é científico, claro que se aconselha a consultarem em primeiro lugar o repositório. Mas volto a dizer, não é só o repositório, indico-lhe também outras bases de dados. Volto a dizer-lhe o repositório é limitado. Se você entrar lá, na área das Ciências da Educação, não pense que tem lá muitos artigos. Ou se puser lá História Social da Educação, então ainda menos ou nada.

E a que se deve isso?

Porque não está lá. Volto novamente a dizer o repositório é onde os docentes, investigadores e depois orientam trabalhos de projeto e não sei quantos, vai-se lá introduzir. Agora nem todos os trabalhos são dessas áreas.

Constata então algum impacto do RCIPCB nos mestrados e nos mestrandos? Se puder dar alguns exemplos desse impacto.

Claro que sim. Ninguém pode, penso eu, fazer qualquer investigação, seja ao nível do mestrado ou de outro curso, sem consultar o repositório. Pelo menos vemos o que há naquela área ou naqueles descritores, porque nós pesquisamos descritores. O que é que há? Podem é não satisfazer, que não satisfaz, como é óbvio, por isso não podemos estar limitativos a esta Rede. Esta é uma Rede entre muitas! Esta é uma Rede entre muitas! Em que tem o seu acesso a esta informação, mas não podemos só ficar por aqui. Imagine, como eu lhe estava a dizer, há pouco, que na área, por exemplo, da História Social da Educação, ou na História da Educação Social, quem é que trabalhou nesta área? Por exemplo, aqui na escola, só sou eu, pouco mais. Portanto muito limitado. Não há lá muito. Agora se você for a outras Escolas Superiores de Educação ou outros Repositórios Politécnicos, claro que encontra. Depende! E por isso é que temos acesso. Imagine que entra em Santarém, no Repositório de Santarém, na Escola Superior de Educação, já lá tem mais.

Então qual é o obstáculo que percebe para não haver tanta informação?

Eu não estou a perceber obstáculos. Os obstáculos é que se você num saco não tem lá o objeto que procura que obstáculo é que há? Se você no repositório está à procura, por exemplo de História da Infância e não há lá, que obstáculo é que há? Não há lá, porque não se reproduziu. E portanto não se produziu, não se incluiu. Noutras Redes sim.

Mesmo assim, consegue perceber impacto do RCIPCB nos mestrados?

Sim, do que lá está, há impacto, claro. Para os alunos, para os professores. Eu digo mais alunos, porque os professores utilizam menos.

Agradeço a sua disponibilidade.

Obrigada.

CM 5

Que importância atribui às TIC e se utiliza para fins pessoais?

Faço uso das TIC em toda a minha vida profissional. Desde a preparação das aulas à lecionação das aulas. Pesquisas para investigação.

Mas a nível pessoal...

Sim para armazenar coisas pessoais, fotografias, documentos, faço uso diário e constante das TIC.

E nessa utilização encontra fatores favoráveis, desfavoráveis, obstáculos e limitações?

É assim: as TIC vêm-nos facilitar muito a vida. Deixamos de ter tanto papel, mesmo em termos pessoais, rapidamente temos acesso às coisas, mas por vezes estamos tão concentrados em ter tudo, enfim, ou numa 'nuvem', ou no quer que seja, que se o objeto de transporte seja o telemóvel ou o *tablet* nós perdemos ou deixa de funcionar, nós não sabemos nada. Nem números de telefone. Quer dizer, não sabemos nada porque está tudo lá metido. Mas qualquer das maneiras, eu acho que é uma vantagem extremamente grande. É claro que pode ter alguns contras, pode. Se a gente perder o nosso material, não é? As pessoas podem ter acesso às nossas coisas, embora haja codificações que nós façamos. Para mim, em termos de fotografias, é muito interessante ter as fotografias todas guardadas, mas deixamos de ter o formato papel. O que para mim é uma desvantagem, porque eu gosto de ver [gosta de ver a informação em suporte papel] ... mas é uma vantagem porque eu tenho lá tudo, não preciso de ter armários para guardar, mas gosto também de ver a fotografia em papel, pronto, digamos assim. Mas claro que as TIC vêm facilitar imenso a vida do dia-a-dia.

E em termos profissionais, então? Se puder dar exemplos de utilização.

Em termos profissionais eu uso em tudo, em tudo o que tenha a ver com a minha vida profissional. Desde a preparação das aulas, desde a apresentação das aulas, desde a investigação que faço, enfim, desde recolha de informação sobre os meus alunos ... enfim toda a organização que está à volta de uma unidade curricular. Ainda agora estava a fazer uma folha Excel com todos os contactos dos meus alunos, pois vamos começar o mestrado para a semana. Enfim! Uso as TIC, nem só o computador, mas, enfim, outras tecnologias, para toda a minha vida profissional.

Explicitou termos favoráveis e desfavoráveis, encontra algum ponto desfavorável?

Em termos desfavoráveis não estou a ver nenhuma limitação, digamos assim, nada de limitativo. Parece-me que as TIC vieram facilitar-nos muito a vida, digamos assim. A gente faz tudo muito depressa, entre aspas, mas fazemos muito mais, fazemos muito mais e a única coisa desfavorável é que a gente dispersa-se um bocadinho. Porque tão depressa estamos numa coisa como passamos para outra e às vezes acabamos por nos dispersar. Mas eu acho que em termos profissionais é uma vantagem enorme. Eu quando fiz o meu mestrado tive que ir a caminho de Lisboa à procura de tudo, eu tive de ir a bibliotecas. Hoje em dia nós não precisamos de sair praticamente do nosso local.

Para efeitos de investigação, que recursos digitais utiliza?

Bom, penso que um recurso digital, as bases de dados ... é isso que está a perguntar?! Utilizo a B-on, utilizo muito o Repositório Científico, o RCAAP. Os meus alunos utilizam muito o Repositório da ESE, até porque há uma unidade curricular que eu dou que, um dos trabalhos é precisamente eles pesquisarem uma tese para analisarem essa tese e portanto começam pelo Repositório Científico daqui e depois vão para o nacional. Portanto faço uso, não digo diário, mas sempre que necessito.

Se puder apontar vantagens nessa utilização.

As vantagens, sem dúvida, que são muitas. Para mim não tem desvantagens, porque como eu passei por um mestrado e por um doutoramento onde não tinha hipóteses de acesso. Principalmente no mestrado, que foi em 1994 e tinha de me deslocar a Lisboa e a várias cidades e a gastar dinheiro e perdi tempo em viagens, a pesquisa feita no local onde estamos, sem termos de sair do nosso local de trabalho, ou da nossa casa, ou do nosso escritório confortável, e fazemos a pesquisa a partir de um clic, que é uma coisa que não e fazia.

Não encontra desvantagens, então?

A única desvantagem que posso apontar é que há tanta informação que a gente tem de aprender a seleccioná-la. Essa poderá ser uma desvantagem. Enquanto que nós íamos às bibliotecas tínhamos de nos cingir ao que lá estava. Agora a informação... isto é uma aldeia global, não é? E a informação está disponível em todo o local. Nós só temos é que ter o

cuidado de selecionar. Porque às tantas, temos tanta informação que nem sabemos o que fazer com ela.

Não há ninguém a orientar, não é?

Exatamente. A mim parece-me que essa orientação era muito importante aos nossos alunos, de mestrado e aos de licenciatura a orientação de como parar e quando parar e o que há que selecionar. Eu acho que muitas vezes eles nem sabem os termos técnicos, os termos corretos. E às vezes eles dizem: “oh professora eu não encontrei nada.” Pronto; e nós aí temos que tentar ajudá-los nesse sentido. Mas eu acho que a informação é muita, é muita, mesmo!

Agora gostava de saber a sua opinião, enquanto coordenadora do mestrado, da importância do repositório digital do IPCB?

Como coordenadora, eu não consigo dissociar a coordenação do facto de também ser professora. Pronto. Como coordenadora do mestrado recorro pouco, digamos assim, ao repositório, como coordenadora. Agora como professora eu indico muito aos meus alunos a utilização do Repositório Científico do IPCB (RCIPCB). Aliás é a primeira indicação que eu dou sempre, é o RCIPCB.

Pode dar-me exemplos dessa utilização?

Sobretudo a procura de teses. Isto mais no sentido com os alunos. Mas, eu também, quando faço pesquisa é mais nessa área.

Quer dizer que incentiva os seus mestrandos a utilizarem o RCIPB?

Sim, incentivo os meus mestrandos a procurarem, aliás começam sempre pelo repositório da ESE e depois é que vão para o RCAAP. E a melhor iniciativa junto dos meus mestrandos é uma das unidades curriculares do meu mestrado que é do primeiro semestre, é precisamente incentivá-los à procura de uma tese para poderem analisar, no Repositório Científico da ESE. Analisar uma tese na temática do programa que lhe estou a dar, analisar uma tese nesse sentido. E a primeira procura é sempre no Repositório da ESE.

Nota algum impacto do RCIPCB nos mestrados e nos mestrandos?

Sim, porque nós começamos com eles nas Unidades Curriculares. Portanto eles pesquisam. Pois a maioria dos professores dão-lhes informações sobre o Repositório. Pois a maioria deles não conhecem, não fazem ideia que existe um Repositório. E depois, quando os apanhamos numa fase mais avançada que é a parte da tese, eles usam bastante o Repositório. Dizem: Ah: professora, não sabemos onde vamos procurar. E nós alertamos para não se esquecerem do Repositório. E eles vão muito e dizem: fui ao repositório e encontrei esta e esta tese. Portanto eles recorrem bastante ao repositório, ao nosso e ao nacional, claro! Acho que, quando eles estão a fazer o trabalho final, é um ponto de partida, porque através do repositório eles vão vendo vários temas, vão às bibliografias desses temas que estão e

conseguem até encontrar livros e artigos, que muitas vezes de outra forma é mais difícil... não é de encontrar, mas de sistematizar a informação. Sistematizar informação relativamente a temas que às vezes é difícil de procurar, mas se encontrarmos uma tese que aborde esse tema, conseguimos, através da bibliografia descobrir outros livros e outras teses e outros artigos que abordam esse tema. Portanto o Repositório é o ponto de partida para muita coisa. É muito importante que exista o RCIPCB. Porque não é só as teses, eu estou aqui a falar de teses, mas eles recorrem, também, muito a artigos... porque, ainda por cima, está tudo em português. É preciso não esquecer isto. E isso é uma enorme vantagem, a de, a grande parte, estar tudo em português. Essa é uma vantagem muito grande para os nossos estudantes.

Foi nesse sentido que tentei demonstrar a importância do RCIPCB. Pois disse que, muitos estudantes, ainda não o conhecem?

Sim, há muitos estudantes que chegam aqui e não o conhecem. Eles chegam cá e perguntamos se conhecem o RCAAP e parece que estou a falar chinês. A B-on então nem vale a pena. Mas o RCAAP, alguns vêm da formação inicial e respondem que não ... Por isso todas as vezes, nesta Unidade Curricular que eu tenho, eu abro, ensino-lhes a entrar, ensino-lhes a fazer e depois a pesquisar.

Agradeço a sua disponibilidade.

Obrigada.

7.3. Tabelas de Análise de Conteúdo das Entrevistas

Categoria 1:

Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao grau de importância que atribuem às TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação).

- Utilização das TIC para fins pessoais.
- Utilização das TIC para fins profissionais/docência.
- Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao grau de importância que atribuem às TIC.

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
1.1. Para fins pessoais que importância atribui às TIC? Exemplos de utilização.	CM1: “(...) a maioria das atividades que hoje executo passam todas pela utilização do computador (...)” “(...) de um modo geral posso dizer que sim que as tecnologias são importantes na minha vida para fins pessoais”.	2
	CM2: “Utilizo as TIC para aquelas coisas básicas que toda a gente utiliza, ou seja, comunicação. Por email, Skype (...)”. “(...) Utilizo depois como lazer jornais revistas, etc., às vezes filmes, menos”.	2
	CM3: “Utilizo o skype quando vou para os Congressos, ou quando vou para fora, para falar com a minha família”. “(...) faço a maioria das compras pela internet (...)”. “(...) Mas para termos pessoais a internet é fundamental”.	3
	CM4: “Sim utilizo. Em termos pessoais, quer em preparação de documentos, quer em consulta, também utilizo, mas é mais as bases de dados.” “É preciso matizar que utilizo mais as bases de dados, porque são mais específicas nas áreas que eu pretendo investigar”.	2
	CM5: “Sim para armazenar coisas pessoais, fotografias, documentos, faço uso diário e constante das TIC.”	1
		Total: 10

Inferências	Todos os entrevistados, sem exceção, referem utilizar as TIC para fins pessoais, valorizando-as em aspetos bastante diversificados. Em termos de exemplos de utilização, verifica-se alguma heterogeneidade, na medida em que as TIC são utilizadas para comunicar (email; Skype), para fazer compras online, para ver filmes, para armazenar fotografias, no âmbito de várias atividades de lazer, com destaque para a Internet. Num outro domínio, há atividades relacionadas com a consulta de documentos e de bases de dados que promovem uma ligação com atividades de caráter profissional.
-------------	---

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
1.1.1. Para fins pessoais que importância atribui às TIC? Vantagens	CM1: “(…) facilitam a vida e esse é um aspecto favorável (…).” “(…) de um modo geral posso dizer que sim que as tecnologias são importantes na minha vida para fins pessoais”.	2
	CM2: “Utilizo as TIC para aquelas coisas básicas que toda a gente utiliza, ou seja, comunicação.”	1
	CM3: “Nós hoje não conseguimos viver sem computador, sem o telemóvel, smartphone e essas coisas todas.” “(…) faço a maioria das compras pela internet(…).” “Mas para termos pessoais a internet é fundamental.”	3
	CM4: “É preciso matizar que utilizo mais as bases de dados, porque são mais específicas nas áreas que eu pretendo investigar.”	1
	CM5: “As TIC vêm-nos facilitar muito a vida.” “Deixamos de ter tanto papel.” “Rapidamente temos acesso às coisas, mas por vezes estamos tão tão concentrados em ter tudo, enfim, ou numa nuvem, ou no quer que seja, que se o objeto de transporte seja o telemóvel ou o tablet nós perdemos ou deixa de funcionar, nós não sabemos nada. Nem números de telefone. Quer dizer, não sabemos nada porque está tudo lá metido. Mas qualquer das maneiras, eu acho que é uma vantagem extremamente grande.” “(…) mas é uma vantagem porque eu tenho lá tudo, não preciso de ter armários para guardar.” “Mas claro que as TIC vêm facilitar imenso a vida do dia a	5

	dia.”	
		Total: 12
Inferências	<p>Todos os entrevistados referiram aspetos vantajosos relativamente às TIC, de uma forma, mais ou menos, indiferenciada. Tal como na subcategoria anterior, as vantagens das TIC, associadas à internet são enfatizadas a comunicação e as compras online. Um outro aspeto, tido como vantajoso, tem a ver com o facto das TIC proporcionarem, de forma muito fácil, o armazenamento de grandes quantidades de informação e de ficheiros (ex: fotografias) e a sua conseqüente facilidade no acesso. Relativamente ao CM4 refere como vantagem a possibilidade que as TIC têm em promoverem condições que facilitam atividades de investigação.</p>	

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
1.1.2. Para fins pessoais que importância atribui às TIC? Desvantagens, obstáculos e limitações.	CM1: “(...) aspectos desfavoráveis, posso dizer-lhe que elas podem levar-nos a termos uma dependência enorme delas.” “(...) as tecnologias são muito frágeis, elas falham muito (...)”	2
	CM3: “(...) todas as coisas podem ser fantásticas mas quando usadas para o mal, também são fantásticas para o mal.” “Por exemplo há uma certa quebra do anonimato, hoje de certa forma, com a utilização dos cookies e com essas coisas para tentarem perceber quais é que são as nossas escolhas e as nossas opções ficam a saber muitas coisas sobre nós e às vezes ... se essas informações fossem usadas só para o bem, não vejo limitação nenhuma e sou adepto incondicional. Pronto, o problema é que há gente sempre mal-intencionada. É preciso ter atenção a esses pormenores.”	2
	CM4: “(...) também não temos tudo em acesso, quer dizer, é preciso compreender que o acesso às tecnologias, nem tudo está em aberto.”	1
	CM5: “(...) se o objeto de transporte seja o telemóvel ou o tablet nós perdemos ou deixa de funcionar, nós não sabemos nada. Nem números de telefone. Quer dizer, não sabemos nada porque está tudo lá metido.” “(...) Se a gente perder o nosso material, não é? As pessoas podem ter acesso às nossas coisas, embora haja codificações que nós façamos.” “Para mim, em termos de fotografias, é muito interessante	4

	ter as fotografias todas guardadas, mas deixámos de ter o formato papel. O que para mim é uma desvantagem, porque eu gosto de ver [gosta de ver a informação em suporte papel].”	
		Total: 9
Inferências	<p>Dos cinco entrevistados, apenas quatro apontaram algumas desvantagens, obstáculos ou limitações na utilização das TIC para fins pessoais, evidenciando-se percepções distintas. Dois dos coordenadores (CM 1 e CM5) referiram a dependência que se cria relativamente à utilização das TIC, principalmente quando estas falham. Outra desvantagem manifestada é o facto de se poder perder um pouco o anonimato (ex: cookies) e de se poderem utilizar as informações para fins mal-intencionados. Neste caso, uma outra desvantagem é também associada às questões de segurança. Um dos obstáculos apontados é a indisponibilidade de acesso, porque nem tudo está disponibilizado. Num outro extremo, foi também referido o facto de haver uma tendência para se desmaterializarem os documentos, o que não deverá ser feito, dado que continua a ser necessário ou haver a possibilidade de se continuar a usar o suporte em papel.</p>	

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
<p>1.2. Para fins profissionais/docência que importância atribui às TIC? Exemplos de utilização.</p>	<p>CM1:</p> <p>“Nas aulas, naquilo que diz respeito a atividades de docência as TIC são muito importantes porque me permitem estar mais atualizado.”</p> <p>“(…) as apresentações em PowerPoint, são um apoio muito grande para podermos leccionar.”</p> <p>“(…) correio electrónico, plataformas como o moodle ou plataformas que sejam criadas para este fim, como sejam as ferramentas digitais que possam também ser as redes sociais que são importantes.”</p>	3
	<p>CM2:</p> <p>“(…) em termos profissionais, utilizo muitíssimo base de dados”.</p> <p>“(…) utilizo para pesquisa, artigos, livros ebooks.”</p> <p>“(…) em termos de docência é sobretudo para os alunos, fazer pesquisas para mim, documentos, atualização de dados etc. e para levar os alunos também a habituarem-se a irem procurar em organizações, bases de dados, pois obrigo os alunos a fazerem em determinadas disciplinas trabalhos que obrigatoriamente têm de ir procurar dados, relatórios, a bases de dados fiáveis com informação específica para aquela disciplina. Quer portuguesas, o caso da Pordata, quer internacionais.”</p>	3

	<p>CM3:</p> <p>“Sim. Já utilizo o PowerPoint há vários anos.”</p> <p>“Os datashows e essas coisas todas. Procuo ir atualizando as diversas formas de apresentação. Já quase não sou capaz de dar uma aula sem recorrer a esses aspetos.”</p> <p>“Utilizo a ‘nuvem’, coloco as coisas na ‘nuvem’(...)”</p> <p>“(…) Utilizo o moodle.”</p> <p>“(…) eu praticamente tenho a minha informação toda no computador.”</p> <p>“Eu tenho três pens que andam sempre comigo, onde a informação está toda.”</p>	6
	<p>CM4:</p> <p>“Há diversos, nós temos aqui o B-on,”</p> <p>“(…) mas tirando isso tenho até mesmo o realp latino americano, quer dizer, eu tenho um conjunto, pelos compromissos e relações que eu tenho, de bases de dados em que eu consulto a informação, preparo (...)”</p> <p>“(…) vejo vídeos... quer dizer, tudo aquilo que me possa trazer uma mais-valia, quer para pessoalmente, para a elaboração dos meus estudos, quer para as aulas.”</p>	4
	<p>CM5:</p> <p>“Em termos profissionais eu uso em tudo, em tudo o que tenha a ver com a minha vida profissional. Desde a preparação das aulas, desde a apresentação das aulas.”</p> <p>“Ainda agora estava a fazer uma folha Excel com todos os contactos dos meus alunos (...)”.</p> <p>“Uso as TIC, nem só o computador, mas enfim, outras tecnologias, para toda a minha vida profissional.”</p>	3
		Total: 19
Inferências	<p>Todos os entrevistados, sem exceção, referem utilizar as TIC para fins profissionais, no âmbito da docência. O computador apresenta-se como um suporte que permite o acesso às diferentes bases de dados e outros recursos onde se enquadram as folhas de cálculo (ex: Excel), o programa de apresentação eletrónica (ex: Powerpoint), as plataformas LMS (ex: Moodle) e diversos vídeos (ex: Youtube), como apoio e complemento dos conteúdos. Numa outra vertente, os recursos digitais englobam ainda dispositivos de armazenamento de informação (ex: pen; nuvem/Cloud) que se valorizam por facilitarem o acesso à informação. Um outro aspeto evidenciado teve a ver com a utilização de e-mail e das redes sociais como ferramentas que estão associadas à comunicação entre os docentes e os respetivos estudantes. Um outro recurso referido diz respeito aos recursos digitais associados à Biblioteca <i>B-On</i>.</p>	

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
<p>1.2.1.</p> <p>Para fins profissionais/docência que importância atribui às TIC?</p> <p>Vantagens</p>	<p>CM1:</p> <p>“(…) faço várias pesquisas e tento estar em dia com aquilo que sai de novo.”</p> <p>“(…) constituem um material fácil, é barato portanto não temos problemas em gastar dinheiro a fazer impressões ou algo do género, enviamos tudo em via digital.”</p> <p>“E é muito simples chegarmos aos nossos alunos.”</p>	3
	<p>CM2:</p> <p>“(…) aquelas [bases de dados] que é possível aceder através do Instituto (…).”</p>	1
	<p>CM3:</p> <p>“Às vezes faço pesquisas para ver determinadas temáticas, ver o que é que os colegas estão a fazer noutros sítios.”</p> <p>“Em tempos tive uma página pessoal (…). Eu colocava lá, na minha página, tudo o que era preciso para os meus alunos.”</p> <p>“Então o ano passado experimentei usar o moodle, que nunca tinha experimentado e gostei de usar.”</p>	3
	<p>CM4:</p> <p>“Há muitas vantagens, claro! Se nós andássemos sempre como antigamente a viajar de um lado para o outro para ir sempre aos arquivos, às bibliotecas ... não sei quantos ... Hoje não, hoje posso, tranquilamente, ter esse acesso.”</p> <p>“(…) é preciso dizer que as TIC vieram favorecer, desde a década de setenta, do Século passado, que se evoluiu.”</p> <p>“(…) o uso que eu dou das TIC no processo de ensino/aprendizagem, portanto em termos de lecionação ou de unidades curriculares, sim, muito útil, para que os alunos possam procurar em simultâneo.”</p>	2
	<p>CM5:</p> <p>“Parece-me que as TIC vieram facilitar-nos muito a vida.”</p> <p>“(…) eu acho que em termos profissionais é uma vantagem enorme.”</p> <p>“Hoje em dia nós não precisamos de sair praticamente do nosso local.”</p>	3
		Total: 12
Inferências	<p>Todos os entrevistados referiram aspetos vantajosos relativamente à utilização das TIC, de uma forma consensual, referindo: a facilidade de acesso à informação, sem necessidade de se viajar; a possibilidade de se partilhar informação; o facto de ser económico, ao evitarem-se impressões; promover a</p>	

	aproximação entre docentes e alunos, alcançando-se facilmente o destinatário da informação; uma ferramenta útil para a leção na disponibilização da informação.
--	---

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
<p>1.2.2.</p> <p>Para fins profissionais/docência que importância atribui às TIC?</p> <p>Desvantagens, obstáculos e limitações.</p>	<p>CM1:</p> <p>“Obstáculos e limitações [eu] encontro.”</p> <p>“(…) acho que a relação pedagógica tem de ser uma relação pessoal. Muitas vezes as tecnologias são muito frias a esse nível.”</p> <p>“Em termos desfavoráveis, no caso da docência cada vez mais somos obrigados a utilizar plataformas de gestão académica e isso, quer queiramos quer não, obriga-nos a utilizar as tecnologias. E às vezes facilita-nos, outras vezes não, pois são mais morosas mais burocráticas.”</p> <p>“Mas o problema é sempre o mesmo é não entender o que se está a passar, bloquear os computadores (…) são obstáculos e problemas que surgem a este nível.”</p>	4
	<p>CM2:</p> <p>“(…) a B-On tem pouco acesso a áreas das ciências sociais e humanas. É muito reduzida ao que diz respeito a essas áreas, portanto, aí têm alguma dificuldade quer a recomendar aos alunos, recomendo, mas eles queixam-se, quer para mim própria.”</p> <p>“A base de dados B-On tem um conjunto de pacotes que o Instituto paga e efetivamente nesses pacotes estão pouco contempladas as áreas das ciências sociais e humanas, portanto ou há um alargamento dos pacotes, ou há um alargamento a outras bases de dados, que existem várias e várias instituições de ensino superior têm.”</p>	2
	<p>CM3:</p> <p>“(…) ainda uso o papel, eu para apreciar numa atividade de apreciação, de avaliação, etc. O papel dá-me uma panorâmica que o computador ainda não me consegue dar. Só se tivesse um ecrã grande onde aparecessem as coisas ... mas isso às vezes não é possível.”</p> <p>“Por exemplo se usarmos o SPSS, em vez de usar Excel, o SPSS já não nos permite fazer aquele copy e paste. E isto são limitações quando usamos mais do que um programa, mais do que uma ferramenta.”</p>	2
	<p>CM4:</p>	4

	<p>“(…) as TIC não é tudo.”</p> <p>“(…)documentos antigos que estão nos Centros de documentação e arquivos específicos e não estão lançados na Rede, por isso é que eu ainda recorro a esses centro de documentação específicos.”</p> <p>“(…)eles [Centros de documentação e arquivos] lá têm tudo informatizado. Coisas que eu não posso aceder desde aqui.”</p> <p>“Sim é um entrave, porque há coisas que são muito reservadas, não são disponíveis, é assim, pela REDE, não é.”</p>	
	<p>CM5:</p> <p>“(…) a única coisa desfavorável é que a gente dispersa-se um bocadinho. Porque tão depressa estamos numa coisa como passamos para outra e às vezes acabamos por nos dispersar.”</p>	1
		Total: 13
Inferências	<p>Relativamente às desvantagens, obstáculos e limitações da utilização das TIC para fins profissionais/docência, foram evidenciadas algumas sem que tenha existido uma certa consistência. O facto de existirem algumas limitações nas informações disponíveis, quer pelo motivo de serem documentos antigos e também por alguns desses documentos não estarem completamente disponíveis. Também foram apontadas como desvantagens a ‘frieza’ que as TIC promovem na relação interpessoal e também porque há quem defenda, por rotinas e hábitos já bem cimentados, continuar a preferir o suporte papel que lhes dá uma maior confiança. Num outro domínio, há também referências à fiabilidade das tecnologias. Um dos entrevistados apontou como motivo desfavorável da utilização das TIC a dispersão que elas podem promover pelo excesso de oferta informativa.</p>	

Categoria 2:

- Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente aos recursos digitais online que utilizam para efeitos de investigação.

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
<p>2.1.</p> <p>Utilização de recursos digitais online, ao nível de Investigação.</p> <p>Exemplos de utilização.</p>	<p>CM1:</p> <p>“(…) ao nível da internet temos uma fonte infindável, quase inesgotável de conhecimento, de informação, que está disponível para gerar conhecimento.”</p> <p>“(…) costumo utilizar o Repositório Nacional, o famoso RCAAP”</p> <p>“(…) Google académico”</p> <p>“(…) a B-On”</p>	6

	<p>“Skype”</p> <p>“(…) redes de investigadores.”</p>	
	<p>CM2:</p> <p>“(…) tudo o que sejam Institutos Nacionais de Estatística, Eurostat, Nações Unidas, Pordata, são por eleição as preferidas.”</p> <p>“Bases de dados específicas de dados,”</p> <p>“(…) Pordata.”</p> <p>“(…) Eurostat.”</p> <p>“(…) ONU.”</p> <p>“ Depois recorro a bases de dados de revistas e livros.”</p> <p>“(…) a JSTOR (…).”</p>	7
	<p>CM3:</p> <p>“Primeiro, se quisermos estar a par daquilo que já foi feito, temos de consultar repositórios, repositórios das Instituições de Ensino Superior (RIES), consultar bibliotecas online, consultar a internet.”</p> <p>“Utilizo mais a B-On.”</p> <p>“Repositórios Científicos.”</p> <p>“Utilizo o SPSS para tratamento estatístico.”</p> <p>“(…) utilizo várias plataformas de ... principalmente o office.”</p>	5
	<p>CM4:</p> <p>“É preciso matizar que utilizo mais as bases de dados, porque são mais específicas nas áreas que eu pretendo investigar”.</p> <p>“Eu como investigador, mais historiador, a investigar o Século XVIII, você me dirá se tenho acesso a documentos ... agora se for sobre o Século XX e da atualidade, sim.”</p>	2
	<p>CM5:</p> <p>“Utilizo a B-On.”</p> <p>“Utilizo muito o Repositório Científico, o RCAAP.”</p>	2
		Total: 22
Inferências	<p>A B-On e o RCAAP foram os recursos apontados com maior realce seguindo-se as bases de dados das seguintes instituições: o INE, o Eurostat, a ONU, a JSTOR. De acordo com as opiniões manifestadas são estes os recursos digitais <i>online</i> que são mais privilegiados ao nível da investigação, pelos Coordenadores de Mestrados. Apenas um entrevistado referiu utilizar o Google</p>	

	Académico e o <i>Skype</i> . As Bibliotecas <i>online</i> foram ainda outro recurso digital <i>online</i> identificado como sendo outro dos preferidos para a atividade de investigação. Pode-se inferir que todos os entrevistados fazem uma utilização homogénea e, ao mesmo tempo, heterogénea por saberem quais os recursos que devem utilizar para cada finalidade.
--	--

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
2.1.1. Utilização de recursos digitais online, ao nível de Investigação. Vantagens.	CM1: “As vantagens são a acessibilidade.” “(...) a quantidade de informação disponível.” “(...) a credibilidade.” “(...) através de algumas redes de investigadores que nós conhecemos, conseguimos também entre nós trocar muitas informações e isso também é importante e que só é possível através das tecnologias.” “(...) as reuniões que são feitas via <i>Skype</i> em que nós podemos dialogar facilmente.”	5
	CM2: “Repare, isto são tudo vantagens desde que nós tenhamos acesso.” “Vantagens são, e eu tenho um percurso de investigação que quando fiz o meu doutoramento a maior parte dos dados estatísticos que eu precisava não estavam online, eu tinha de os pedir diretamente aos Institutos Nacionais de Estatística para além de serem pagos era demorado. Atualmente, eu tenho todos esses dados (...) digitalizados.” “(...) isto é um salto qualitativo imenso.” “Isso é fantástico, sobretudo, para quem não está nos grandes Centros, que tem acesso às Bibliotecas gerais.”	4
	CM3: “Os Repositórios das Instituições de Ensino Superior (RIES), são muito muito importantes porque nos permitem perceber a investigação que lá foi feita.” “Eu tenho dito sempre aos meus alunos que uma prova de sabedoria e de capacidade e de qualidade é sermos capazes de referenciar aquilo que ... hoje já não há sábios e, portanto, bons são aqueles que conseguem utilizar o conhecimento produzido pelos outros. E a única forma de dizer que são capazes de utilizar o conhecimento produzido pelos outros é referenciar.” “O que tem valor é ser capaz de usar a informação	4

	<p>disponível. Portanto quanto mais e maior for o número de referências bibliográficas se colocarem num trabalho, melhor.”</p> <p>“O Office tem sido muito útil para as minhas investigações porque tem aquela possibilidade múltipla de usar gráficos, e usar Excel, de usar texto, de usar PowerPoint. Permite aqui uma série de utilizações que a gente cola e copia e torna tudo muito mais fácil.”</p>	
	<p>CM4:</p> <p>“Hoje nós acedemos porque o número de páginas é muito curto e então acede-se rápido.”</p>	1
	<p>CM5:</p> <p>“As vantagens, sem dúvida, que são muitas.”</p> <p>“(…) a pesquisa feita no local onde estamos, sem termos de sair do nosso local de trabalho, ou da nossa casa, ou do nosso escritório confortável, e fazemos a pesquisa a partir de um clic, que é uma coisa que não se fazia.”</p>	2
		Total: 16
Inferências	<p>Todos os entrevistados, referiram vantagens na utilização dos recursos digitais <i>online</i> ao nível da investigação. A acessibilidade foi a vantagem mais enumerada, denotando-se que o acesso facilita a obtenção da informação, evita transtornos de deslocações e é mais económico. Facilmente se pode obter e aceder a exemplos de outras investigações dando-se mais visibilidade. Esta maior visibilidade pode vir a proporcionar condições para uma maior facilidade em comunicar com outros investigadores, como é o caso ao utilizar-se o <i>Skype</i>, que reforça as relações interpessoais e facilita o diálogo.</p>	

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
<p>2.1.2.</p> <p>Utilização de recursos digitais online, ao nível de Investigação.</p> <p>Desvantagens,</p> <p>obstáculos e</p>	<p>CM1:</p> <p>“É nós não olharmos para o papel.”</p> <p>“(…) quando a internet não funciona.”</p> <p>“(…) para termos acesso a estas bases de dados, às vezes têm de ser pagas.”</p> <p>“(…) termos que pertencer a um centro de investigação, ou a uma instituição de ensino superior para podermos aceder a algumas bases de dados.”</p> <p>“(…) quando os utilizadores não têm conhecimentos muito aprofundados relativamente, por exemplo à qualidade dos</p>	6

limitações.	sites na internet.” “Para muitas pessoas é o problema da língua, porque sabemos que de um modo geral é o inglês que prevalece (...)”	
	CM2: “A desvantagem é que há muitas bases de dados (...) de revistas e livros electrónicos que dependem dos pacotes que as Instituições comprarem e aí se as Instituições não tiverem para determinadas áreas, obviamente, pode ser um constrangimento no desenvolvimento da investigação.”	1
	CM3: “Há quem ache que há desvantagens (...) têm a ver com a cópia, com a cópia não autorizada, com a falta de referênciação.” “O obstáculo é que às vezes há a tentação de o estudante, no meu entender, (...) para copiar uma coisa e colocar como se fosse dele.” “O maior obstáculo, de facto, é as pessoas não fazerem ou não usarem os procedimentos corretos, sempre. Portanto o problema da informática é sempre quando a usamos indevidamente.”	3
	CM4: “(…) há coisas que temos de comprar. Mesmo em termos de investigação.” “O conhecimento e o saber pagam-se.” “(…) nem tudo está em aberto. Eu como investigador, como historiador, requeiro um documento, esse não está ali. “(…) eu tenho uma procura de conhecimento muito específico, que não se encontra em aberto.” “Tenho de me deslocar lá e pedir.” “(…) um documento, um livro com quatrocentas páginas. Esse é pesado, primeiro que abra ... depende da época.”	6
	CM5: “A única desvantagem que posso apontar é que há tanta informação que a gente tem de aprender a seleccioná-la.” “(…)temos tanta informação que nem sabemos o que fazer com ela.” “(…) era muito importante aos nossos alunos, de mestrado e aos de licenciatura a orientação de como parar e quando parar e o que há que seleccionar.”	3
		Total: 18

Inferências	<p>O facto de ser necessário o pagamento para se aceder a determinados tipos de documentos foi apontado como um obstáculo à prática da investigação. A possível falta de referência, é outro dos motivos que foi referido como desvantagem da utilização dos recursos digitais <i>online</i> para efeitos de investigação. Outro entrevistado apontou ainda o facto de existir muita informação na internet, o que poderá levar o investigador a ter de desenvolver estratégias de seleção. É ainda considerado por outro entrevistado a provável falta de conhecimentos muito aprofundados relativamente à qualidade dos <i>sites</i> na internet, o que poderá conduzir o utilizador a informações menos credíveis se não forem tomadas precauções. Num outro patamar, foi também indicada a necessidade de se pertencer a centros de investigação como forma de poder vir a ter acessibilidade gratuita a um maior número de bases de dados. Ou seja, a maior ou menor acessibilidade a estas fontes digitais parece ter uma relação direta com o nível de importância de cada instituição.</p>
-------------	--

Categoria 3:

- Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao Repositório Científico/Digital do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB), enquanto Coordenadores.

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
3.1. A importância atribuída ao RCIPCB, relativamente ao mestrado que coordena.	<p>CM1:</p> <p>“(…) sinto que o Repositório é muito importante.”</p> <p>“É muito importante porque ele é uma mostra, é uma janela, é uma mostra que permite que qualquer indivíduo da comunidade nacional ou internacional conheça e reconheça o que estamos a fazer no instituto em termos de investigação.”</p> <p>“O Repositório tem essa função, essencial, tornar visível o que nós fazemos em termos de investigação.”</p>	3
	<p>CM2:</p> <p>“Como coordenadora do mestrado eu acho que o Repositório é uma mostra aberta da investigação que se faz no Instituto.”</p> <p>“(…) o facto de nós podermos disponibilizar a investigação que se faz no âmbito dos mestrados na base de dados é uma vantagem porque permite às pessoas quer da Instituição, quer fora da instituição terem acesso ao que aqui se faz.”</p> <p>“(…) acho bem, colocar as investigações que têm sido feitas nos âmbitos dos mestrados.”</p>	3
	<p>CM3:</p> <p>“(…) o Repositório é fundamental para os alunos terem</p>	1

	acesso, já que mais não seja, à investigação produzida pelos seus próprios professores (...) do mestrado que, em princípio, deviam ter os seus trabalhos no repositório.”	
	<p>CM4:</p> <p>“Sim tem utilidade, mas é uma utilidade limitada.”</p> <p>“O Repositório é o lançamento de tudo.”</p> <p>“Repositórios são uma rede de artigos, que é real (...) em que temos acesso àqueles trabalhos que os professores realizam e que, ou então orientam. Que é o caso das teses.”</p> <p>“(…) ficamos a conhecer o que se produz aqui.”</p> <p>“E os alunos também estão incluídos, à medida que vão terminando as suas teses de mestrado.”</p>	5
	<p>CM5:</p> <p>“Como coordenadora, eu não consigo dissociar a coordenação do facto de também ser professora.”</p>	1
		Total: 13
Inferências	Todos os coordenadores de mestrado afirmaram a relevante importância que o RCIPCB possui. O RCIPCB funciona como uma ‘montra’, uma ‘janela’ que permite demonstrar ao mundo todo o trabalho de investigação e, em particular, no âmbito dos mestrados do IPCB. Para além desta visibilidade (nacional e internacional) constitui também uma forma de medir a produção científica e, em simultâneo, legitimar essa mesma investigação. Um outro aspeto tem também a ver com a possibilidade de se poder disponibilizar e aceder a investigação recente.	

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
3.2. Tipo de utilização realizada com este recurso digital.	<p>CM1:</p> <p>“ Olhe pesquisas, muitas pesquisas.”</p> <p>“(…) eu falo para os meus alunos (...) a quantidade de informação que aí se encontra depositada é em língua portuguesa.”</p>	2
	<p>CM2:</p> <p>“ Não utilizo.”</p> <p>“ No caso do RCIPCB, vamos lá a ver, como coordenadora não tem um trabalho específico.”</p>	2
	<p>CM3:</p> <p>Eu falo-lhes [aos alunos] sempre no repositório, [RCIPCB].”</p>	1

	<p>CM4:</p> <p>“Mesmo como coordenador que queira consultar um documento que esteja no repositório e que está lá limitado o acesso, eu não posso, tenho de pedir autorização ao autor.”</p> <p>“Como coordenador fico igual como os alunos.”</p>	2
	<p>CM5:</p> <p>“Como coordenadora do mestrado recorro pouco, digamos assim, ao Repositório.”</p>	1
		Total: 8
Inferências	Como coordenadores, os entrevistados, de forma maioritária, afirmaram que não utilizam muito o RCIPCB. No entanto dois dos entrevistados revelaram que sempre vão falando no RCIPCB aos seus alunos, apresentando como vantagem o facto da informação ali depositada ser em língua portuguesa, facto que muito agrada aos estudantes.	

Categoria 4:

- Opinião dos Coordenadores de Mestrado relativamente ao impacto do RCIPCB no seio do Curso de Mestrado que Coordena e a importância do mesmo para os respetivos mestrandos.

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
<p>4.1.</p> <p>Grau de importância que confere ao RCIPCB.</p> <p>Para o curso de mestrado e para efeitos de investigação a realizar pelos mestrandos.</p>	<p>CM1:</p> <p>“(…) o seu valor é enorme, é extremo a este nível. É uma forma de publicitar, de mostrar e também de serem rentabilizados os nossos recursos, enquanto investigadores, dentro do Instituto.”</p> <p>“(…) é importante que se sinta (…) que eles sintam que há potencial naquele curso e isso é demonstrado através da investigação.”</p> <p>“Eu penso que é um estímulo para estes mestrandos de forma a que eles consigam perceber o que pode ser feito e o potencial que os mestrados têm em termos do desenvolvimento de competências que lhes permita fazer investigação.”</p> <p>“Porque um dos requisitos da qualidade dos mestrados é fazer com que todos os seus alunos terminem com uma investigação.”</p>	4
	<p>CM2:</p> <p>“(…) é importante porque é uma montra para o exterior</p>	2

	daquilo que nós fazemos.”	
	“Sim, confiro-lhe importância nessa perspetiva das nossas investigações poderem estar nesse Repositório, poderem ser vistas por outros alunos, quer do mestrado, ou seja, podermos ver o que outros alunos fizeram noutros anos, mas também pessoas de outras instituições poderem ver o que realmente nós fazemos.”	
	CM3: “(…) o Repositório é fundamental para os alunos terem acesso.”	1
	CM4: “O RCIPCB é uma mais-valia, mas não é só.”	1
	CM5: “(…) o Repositório é o ponto de partida para muita coisa. É muito importante que exista o RCIPCB.” “Porque não é só as teses, eu estou aqui a falar de teses, mas eles recorrem, também, muito a artigos ... porque, está tudo em português. É preciso não esquecer isto. E isso é uma enorme vantagem.”	2
		Total: 10
Inferências	Todos os entrevistados, sem exceção, referem que o RCIPCB é de extrema importância para os cursos de mestrado e para a investigação a ser realizada pelos mestrados. O facto de os mestrados poderem visualizar trabalhos concluídos por outros colegas pode constituir um estímulo. Convém assinalar que esta divulgação das investigações tem várias dimensões que podem demonstrar o potencial do mestrado, constituir um fator de promoção do mesmo e também permite que se possam fazer comparações com outras investigações realizadas no IPCB e/ou noutras instituições. Nesta perspetiva, pode ser um convite à candidatura de futuros mestrados, uma vez que o RCIPCB lhes permite constatar, através das investigações disponibilizadas, o potencial de cada curso. Uma última nota prende-se também com o facto de toda esta documentação estar em língua portuguesa, o que facilita o seu acesso pelos estudantes.	

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
4.2. Iniciativas adotadas no sentido de promover a utilização do RCIPCB junto dos mestrandos.	<p>CM1:</p> <p>“Mostrar-lhes. Eu mostro nas aulas, aos mestrandos, exemplos concretos.”</p> <p>“Arranjo atividades que os obrigue a consultarem o Repositório, a irem lá, a retirarem documentação, a discuti-la e isso é uma forma deles verificarem o que lá está.”</p> <p>“(…) é uma estratégia que eu implemento, (….) para os estimular (….) para que eles possam também acabar e concluir o seu curso de mestrado a fazerem a investigação correspondente.”</p>	3
	<p>CM2:</p> <p>“Principalmente quando lhes peço determinados tipos de trabalhos em que eles têm de fazer, por exemplo, uma revisão da literatura e sugiro-lhes começarem, exatamente, por trabalhos de investigação que já foram feitos.”</p>	1
	<p>CM3:</p> <p>“Eu falo-lhes sempre no Repositório.”</p>	1
	<p>CM4:</p> <p>“Quando se realiza qualquer trabalho e subentende-se que um trabalho ao nível do ensino superior é científico, claro que se aconselha a consultarem em primeiro lugar o Repositório.”</p>	1
	<p>CM5:</p> <p>“(…) eu indico muito aos meus alunos a utilização do Repositório científico do IPCB (RCIPCB). Aliás é a primeira indicação que eu dou sempre, é o RCIPCB.”</p> <p>“(…) eu abro, ensino-lhes a entrar, ensino-lhes a fazer e depois a pesquisar.”</p> <p>“(…) a melhor iniciativa junto dos meus mestrandos (….) é precisamente incentivá-los à procura de uma tese para poderem analisar, no Repositório científico da ESE.”</p> <p>“E a primeira procura é sempre no Repositório da ESE.”</p>	4
		Total: 10
Inferências	<p>Todos os coordenadores entrevistados foram unânimes em conferirem importância ao RCIPCB. Para o efeito, todos afirmaram que fazem a sua divulgação junto dos estudantes, quer através de exemplos, quer na promoção de atividades de investigação orientada (ex: revisão de literatura). Também se pode inferir que este contacto com o RCIPCB pode servir como um estímulo para as investigações que esses estudantes têm de realizar.</p>	

Subcategoria	Indicadores	Nº Registo Ocorrências
<p>4.3.</p> <p>Qual o impacto do RCIPCB para os mestrados, a funcionar na ESECB e nos respetivos mestrados/investigados res.</p>	<p>CM1:</p> <p>“O impacto é positivo.”</p> <p>“(…) sabemos que um determinado curso de mestrado já conseguiu que fossem feitas um conjunto de investigações significativas, isto demonstra a sua fortaleza.”</p> <p>“(…) há uma coisa que é importante. Quando eles fazem investigação o seu trabalho vai para o Repositório e isso, acho que dá um certo orgulho, uma certa vaidade, positiva.”</p> <p>“Porque estando no Repositório, estão no mundo.”</p> <p>“Qualquer pessoa pode aceder a isso e não há nada melhor para o investigador que ser visto e reconhecido por todos a nível global.”</p>	5
	<p>CM2:</p> <p>“Já referi a visibilidade.”</p> <p>“Se efetivamente eles desenvolveram determinado tipo de investigação que seja necessário, quase sempre é necessário, ver o que tem sido feito, obviamente que o estar no Repositório facilita a consulta do que apenas os trabalhos estivessem só na biblioteca.”</p> <p>“E sobretudo para os trabalhadores estudantes é uma enorme mais-valia, porque eles podem consultar em casa, não precisam de vir para a biblioteca.”</p>	3
	<p>CM3:</p> <p>“É importante, provoca sim impacto, mas era importante facilitar a colocação dos documentos, porque o meu maior problema é não ter de ser o próprio docente a colocar lá as coisas.”</p>	1
	<p>CM4:</p> <p>“Claro que sim. Ninguém pode, penso eu, fazer qualquer investigação, seja ao nível do mestrado ou de outro curso, sem consultar o Repositório.”</p> <p>“ Sim, do que lá está, há impacto, claro.”</p>	2
	<p>CM5:</p> <p>“Sim, porque nós começamos com eles nas unidades curriculares.”</p> <p>“Pois a maioria deles não conhecem, não fazem ideia que existe um Repositório. E depois, quando os apanhamos numa fase mais avançada, que é a parte da tese, eles usam bastante o Repositório.”</p> <p>“E eles vão muito e dizem: fui ao Repositório e encontrei esta</p>	3

	e esta tese. Portanto eles recorrem bastante ao Repositório, ao nosso [RCIPCB] e ao nacional [RCAAP], claro!”	
		Total: 14
Inferências	Nesta questão, de um modo global, todos os entrevistados referiram que o RCIPCB provoca um impacto positivo nos mestrados e nos mestrandos/investigadores. Relativamente aos mestrados, cada investigação publicada no RCIPCB demonstra a fortaleza do próprio mestrado e esse facto só pode revelar um impacto positivo que promove um reconhecimento interno e externo. Sendo que o maior impacto se verifica aquando da conclusão das suas investigações e da publicação destas no RCIPCB e estando no Repositório ‘estão no mundo’. Ou seja, o acesso a essa investigação torna-se global e universal que está muito além da Escola Superior de Educação. E, ao mesmo tempo, estas investigações vão constituir um apoio para investigações posteriores.	

7.4. Inquérito por Questionário

O presente Inquérito por Questionário tem como objetivo avaliar o impacto do Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB) na investigação realizada pelos estudantes dos Mestrados a decorrer na Escola Superior de Educação de Castelo Branco (ESECB), no ano letivo 2015/2016, no âmbito das suas atividades de I&D (Investigação & Desenvolvimento). Os dados recolhidos destinam-se a serem utilizados numa investigação de natureza académica, no âmbito do Mestrado em Ciências Documentais da Universidade da Beira Interior.

Toda a informação será anónima, garantindo a necessária reserva de confidencialidade.

O preenchimento total do questionário demorará cerca de 8 a 10 minutos.

Secção A: Caracterização da amostra

1. Frequenta o Curso de Mestrado em:

Atividade Física	
Educação Especial Domínio Cognitivo e Motor	
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	
Gerontologia Social	
Intervenção Social Escolar	

2. Sexo:

Masculino	
Feminino	

3. Idade: _____ anos.

4. Possui uma licenciatura em: _____.

Secção B: Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)

1. Qual (ais) equipamento(s) digital(ais) que mais utiliza?

1.1. Computador pessoal (de mesa)	
1.2. Computador portátil	
1.3. Tablet	
1.4. Smartphone	
1.5. Computador da ESE	

2. Horas diárias de utilização das TIC:

2.1. Uma (1) hora	
2.2. Duas a três (2 a 3) horas	
2.3. Mais de três (3) horas	

3. Tipologia de utilização de Ferramentas Digitais: software/aplicações digitais; motores de pesquisa generalistas; plataformas/motores de pesquisa académicos.
(Nesta questão pode seleciona mais do que uma opção)

3.1. Software/Aplicações Digitais	Para Fins Pessoais	Para Fins Académicos (I&D)
3.1.1. Word		
3.1.2. Excel		
3.1.3. PowerPoint		
3.1.4. Redes Sociais		
3.1.5. Música		
3.1.6. Vídeos		
3.1.7. Outro:		

3.2. Motores de Pesquisa Generalistas	Para Fins Pessoais	Para Fins Académicos (I&D)
3.2.1. Google		
3.2.2. Yahoo		
3.2.3. Sapo		
3.2.4. Bing		
3.2.5. Outro:		

3.3. Plataformas/Motores de Pesquisa Académicos	Para Fins Pessoais	Para Fins Académicos (I&D)
3.3.1. Google Académico (Scholar)		
3.3.2. B-On		
3.3.3. Web of Knowledge		
3.3.4. RCAAP		
3.3.5. RCIPCB		
3.3.6. Scielo		
3.3.7. Outro:		

Secção C: Impacto do Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB)

1. Quando teve conhecimento da existência do RCIPCB?

1.1. Na licenciatura	
1.2. No mestrado:	
1.2.1. No 1º ano	
1.2.2. No 2º ano	
1.3. Na realização da investigação: (RE - Relatório de Estágio; TP -Trabalho de Projeto)	
1.4. Outro:	

2. Como teve conhecimento da existência do RCIPCB, no decorrer da frequência do Mestrado?

2.1. Pelo Coordenador do mestrado	
2.2. Pelos docentes do mestrado	
2.3. Por colegas de curso	
2.4. No site da ESE	
2.5. Pela Bibliotecária	
2.6. Outro:	

3. As afirmações que se seguem têm o objetivo de avaliar o impacto do RCIPCB em atividades de I&D. Para tal vai ser utilizada uma Escala de Likert com valores que variam entre 1 e 5, com a seguinte correspondência: 1 - Totalmente inadequado; 2 - Inadequado; 3 - Adequado; 4 - Muito adequado; 5 - Bastante adequado.

- 3.1. O RCIPCB pode ser útil na realização da minha investigação, porque:

- 3.1.1. Possui um grande número de textos (teses/artigos) em português.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

- 3.1.2. Clarifica a tipologia da investigação a realizar do ponto de vista Institucional (IPCB).

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

- 3.1.3. Inclui trabalhos de investigação no âmbito do mestrado que frequento.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

- 3.2. Gostaria que o meu RE/TP (Relatório de Estágio/Trabalho Projeto) fosse depositado no RCIPCB, porque:

- 3.2.1. Dá visibilidade ao investigador.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

3.2.2. Prestigia a Instituição.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

3.2.3. Constitui uma prova na capacidade de produção I&D.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

3.2.4. Pode contribuir para convites à participação em projetos de I&D.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

3.2.5. Promove a possibilidade de criação de redes de I&D.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

3.2.6. Constitui uma fonte de informação atualizada para apoiar colegas que frequentam o mesmo mestrado.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

3.2.7. Possibilita a divulgação nacional das atividades I&D da ESE/IPCB.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

3.2.8. Possibilita a divulgação internacional das atividades I&D da ESE/IPCB.

1		2		3		4		5	
---	--	---	--	---	--	---	--	---	--

Termina aqui o presente inquérito por questionário, pelo que se agradece o seu contributo ao tê-lo preenchido.

Obrigada!

8. Anexos

8.1. Despacho nº 115/13 Aprovação Depósito Documentos RCIPCB



Instituto Politécnico
de Castelo Branco

DESPACHO Nº 115/13

Aprovação da Política de Depósito de Documentos no Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB)

Considerando que o Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, que procede à terceira alteração ao Decreto-Lei n.º 74/2006 (regime jurídico dos graus e diplomas do ensino superior) veio, através do artigo 50.º, alterar os procedimentos a cumprir pelas instituições de ensino superior em relação às teses de doutoramento, a outros trabalhos equivalentes e às dissertações de mestrado, nomeadamente:

- a) ao não considerar como obrigatório o envio dos respetivos exemplares para o Depósito Legal e para a Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência;
- b) ao determinar a obrigatoriedade do depósito de uma cópia digital destes trabalhos, num repositório integrante da rede do Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), operado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P.;

Considerando que tais alterações obrigam a adequar a Política de Depósito de Documentos no Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco (RCIPCB);

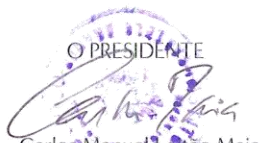
Ao abrigo da alínea j) do nº 2 do artº 26º dos Estatutos do Instituto Politécnico de Castelo Branco, publicados através do Despacho Normativo nº 58/2008, de 6 de novembro e da declaração de retificação nº 78/2009, de 13 de janeiro, aprovo a Política de Depósito de Documentos no Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco, a qual é republicada na íntegra no anexo ao presente despacho, que dele faz parte integrante.

É revogado o despacho nº 07/2012, de 18 de janeiro.

Dê-se conhecimento:

- aos Diretores das Escolas;
- aos docentes;
- aos estudantes;
- às Bibliotecárias

Castelo Branco, 8 de novembro de 2013

O PRESIDENTE

Carlos Manuel Leitão Maia
(Prof. Coordenador)



Processos de gestão, de avaliação e melhoria e dos serviços de recursos humanos, académicos e de apoio social e público e serviços de apoio à gestão.

8.2. Declaração de Autorização para Arquivo no RCIPCB



Instituto Politécnico
de Castelo Branco

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA ARQUIVO NO REPOSITÓRIO CIENTÍFICO IPCB – TESES, DISSERTAÇÕES E RELATÓRIOS FINAIS

Identificação do autor

Nome: _____

BI / CC / Passaporte: _____

Endereço de e-mail: _____ Tel.: _____

Identificação do documento

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Título: _____

Orientador(es): _____

Ano de conclusão: _____

Sem prejuízo da conservação integral dos direitos de autor sobre o meu trabalho de tese/dissertação/relatório final que me permitem usá-la(o) em trabalhos futuros e da obrigatoriedade do respetivo depósito, de uma cópia digital, no Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco, autorizo que a(o) tese/dissertação/relatório final seja disponibilizada(o) no Repositório Científico – IPCB, de acordo com as seguintes especificações:

1. Disponibilização imediata do texto integral do documento, em livre acesso.

Sim

Não

2. Se respondeu **Não** no ponto 1., a(o) a(o) tese/dissertação/relatório final ficará em acesso restrito durante ____ ano(s), após o que será disponibilizada a totalidade do documento para acesso mundial.

Instituto Politécnico de Castelo Branco, ____ de _____, de 20 ____.

Assinatura: _____

Mod.IPCB.DB.01.03